

[DEUS DEDIT, DEUS ABSTULIT]

Há saudades amontoadas nos jardins da nossa infância que florescem com a gota de uma lágrima e embelezam a vida onde quer que estejamos; em carrossel levam-nos à volta, num majestoso arco-íris que faz-nos levar segundos eternos para atravessá-lo; ressuscita sombras oblíquas, partem e repartem com e sem remorsos, deixam-nos nus de tudo menos da dor que acompanha-nos como (mortalha).

"INTER AMICOS NON ESTO JUDEX "

PARTIR PARA LONGE

De mão aberta

*Dou-te os caminhos que percorri,
e, fico com as tristezas que a mim me deste.
Dou-te as flores,
os jardins e a Lua,
e, fico com a escuridão da noite,
adornada de mágoas,
bailando lentamente,
como fantasmas nas trevas;
Projectando sombras nas ruas.*

*Dou-te as almofadas prendadas,
e, fico com os sonhos e decepções perdidas.
Dou-te os Labirintos,
as árvores, e os frutos,
e toalhas bordadas;
Guardo para mim o Fado e as Saudades,
Que ainda existem.*

Olho o relógio, um pouco mais da uma da tarde, é Dezembro, apenas três dias para o Natal.

Com os meus dezanove anos, sentado num banco, com um montão de livros à minha volta... Nunca fui bom estudante, salvo em desenho, que sempre fui o melhor; a isso devo, o ter o meu nome escrito no livro de ouro do Colégio, já nem sei quantas vezes, e uma barafunda de problemas com a professora de desenho. No meu currículo de estudante, marcou mais a minha presença na lista Negra; aí fui o que talvez ganhou mais pontos, negros estão claro, mas até hoje nunca soube o porquê, não me morde a consciência.

Estive seis anos no Infante, quero dizer, seis anos, seis dias e seis saudades que nunca param de bater-me à porta,

para fazer-me companhia, nunca estorvam, não sabem emitir queixumes, não se zangam, e sentam-se comigo, num lugar qualquer, não importa, se está Sol, se está Lua, deitando por menos o vento, o frio, *e leva-me, ele à frente, eu atrás teimoso, sempre empurrando...* abrindo caminhos por dunas de areia, que não são de areia, são folhas caídas, por montes de sois, por marés de algodão prendadas de estrelas, como árvores de Natal, e que nos faz cobiçar uma; e em todos estes anos lá estava, *eu não, o meu retrato a corpo inteiro*, com todo o tempo que tive de percorrer todas as salas de aulas, *uma para cada ano*, paro na última, é a minha preferida; tinha, já nem sei quantas portas janelas, e a minha secretária tinha uma dessas portas à esquerda, e outra na retaguarda, *eu acrescentando por gosto outra mais à direita, outra em frente*; vivia livre como um pássaro, num Céu de manga de vidro, e prisioneiro de pesa papéis, mas sem os problemas que hoje tenho, *eu a pensar que antes tinha...da mesma maneira que pensou quem não tinha*, o que nessa altura tinha tempo e jeito para apreciar a Natureza; escusado será dizer, que, a maior parte das negativas com rascunhos *gatafunhos arábicos, e rubricas a vermelho, sem graça, escritas sempre em vermelho, como se o azul, o verde, o preto, o amarelo, não existissem, sempre em vermelho disfarçados como bandeiras comunistas...* e castigos em frente de um espelho enorme, que quase tomava todo o corredor, fazendo-nos caretas, *e eu sempre sem medo dele, indo-me encerrar nas minhas portas, sentava-me fingindo ler, e o bruto a fazer-me caretas, eu a mandá-lo à fava. E ele a fazer-me caretas...*

Foi na Quinta ao lado que nos momentos mais solitários me enfiava por entre os pinheiros, salpicados de morangos, *hoje já não tem morangos, nem pinheiros, tem saudades, está salpicado de saudades...* foi lá que escrevi as minhas primeiras poesias. Era aí que nos juntávamos, para contar

os contos da semana, *sempre havia contos... da moça lá da terra, da irmã do colega, da amiga da irmã, da prima deste, e a daquele, da mãe do outro, sempre havia contos...* Dos meus colegas os mais amigos, eram o Daniel a quem chamávamos o "Charneca ", e o Santos, o Charneca imigrou para a Venezuela e hoje, é Engenheiro civil, o Santos por lá ficou, com o posto de Capitão de infantaria; teve a infeliz sorte de ter prestado serviço na Guiné.

Sou pauleiro, e como tal é justo que antes de mais nada, fale da minha queridíssima terra. O Paúl do Mar, é uma freguesia à maneira de presépio à beira mar, na sombra de um monumento antigo, onde um Santo lá bem no alto, de bengala na mão segura um rochedo encantado, que Deus e os Anjos trataram de ampliar mil vezes, não só para que admirassem o mais belo pôr-do-sol na Pérola do Atlântico, mas também para saudá-lo, quando ele dá o último suspiro em verde.

O nome de Paúl derivou do chão da Ribeira das Galinhas e Serrado da Cruz, e, mais umas terras alagadiças, que se estendiam até o Serradinho, e o do mar para diferenciá-lo do Paúl da serra, que já era conhecido.

Foi fundado por três casais que se instalaram no chão da Ribeira, mais tarde passando a chamar-se sítio da Ribeira

das Galinhas, porque por aí passava a ribeira do mesmo nome; até 28 de Dezembro de 1676, o Paúl (ainda não estava unido com a Quebrada), pertencia à freguesia do Estreito da Calheta. Também pelo mesmo tempo apareceram mais dois casais que escolheram o lugar mais chão da Quebrada, e construíram a primeira casa no lugar onde chamaram de Cabouco; hoje está tão esquecido, mas foi neste preciso lugar que foi construída a capela, que hoje é Igreja, ao norte, mesmo ao lado é o Serradinho. Estes fundadores, tanto os que se instalaram no chão da Ribeira das Galinhas, como os que se instalaram no Cabouco trouxeram animais domésticos, um deles foi a ovelha, nessa altura era um dos animais mais importantes, não só pelo leite, e carne, mas principalmente pela lã; o cão como companheiro incansável também não foi esquecido, e muitos outros mais, galinhas, patos; nesse então, abundava na região a perdiz e o coelho. As primeiras casas, foram construídas de muros de pedras sobrepostas, umas às outras, unidas com uma pasta à base de barro e cinza, essa massa era usada mais na parte interior. Os primeiros alisares das portas e janelas foram de pedra lascada, mais tarde deram-se ao luxo de talhá-los em pedra vulcânica. Depois das quatro paredes levantadas, punham-lhe um tecto de feno seco às camadas, o que tempos depois usaram para o mesmo fim a palha de trigo; junto à casa construíam mais três paredes, e aí faziam a cozinha com uma lareira em cima de uma pedra lascada, onde cozinhavam; ao lado, logo que podiam, faziam um forno talhado em pedra vulcânica com forma oval, de várias peças, com uma base plana; essas peças eram unidas umas às outras com uma pasta de cinza e cal. No interior dessas primeiras casas, estavam divididas por paredes de duas camadas feitas a cana, amarradas umas às outras em vertical, contra umas outras em forma de travessões em horizontal, de maneira

que os travessões ficavam entre as duas paredes verticais. O linho foi nesse começo muito cultivado, usavam o caldeirão, lugar que chamaram ao fundo da ribeira de São João, para amolecer a casca, antes de ser batido; havia um tear feito de urze, uma madeira muito forte, e própria da Madeira, chegou a haver quatro teares; à tardinha, as mulheres, depois da ceia, reuniam-se e fiavam, à volta de uma fogueira que conservavam acesa numa das casas, ao produto da lenha queimada dia e noite davam-lhe uma infinidade de usos, usavam-no para embranquecer o pano-cru, a pasta, para as plantas, e muitas outras coisas.

Quando por azar faltava o lume, tinham que ir muitas vezes a lugares distantes para o conseguir. Um outro cultivo foi o vinho e a batata-doce, e só mais tarde apareceu a cana-de-açúcar. Porém, uma outra mudança apareceu no Paúl, e onde foi cultivada a cana-de-açúcar, hoje, aparece em seu lugar a bananeira. O Paúl é sem dúvida uma terra de contínua evolução; ***Tudo muda, e o que se deixou atrás é esquecido.*** Quanto às árvores, a figueira, a nespereira, a mangueira, e a amoreira, foram as primeiras a serem plantadas, ainda lá vivem umas tamareiras, trazidas do Algarve, ou de Marrocos por alguém que se instalou entre os dois sítios na Castelhana, dando origem ao Sítio da Lagoa, muito tempo depois dos primeiros fundadores. Os dois primeiros lugares escolhidos estavam separados por um pequeno espaço, onde a água beijava a terra com prazer, mesmo debaixo da Castelhana.

Só podiam comunicar por uma vereda, tão alta, que passava mesmo nos pés do Santo.

Nessa altura, era uma espécie de sacrilégio casarem-se com alguém do outro sítio, de maneira que os primeiros casamentos foram feitos entre os filhos dos dois casais, depois entre os filhos dos filhos que eram primos, e assim sucessivamente; o mesmo passando no chão da Ribeira das

Galinhas. Estes casamentos na altura, eram um simples arranjar, com casamenteiras de um lado, namorados noutra, era uma ponte, cada um deles vivia em diferente margem do rio do amor, ela falava com um, falava com outro, vinha os pais ao baralho, davam-se as cartas, repartiam-se sobre uma mesa, vai um copo, um para mim, outro para ti, bolo feito em casa, traz a faca mulher, a mãe não se importa, mais um para trabalhar, e fazendo que está de fora:

*É lá com ela,
O pai também não,
é lá com ela,
Tudo fica acertado,
Ele que venha amanhã.*

No outro dia lá iam, ele e a casamenteira, nesse dia já passava a pertencer à família, porque só bastava simplesmente uma jura dos noivos, perante os consentimentos do chefe principal e dos respectivos pais dos noivos, sem que tivessem formalismos de casamento na Igreja ou no civil; nessa altura tudo era razoável, tinham os Jesuítas se ocupado em terras de além-mar, também lá nunca passou S. Domingos, de maneira que não havia problema seguir os filhos de Adão. Só muitos anos mais tarde, é que começaram a usar o casamento na Igreja, mas tinham que se deslocarem ao Estreito da Calheta para tal prática, até que em 1676, se juntaram os quatro sítios e, com a ajuda do chefe local,

João Anes de Couto Cardoso

Construíram a Capela de Santo Amaro, sendo celebrada missa por primeira vez no dia 28 de Dezembro do mesmo ano. Todo o Paúl nesse dia festejou, tanto a

inauguração da Igreja, como o de nome de Freguesia que lhe foi dada por primeira vez. Mas, foi no dia 15 de Janeiro de 1677 que se realizou a maior festa dos Pauleiros, e que segue ainda hoje como tradição, e orgulho de todo o Pauleiro.

" In honorem tanti festi "

A festa ao Padroeiro, o glorioso Santo Amaro.

"Hino de Santo Amaro

*Doze anos apenas só tinha,
Santo Amaro ao mundo enganoso,
disse adeus e p'ra sempre se foi,
a Jesus só se vê presuroso,
disse adeus e p'ra sempre se foi,
a Jesus só se vê presuroso.
Santo Amaro aquém Deus nada nega,
a Jesus por nós pede perdão,*

*ai de quem neste mundo navega,
entre dores e tanta aflição,
ai de quem neste mundo navega,
entre dores e tanta aflição.*

*A pobreza a humildade e a cruz,
eram suas doçuras sem par,
seu desejo é sofrer com Jesus,
para um dia com ele reinar,
seu desejo é sofrer com Jesus,
para um dia com ele reinar.*

*Nosso Pai poderoso advogado,
corpo e Alma nos guarda do perigo,
vem valer-nos na vida e na morte,
para um dia nos irmos contigo,
vem valer-nos na vida e na morte,
para um dia nos irmos contigo."*

Mas antes dessa junção dos dois sítios começaram os namoros que ficaram gravados na memória de todos, em versos.

*" Eu sou de cá,
eu sou de lá,
eu sou do lado da ribeira,
de dia não tenho medo,
estou sempre à tua beira.*

*Eu sou de cá,
eu sou de lá,
eu sou do lado da lagoa,
de dia não tenho medo,
à noite vou em canoa."*

Foi nessa altura que os quatro sítios ficaram unidos pela primeira vez, em termos de união familiar; o sítio da Lagoa

e Cabouco Serrado, já viviam unidos geograficamente, e com o tempo foram-se expandindo até ocuparem tudo à beira mar, desde o Serrado à Quebrada.

A Quebrada, era a parte mais pedregosa e com o terreno mais pobre para o cultivo, mas, em contrapartida como o mais ideal para a habitação e centro piscatório, pois aí o mar era mais acolhedor, e menos rebelde, foi aí que mais aglomerado se criou, com uma tal população que se multiplicava incansavelmente. Fizeram casas pegadas umas às outras, muitas sem alinhamento ou estética, mas abrigadas e seguras, com chaminés pintadas a fuligem. Foi quando se *afincou* como porto de mar da freguesia, e com os barcos chegavam os produtos de outros lugares. Não só fez florescer os negócios, como também as pescas em alto mar.

Lá pela madrugada, de um a um, os companheiros de barco chamavam-se uns aos outros, e todos juntos, lá iam para a "*rampa*", que por muitos anos, viveu a sua maior glória sem estar cimentada. A tarefa era cumprida muitas e muitas vezes, porque a necessidade obrigava. Não foram raras as vezes, que no Inverno, sem luz, com um mar a bater covardemente, e espreitando-os como ladrão, ditava tragédias sem limites, e pesadas a oiro e fio, sem pretextos, ao deitarem as embarcações ao mar. Muitas foram as vezes que desprevenidos, foram arrojados, por ondas idosas e injustas, que lhes partiam os barcos, e, os mais velhos, que eram sempre os primeiros a saltar na embarcação, comportavam-se como *Generais* em frente do exército, tinham de serem salvos pelos afoitados mais novos.

Quebrava-se o silêncio da noite, todo o sítio acordava, e em trajos menores, todos lá chegavam, uns para acudir, outros, porque lhes trazia o sangue, e pertenciam à vida.

Quantas vezes houve mortos...mas nunca, nem uma vez se pensou desistir de lutar com o mar.

Aqui-d'el-rei!... O barco foi para o fundo!... Ai o meu marido!... Ai Meu Deus, o que vai ser de mim!... Oh meu Santo Amaro, ajuda-me.

Vivia-se num tumulto, mas todos se entendiam.

*Aqui-d'el-rei!... Ai o meu filho!...
Ai o meu irmão!...Aqui-d'el-rei!...
Ai o meu querido Pai!...*

Logo que os primeiros raios de Sol apareciam, já todo o Paúl estava desperto, era disso do que se falava, se havia de rezar rezava-se, se havia de chorar chorava-se e as lágrimas saíam numa só bica.

Eram os pescadores de então, atrevidos, e incansáveis, que davam a mão ao Santo, que repartiam com ele a pesca. *(De todas as embarcações sempre tiravam uma parte para o Santo, parte essa que era usada na altura da festa ao Santo pelos homens do mar.)*

Hoje, já há poucos barcos, mas o sangue ainda existe estampado como os selos das cartas que foram abertas e lidas, sem precisarem da voz do sino, das saudades, das pragas repartidas e compartilhadas com os cardos, da lua da meia-noite, e de assistirem ao funeral das serenatas; ainda hoje andam espalhadas e contentes por este Mundo fora.

O sítio da Lagoa muito depois de terem terminado de mugir o mar para lhe tirarem o sal pelas tetas gordas, mamas que saltavam os muros e gritavam praguejando tudo, depois de terem tapado os caldeirões das conservas, ficou como se fossem dois sítios, na parte mais a sueste das velhas salinas, mesmo pegado às abandonadas conservas, a Capitania mandou construir um bairro para os pescadores mais pobres ***Bairro dos Pescadores*** mas, como somos polinómios mais que ninguém, sem precisarmos de padrinhos, nem madrinhas, envelope com notas, vigário, nem água-benta, e ficou até os nossos dias como sendo ***Espanha***.

Era a ***Hollywood Paulense***, artistas feitos em casa, havia de tudo, num cenário confuso, talhado à queima-roupa, umas tábuas para aqui, outras para acolá, outras mais para lá, via-se de tudo por detrás de uma vidraça bem lavada e transparente, tal e qual como no dia que era novinha a luzir, sem riscos, nem falhos, pronta a receber os primeiras gotas de sol elegante que sempre chegava tarde, como chegavam as tintas feitas à base de óleos de linhaça e de muitos outros, metidos em aguarrás, mãos cansadas e tremidas das noites ao relento, dos bolors das gretas de sal nos poros cansados, consolados em copos nas adegas, ao pisarem

terra, sentirem-se nela, ouvirem vozes, e dizerem que não estão sozinhos, que vivem, que respiram e não sonham, nem se vêem no espelho próprio envolto num *cabedal* de adornos, onde a imagem pensa e sofre, nem se ouvem falando com eles mesmos nas ondas, respiram fundo, a todo o Pulmão, o ar vem de dentro do Mundo.

Não é o silêncio da noite que nos magoa, é por ser o espaço grande demais, ficamos pequeninos nas noites escuras, respiramos ar forçado, como se fosse ar de uma bomba que nos carrega a cada passo, o vento quando anda louco, batendo em tudo e jogando em labirintos, e nós de espantalhos olhando-o, ouvindo-o em gemidos, uns gritos surdos de gente iguais a nós, que sentem como nós, que vivem como nós, onde os gritos surdos sobem, sobem, para caírem como pedras com asas de ecos nas notícias dos jornais, que nos inculcam e olham para o que não há, com queixumes pregados a preto e branco, das notícias de televisão que fugimos de tudo, ao ponto de nem sabermos que lá estamos, nos abraços, nas ancas que passam raspando, nos peitos que se vêem despídos de tudo menos da vontade, nos beijos que só sonhamos “ os sonhos comandam a vida “, não é o silêncio da noite não senhor que nos magoa, é a vontade de estarmos lá, de querermos estar lá, de só sabermos estar lá, de termos sido criados ouvindo o bater constante da ilusão desse mar idólatra que tanto nos cativa como nos mente, mas que ressoa como sempre falasse a verdade:

***Melhor seria estarmos lá,
Melhor seria estarmos lá,
Melhor seria estarmos lá,
Seria estarmos lá,
Seria estarmos lá,
Seria estarmos lá,***

*Estar lá,
Estar lá,
Lá, lá, lá, lá, lá...*

É quando esquecemos como caminhar, fugimos do prazer de querermos percorrer ruas e pisar calçadas, esquecer beijos, tapar os olhos às ancas que passam enfeitadas, e para lá vamos. Aprendemos a fugitivos, guerreiros, e manhosos; cobrimos o mar de remordimentos e remorsos, queimamos perfumes de sabor a lodo, a barro, a nada, a nada de nada que é o começo, e soprados como soprou Deus, criando o nosso próprio dizer, com corpo de Esperança, e cabeça de Fé. Juntamos Santos com paixões, paixões com Santos, casamos Espíritos com imagens, imagens com Espíritos, e a tudo queimamos incenso.

Formavam um palco muito grande, ponham-lhe um cenário qualquer; às vezes nem cenário se usavam, ficava tudo ao natural, excêntricos, tanto mais que os espectáculos não tinham hora, nem nunca ninguém sabia o que era a peça; Havia diplomas aos comediantes, aos que queriam, aos que não queriam, aos que eram e não eram, aos que passavam por aquele caminho de todos. Vociferavam de tudo, e tudo nunca era nada, jogavam, brigavam, riam, fingiam, fabricavam contos, histórias e façanhas desta, ciúmes daquela, arremessavam a outra, puxavam os cabelos umas às outras para que se esticassem, quem tinha mais força ganhava onde todos eram exímios de amor e graça.

Construíram paredes, taparam caminhos, derrubaram toda a estética, desalinham os grupos como quem desalinha o que não tem que desalinhar, **Espanha** só nome, tudo morre aos poucos.

O Governo Regional desalinhou tudo isso, e tudo tombou, tudo tem de ser cosido de novo com material de Adelos, mas sem Adelos enfeitando os quintais de tecidos

vindos de Londres, obras de sabor agridoce, mais cómodas e mais libertas às tempestades, tanto de cá, como dos de lá, agora vão ver o mar, e mandar-lhe o bom dia todas as manhãs sem levarem o balde pela mão, dar-lhe beijos num estender a face, *há quem não saiba beijar o mar, mas o mar também se beija, como merecem beijos quem o beija...* daí saíram grandes homens do mar e ficaram na memória Paulense.

Oh Espanha, Espanha!...

Quem não se recorda...

*O mar no fundo
Entre os rochedos,
Contam segredos,
À luz do luar.
O mar é lindo,
O mar é lindo,
A noite é bela,
A noite é bela,
Desfralda a vela,
Desfralda a vela,
Remar, remar.
O mar no fundo,
Entre as areias,
Cantam sereias,
À luz do luar.*

*O mar também é casado,
Também tem sua mulher,
É casado com as areias,
Dá-lhe beijos quando quer.*

*Que noite serena,
Que lindo é o luar,
Que linda barquinha,
Eu vejo no mar.
Oh, vai-te meu anjo,
Nós vamos daqui,
A noite é bela,
A noite é bela,*

*Meu amor sorri,
Nós vamos daqui.*

*Eu a remar p'ra te ver,
Tu a fugires de mim,
É certo que te mais quero,
De que tu me queres a mim.*

*Que noite serena,
Que lindo é o luar,
Que linda barquinha,
Eu vejo no mar.
Oh, vai-te meu anjo,
Nós vamos daqui,
A noite é bela,
A noite é bela,
Meu amor sorri,
Nós vamos daqui.*

Caminhavam descalços por uma vereda estreita, entre silvados e canaviais que cantavam em sibildos ao compasso do bater do mar, e espreguiçavam-se ao vento, faziam cócegas à rocha que estava quieta bronzeando-se ao sol, queriam faze-la rir sem vontade, tinham dado a vontade aos que chegaram, precisavam dela, só que tinham de vestir-se de cautela. O objectivo era chegar ao sítio da Ribeira das Galinhas; de calças brancas de linho, e de camisas acastanhadas.

Com cabelos despenteados e amarelados pelo sol e sal, lá iam.

Assobiando, contentes, num Mundo diferente, cheio de sossego, quebrado somente pelos melros pretos e canários da terra, ao ritmo do sibilar dos canaviais, e do contínuo bater do mar, que muitas vezes a própria rocha, por graça, imitava em ecos ensurdecedores, sem que se enfiasse, rodando, como um disco riscado, tropeçando nas mesmas frases, mas era um concerto de uma sinfonia brilhante que já se foi sem que me deixasse assistir ao funeral, e sem que recebesse uma única flor de mim quando ainda tossia, ou

um copo de água para regar-lhe a garganta seca da dor que nunca chorava, e *triste por não morrer só*.

Eram onze da manhã, hora das filhas levarem o almoço em cestinhas feitas de "*cana vieira*", desses mesmos canaviais que cantavam e guardavam segredos e que depois eram crucificados em cestinhos e cobertos de toalhas de linho, bordadas ao som dos segredos amorosos, riscados com beijos escondidos, nos abraços de um sol quente, que traziam carinhos em cada puxar de linha, e levavam ondas de ânsias por cada vez que metiam a agulha, retratos de prazeres e arrebatos que hoje contentes por segredados se desdobravam, para cobrir o almoço dos homens, que trabalhavam as terras.

Quando falamos dos primeiros agricultores pauleiros, falamos de homens fora do comum, homens que fizeram levadas para que não lhes faltassem água para as suas regas, em impossíveis atalhos, furando as mãos do Santo para que lhes saíssem jorros de água, cortavam abismos, onde agora só os pombos levam saudades no bico, e lhes beijam lágrimas que seguem correndo dessangradas, naquele *vale saudoso* que sempre foi e será. Hoje ainda lá está uma, parte de uma, bocado de outra, uma bica que cai de uma pedra negra e lodosa, de donde já correu uma, com um *parece impossível como as fizeram?* ainda alguma delas mesmo depois de tantos anos cansadas e desgastadas, hoje, por isto ou por aquilo alguém ainda as usa. Foram as levadas que correram como artérias, naquele coração da ilha e que lhe doou o primeiro sopro de vida.

Haviam os namoricos em escapadas, quase iguais aos jogos de escondidos, um contava: um, dois, três, quatro, cinco, enquanto os outros se escondiam por detrás das árvores quebradiças, das rochas que o Santo largou para que rolassem e brincassem com o tempo que não tinha tempos como a música, nem compassos de espera, mas

tinha um relógio com ponteiros muito grandes e ao alto, que só sabia dar meio-dia, era o que sabia, e quase sempre, nós só precisávamos do meio dia... e o desalmado todo enroscado na rocha, quando era na Ceia Grande punha todos à espera para deixar a primeira colher de sopa de trigo entrar na boca, e ria-se *gozando-se de nós, parava os ponteiros, e nós, ainda não, e levava uma eternidade, até que finalmente se mexia, e o sineiro tocava anunciando a hora, e nós contentes*. Ao lado dele, os canaviais orgulhosos, seguiam espreitando e gravando nos *canudos* os ais dos namorados; e atrapalhando-os durante o dia, tinham de usar cautela, e, logo que o Sol, caía cansado de tanto brincar e bailar, mas alegre no horizonte, voltavam para os seus respectivos sítios; porque os da malta do sítio contrário, não estavam para aguentar as patifarias dos do sítio vizinho, esta já me tinha *assacado* e a outra ao outro, e vinham eles, que sem escrúpulos, roubar-lhes as moças dos seus sonhos, aí, furiosos, juntavam-se e faziam-lhes guerra pela calada da noite, porque alguém havia imposto a Lei de Xenelasia, que era para este que não era de lá, para aquele que era mas não era, para o que nunca foi, para o de perto, para o de longe, para o que nunca lá veio e para o que para lá foi.

Quando a luz da alvorada começava a inundar os Céus, cheirando um orvalho doce e saudável, e a noite tinha sido maré de Lua da meia-noite, as mulheres de sais até aos tornozelos, e lenços brancos de linho, descalças, iam-se juntando umas às outras, conforme atravessavam a pequena vereda que dava acesso às casas, e todas juntas, iam ao calhau. Aí, cada uma escolhia as poças mais fundas, e com a adabas das saias, apanhavam os peixes que tinham ficado presos com o baixar da maré.

O peixe era abundante nesse tempo, tudo era virgem, e não eram preciso barcos para uma boa pesca.

João Anes de Couto Cardoso, um dos mais antigos povoadores do local, foi sepultado debaixo do altar-mor, da mesma capela, segundo alguns era de origens nobre.

Construída a igreja, muito mais tarde a companhia Italiana de fábrica de conservas, que foi construída no início do século, no ano de 1912 e laborou até os anos 40, ofereceu a estátua do Sagrado Coração de Jesus, talhado em madeira na Itália. Compraram também a estátua de Santo Amaro, e a de São João Batista, que hoje anda mais abrigada, porque um dos padres que por lá passou, por opinião própria e gosto, resolveu fazer-lhe um fato novo, o velho, não era bastante para cobri-lo, e o santo podia constipar-se, e encontrar alguma penitente, dessas que por aí andam descuidadas. Começou a febre das estátuas, todos queriam estátuas em casa; na cozinha, nos quartos de dormir, nas salas; passaram a terem mais estátuas que na própria igreja, onde as estátuas foram aparecendo mais tarde, com dinheiro tirado nas festas, ou por promessas.

O povo rezava:

Deito-me,
Levanto-me,
Com a graça de Deus Pai,
E Espírito Santo.
Deito-me na minha cama
Muito bem acompanhado,
Com Jesus à cabeceira,
E Nossa Senhora a meu lado;
Se dormir,
Acordai-me,
Se morrer,
Acompanhai-me;
Eu me entrego a Jesus,
E à sua santíssima cruz,
Com as 3 relíquias que tem dentro
A Nossa Senhora da Guia,
Às três missas do Natal,
Que não me aconteça mal;
Ao Santo Anjo da Guarda,
Que me guarde,
E me defenda Da justiça de Satanás.

A velha Igreja, era muito bonita, com um altar-mor de anjos segurando cachos de uvas douradas, e uma pintura no tecto, Santo Amaro caminhando sobre as águas dum lago,

tendo Plácido segurado pelos cabelos numa das mãos, a pintura estava pálida, chorada pelas lágrimas das gotas de chuva, porque umas telhas partiram-se, outras moveram-se, o vento quase sempre do noroeste, (*tempo do mar*) onde deveria haver uma telha, não havia, havia era um ninho de *lambandeiras* já velho, caíam gotas, que não eram gotas eram lágrimas, e que nunca ninguém pensou serem lágrimas, a Igreja não chora, mas a pintura estava pálida, palidíssima e chorava, as lágrimas riscavam sem piedade as tábuas pintadas com desenhos pálidos, sabia que se ia, como tudo se vai, e chorava, e voltava a chorar, chorava por ela que se ia guardada em retratos numas gavetas, em algum álbum tosco, num quadro que alguém por esquecimento ainda tinha pendurado no quarto de Sala, pela pintura do Santo, que ninguém iria guardar, pela Pia, que iam botar fora, e iria rolar junto às outras que não eram, pelo padrão por cima do portão principal, e chorava pelo seu Altar que centenas de vezes foi enfeitado com as mais lindas flores, enredadas entre o perfume e o bafo quente do queimar das velas, mas, não chorou pelas horas perdidas de Sermões, que o vigário estampava do que a outra disse dele, que lhe roubaram as galinhas os cães da noite, que não confessava estes, nem daria os sacramentos aqueles; chorava porque não poderia abraçar-te mais, nem a eles nem a mim, chorava porque não podia dizer adeus a todos, nada é novo tudo se vai... como foram as salinas com pedras pintadas de nada e sabor a sal, marcando um campo e rindo-se de nós, como as conservas deixando-nos os cornos mendigos e salgados apontando o Céu, como o engenho de açúcar agora cheio de Santos cansados, que não querem fazer milagres, como a água da fonte do Adro, como as violas de arame, o rajão, como as (peoas), os barcos de folha e os de falcas, como os nossos barcos, como tu e eu, sumidos em montanhas perdidas, que os

perdidos amontoaram fazendo filas e cada um levando uma coisa, nos casacos, nas carteiras, nos retratos, nos colares pendurados;

Uma ordem: **Fora!**

Outra ordem: **Fora!**

**“ Amo el amor de los marineros
que besan y se van.”**

Era o mar a dar ordens, os de fora a darem ordens, os outros a empurrarem, e nós abrindo caminho sem fingir, mas saindo como sabem, (resignados não! o Pauleiro não se resigna!) fingindo resignados, fingindo que não dói, que não choram e que não vão...mas, tu e eu sabemos, que dói, tanto ao sair porque temos de sair, é e será sempre assim, como ao chegar, ver o que já não é nosso, e pensar se alguma vez foi nosso, quando nos disseram que era, voltar a fingir que não dói e voltar a sair com uma dor mais agarrada ao peito, que já não é peito, o peito ficou atrás, com tudo menos as saudades! que se movem com remordimentos de alma, e instigam um, beliscam os braços, os olhos, os tempos, o espaço, as formas, os sonhos, e sopram-nos como quem sopra setenta velas no dia dos anos para dar-lhes vida, nem todas se apagam, e vai mais um sopro, e outro sopro, vai o bater de palmas, e fica a tal dor ao lado dessangrando-se, sem sopros, nem palmas.

Raios partam as saudades!

Plácido era irmão de confraria.

Como escolheram Santo Amaro para Santo Padroeiro, é difícil explicar, para muitos, é um Santo com uma história de vida pouco conhecida; no entanto, para os pauleiros é o único Santo que depois de São Pedro, caminhou sobre as

águas, e nele depositam toda a sua confiança. Nasceu em Roma, no ano 511, era filho único, os pais eram muito ricos e de famílias nobres, foi levado para o convento com a idade de doze anos, não só por promessa, mas também pelo medo no tempo em que viviam; pois os pais já eram idosos; muito devotos a Cristo escolheram uma educação religiosa para Amaro. Entregaram-no a São Bento que o educou e fê-lo seu seguidor, foi companheiro de Santo Antão, estudou teologia e filosofia, trabalhou como administrador na livraria, e organizou a biblioteca do convento. Aos 32 anos, dirigiu o Mosteiro em Anjou e aí permaneceu por 38 anos. Os últimos dois anos da sua vida foram dedicados à contemplação. Faleceu no dia 15 de Janeiro no ano de 583. É notável pela sua obediência cega e pelo amor ao próximo; um dos muitos milagres que se conhece é a da cura de uma criança surda-muda; uma outra é a do santo curar uma perna partida do seu criado; por isso, nas freguesias vizinhas ao Paul, o Santo é muito invocado como advogado dos braços e pernas partidas. Existem muitas versões, totalmente diferentes umas das outras, de como os pauleiros o escolheram; uma delas, a do Santo ter aparecido varias vezes a uma donzela segurando a rocha, com um bastão abacial; esta, parece ser a mais certa, no entanto, é justo pensar que uma das famílias dos fundadores, deveria ter raízes Italianas, e conhecer a história do Santo, especialmente a do caminhar sobre as águas do lago, para acudir a Plácido que se estava afogando, e sabendo que o convento, não só tinha um lago, mas também uma rocha altaneira, que fazia lembrar a do Paúl; daí que quando uma menina viu o Santo segurando a rocha, para os habitantes nesse então, só poderia ser Santo Amaro. Assim formou-se uma aldeia, protegida pelo Santo, tanto na rocha, como no mar; ensinou-os a enfrentar o mar nas tempestades, e na labuta diária.

De verbo ad verbum

O pauleiro navega num sangue tão forte em laços de parentesco, que hoje, todos são segundo o ADN, irmãos, tios e primos de si próprios; com um sangue mais verde que já se viu em ser humano. Foram tantos os descendentes, que se esgotaram os nomes dos poucos Santos que nessa altura se conheciam, e passaram muitos a ter o mesmo nome, o mesmo apelido de família, este não era este era aquele, aquele não era aquele, era este, pela manhã um era o outro, pela tarde era ele mesmo, diga-se o que disser, era uma confusão dos diabos, para saber quem quando e como, para grandes males grandes remédios, o caso foi estudado, e chegou-se à conclusão que para remediar todas essas dificuldades, e esse mal, tinham que lhes dar outros nomes à parte, puxa daqui, puxa dali, fura dacolá e encontraram a melhor maneira, foram buscar aos animais, ao Céu e às aves, ao mar e aos peixes, à terra às árvores e às pedras, e acabou-se toda essa confusão, porque eram todos iguais, gémeos, tinham o mesmo sinal na mão direita, e era um problema dos diabos para saber quem era quem; e passaram a ser *poliónimos* para o resto da vida.

Os fundadores faziam trocas entre si, de manhã trocavam peixe por batatas, (*semelhas*) e couves, à tarde, trocavam batatas, (*semelhas*) e couves por peixe e, viviam felizes. Tinham alhos de porro, para as dores de barriga, salsa para a tenção alta, alecrim para o bucho virado, orégãos para despertar o paladar, azeite de louro da rocha para curar o olhado, arruda para afugentar as bruxas; e uma infinidade de outras ervas, que por sinal, ainda lá andam, sonâmbulas e maltratadas, por essas terras perdidas, porque a mocidade de hoje, enfastiou-se do alecrim da serra, dos alhos de porro, e, até, lhe deram outros nomes como, alhos

da levada, alhos da serra; os franceses, olhando tanto desinteresse, apelidaram de alhos franceses.

Um dia chegaram uns senhores que segundo eles trabalhavam para o governo, e, vinham com o pretexto de desenvolver o lugar, porque tudo estava parado, e por sinal, encontraram mesmo ao lado do pé direito do Santo, um relógio aoristo, parado, com os ponteiros nas três da tarde, e com a data de mil quinhentos e setenta e dois, talvez por alguém fugido da *peste*, que por essa altura metia medo a todos no Funchal. E todos ficaram pasmados, porque tinham usado por todo o tempo essa vereda, e nunca tinham visto esse tal relógio, e logo chegam estes senhores de gravata e barba feita, com umas botas todas espelhadas, e, encontram sem mais nem menos esse achado inédito.

Vieram toda a classe de mestres, carpinteiros, pedreiros, soldados, torneiros, eu sei lá, engenheiros que apontavam para um lado, outros, que apontavam para outro; até músicos vieram, carregados, com toda a espécie de instrumentos, tinham tambores, com pele de cabra pelada.

Mediram, prepararam-se os trabalhos, trouxeram máquinas e, construíram as salinas, da mesma maneira que já alguém muito antes tinha construído a Torre de Babel, usaram os mesmos planos, as mesmas pedras, as mesmas ferramentas, as mesmas formas, para que nada ficasse diferente, somente havia o relógio que era diferente, para que tudo desta vez, não tivesse o mesmo fim.

Porque todo o Mundo precisava de sal, e, o relógio precisava de dar corda, e toda a gente por direito e dever à religião, deveria envelhecer, porque água parada apodrece, de maneira que não poderiam seguir parados. A moda do sal entrou no povo, e em 1865, o primeiro grão de sal caiu à rua e dançou; começou a salgar-se tudo; o peixe, a carne de porco, as couves, as rosas, os cravos, as begónias, as maravilhas, as aves; e houve alguém que teve a ideia de

salgar a Primavera. Tudo levava sal. O amor passou a ser salgado, porque as lágrimas também eram salgadas, e o amor sem lágrimas não é amor, e, como a dor ensina a chorar, logo o sal era vida. E o Paúl passou a ter vida, com um coração tão grande como o mar.

*O Jardim não vale nada,
ai, ai, ai,
os Prazeres vale um vintém,
ai, ai, ai.
o Paul uma pataca,
ai, ai, ai,
só pelas moças que tem,
pelas que tem,
pelas que tem.
Não há,
não há,
não há,
não há, não há, não há,
no mundo encanto assim,
assim, assim;*

*linda ilha portuguesa,
parece mesmo um jardim.*

De longe, vinham homens, mulheres e crianças em romarias, com todos os seus produtos, e saíam carregados de vida; todos os dias era um vai vem incansável, não só pelas veredas dos Prazeres e da Fajã de Ovelha, mandadas fazer pela câmara, como também foi construído um (*Fio*) vai vem com cabos de aço desde a Fajã de Ovelha à Quebrada da Ribeira das Galinhas, lugar esse, no outro lado da ribeira das Galinhas, mesmo por baixo da ladeira da Fajã da Ovelha, logo a seguir, mais ao noroeste é o Seixal seguindo-se as Aguinhas.

Começaram os transportes marítimos com barcos à vela e a quatro remos, orgulho dos Pauleiros, *que se foram e que eram diferentes de todos os outros, tinham os capelos saídos, muito altos e majestosos*, servindo todos os portos até o Funchal com carregamentos tanto na ida como na volta. Só

se falava no Paúl, e quem nunca lá veio sonhava, e quem já lá tinha estado queria voltar; Por uma moça, umas pernas bem torneadas em bronze, umas mamas a quererem saltar do *soutien* (sutiã) acabado de comprar no Bazar do Povo, uns lábios carnudos e apetitosos sem precisarem de batom, e que faziam correr rios de água salubre; ou se eram elas, um moço de cabelos despenteados, aventureiro, de ombros largos e musculosos, e olhos varões, medidos pelas palmas das mãos, com noites ao relevo, sonhando; Pensaram que toda a culpa era da água da laudatória fonte do Adro, apontaram-na com o dedo maior, com uma lenga, lenga incansável, e como principal culpada, juraram pragas secas, para que se secasse, bateram com o pé, teimaram, até que lhes saíam espuma de ondas tardias pela boca fora com suor a vinho, mas todos os dias faziam fileiras à sua volta,

com aguadores, infusas, baldes, e bebiam, de mão em concha, *lembro-me da última vez que bebi, estava fria*, chegaram a levar pipas para casa, era a adrenalina dos pobres.

" Quem bebe desta água, aqui fica. "

Fica sim senhor, quem disse foi ela, a outra também disse. Não é mentira não senhor, ahaa...mentirosa és tu sua estupor que não dizes uma verdade...

Era o bálsamo de todos, usaram-na como remédio para o coração, para as almofadas prendadas da alma, estancavam hemorragias, recobravam memórias, matavam a sede, depenavam cagarraz, mudavam paixões tardias, repartiam amores cobiçados, feriam feras, recobravam espaços, apagavam o fumo das *bilhardices*, *era um perfume de todos e para os que lá viviam*, e o Pároco dela para contenta-los logo ao bater da hora, todos os anos fazia uma pipa de Agua-Benta; com beatas a alinhar, a desalinhar, a encher e despejar, benzendo turpilóquios que mais tarde foram perfilados por todos, cantavam o tiroliro, e tirolirilão, *tudo era feito a cantar...* se nunca chegou a ser engarrafada, foi porque se juntaram, e por teimar

" Omnium Consensu "

que o remédio devia ficar lá na terra.

Anos mais tarde, lá pelo início do século vieram os mesmos senhores, mais magrizelas, de cabelos brancos e de bordão de pau de limoeiro na mão, com a ponta do ferrão apontando o Céu, para que nada de mau lhes chegasse, pois nesta terra tudo era possível, e com um colete do avesso, para afugentar as bruxas, não fosse este lugar como o da Serra; vinham de cartolas postas, tão altas, que davam a sensação que carregavam torres movediças. Pasmados e escandalizados, porque os grãos de sal reflectiam mil cores à luz do sol, e com isso, eles não ficaram lá muito contentes, porque segundo eles, tudo estava envolvido em

um arco-íris, e havia de fazer-se algo, porque tudo era sal, e poderiam confundir esta terra com SODOMA, e isso não podia ser, porque o lugar era de boa gente. Ficou decidido. Construir-se-ia um engenho para açúcar, e uma fábrica de conservas. O Paúl ficou modificado, e passou a haver os sítios da Quebrada, da Igreja, (mais conhecido nessa altura por Cabouco e Serradinho), da Lagoa, do Serrado da Cruz, e o da Ribeira das Galinhas. Passando a ser o novo sítio da Lagoa o mais industrializado de entre todas as Freguesias de toda a Ilha.

Voltaram com outros mestres mais sabedores, trazendo também mais músicos, mais senhores de gravata, *ninguém ligava a gravatas nem a laços*, mais flores, *isso sim fazia falta, são sementes de Deus*, zangarões não faltaram, e todo o povo, cada vez mais zizanista, voltou ao ciclo de antes, com um mar que chorava, para uns, como uma Madalena, para outros, como uma moça, enamorada; *já vi chorar as duas, mas nunca soube qual a que sabia chorar melhor...*

**De la calle, miré el agua que caía;
eran de los ojos tuyos, y formaban pepitas,
pero porque nunca me gustó las horas infinitas,
alzé mis manos, y paré tus lágrimas.**

**Y si hoy, le digo alto a todo el mundo,
así fué pues, cuando te miré llorando,
con tu frágil cuerpo temblando,
que te amé más, pero mucho más.**

**Y el recuerdo de tí que tengo,
en los días distantes de entonces,
hoy ponen mi alma en trances,
y me quedo solo en mis sueños.**

**Es por eso que te miro de la calle,
y que alzo mis manos a tus lágrimas**

**soy como jinete de enigmas,
cabalgando en trances de recuerdos.**

De uma ou outra, brotavam torrentes de lágrimas de crocodilo, porque lhe tiravam terra, porque lhe sangravam as marés, aquela pedra além era dele; esfregava-se contra os muros, riscava-se, chorava, fazia vibrar todo o abençoado Paúl, com trovões e gritos ensurdecadores com ameaças incansáveis, sem que ninguém se importasse com essas ladainhas de gritos alucinantes e estrépitos de lacrimação; escondiam-se na magia das novas fábricas e logo que saíram os primeiros grãos de açúcar, começaram a deitar açúcar a tudo; às folhas murchas, às frutas doces, às rosas vermelhas, aos lírios roxos, ao amor, às penas, e por mais impossível que nos pareça, também deitaram açúcar na consciência.

Bordaram pragas de sal empapadas de açúcar em ponto cruz, fizeram croché de (*bilhardices*) açucaradas, e pudins de amores; lactação que durou anos.

Havia um tal desconcerto, que já ninguém sabia qual era melhor, se o sal, ou se o açúcar. Primeiro, porque se tinham unido os dois sítios, com uma estrada larguíssima, que tinha sido ordenada e concebida pelo Juiz de Paz, porque tinha lido os sonhos do Marquês de Pombal, não sei aonde, de maneira que não queria ficar atrás de ninguém, claro, toda a razão. A estrada foi feita tão larga, para que pudessem passar seis pessoas de cada lado sem problemas. Segundo, porque embora pudessem salgar a Primavera, e guarda-la para o Inverno, também em contrapartida, tinham o açúcar para adoçar a consciência, e lá isso fazia falta, que Deus bem sabe por quantos anos andaram carregando *fardos*, como os *Adelos* de consciência amargosa.

Apareceram as serenatas que ficaram famosas, e brilharam por muitos e muitos anos amadrinhados à luz do luar.

*Meu Paúl pequenino,
Meu berço meu enxoval,
Pedaço de Portugal,
Com um povo murmurando,
Murmúrios que vou cantando,
Com um povo murmurando,
Murmúrios que vou cantando.
Cantinho onde nasci,
Caderno onde escrevi,
Quando em pequeno rezava,
“ Por mais longe que esteja,
Não me esquecerei de ti.”*

Com um reflectir constante, daquele que nunca cansava, porque lhe queriam, e era companheira amiga, e protectora acessível, as próprias estrelas passavam horas escutando ciumenta da lua vaidosa, ficava mais pertinho debruçada à janela daquele Céu fresquinho e saudável, e até se zangava quando o vento teimoso ciganava maldades, o mar ficava mansinho e doce que nem bulia...mandando um cálido doce de beijos, que se redobravam como respingou em cada sopro riscado na Alma, mas deixaram-nas hibernar, foi um descuido abafaram-nas com o xaile dos recordes, e por lá andam, mergulhadas em penumbras ondas dolorosas que delirantes e desemproadas, tantalizam os que lá estão, até que uma Alma caridosa, ao passar lhes estenda a mão e as volte à Vida.

*Disse-me alguém uma vez,
que tudo isso acabou;
morreram velhos costumes,
e tudo, o vento levou.*

*Estão os caminhos desertos,
Já não há barcos no mar,*

*acabaram as serenatas,
no nosso Paúl do Mar.*

Também faziam aguardente, que segundo todos era a melhor do Mundo. Passou-se uma geração, um dia os Brasileiros acharam graça e fizeram uma canção da (*cachaça*). Todos ficaram contentes, porque podiam reviver os belos tempos, e passou a ser uma das mais preferidas lá na terra. Esqueceram-se dos tempos que desanimados entregaram-se a uma luta devido ao abandono do alambique, do acabar das fábricas de telha; das horas de ocupação na construção de muros de tijolos de barro; onde por toda a parte passou a haver muros, uns terminados, outros por terminar, e outros nas teias do pensamento. Vieram os cântaros, plantaram flores por todos os lados, penduradas nos muros, colocadas ao lado dos muros, por cima dos muros, e era um mar de flores, com ondas de cores vivas. O Paúl ficou a ser a freguesia mais linda da ilha. Havia rosas todo o ano, e quando chegava o Inverno, usavam as que tinham guardado salgadas. De longe, se era um Sábado podiam cheirar o perfume do alecrim, ou num Domingo o perfume do candor das rosas, de maneira que para cada dia da semana havia um perfume, foi assim que todo o mundo lá na freguesia passou a saber os dias da semana sem precisar de calendário Gregoriano. Até os meses do ano tinham outros nomes, para Junho, usavam, *São João*, para Julho, era *Madanela*. Nesses dois meses, na véspera de São João, todas as moças lá da terra, juntavam-se aos grupinhos, e andavam toda a santa tarde colhendo cardos, e não descansavam até que dizimassem todas as meritórias flores dos cardos que houvesse nos arredores, para depois chamusca-las nas fogueiras que faziam por tradição ao Santo, e sempre em grupos, fazendo mais barulho que nem um batalhão de soldados, e que graça, depois de chamuscadas, em cada uma, embrulhavam um

papelinho, no qual estava escrito um nome de cada rapaz solteiro de que elas mais queriam para marido, e aí eram deixadas ao sereno da noite. Logo pela manhã, a flor que voltasse ao normal, como se nada lhe tivesse passado, era o pináculo de tudo, era de lá que se viam as emoções, como se fossem torres altíssimas, com jardins suspensos, pintados com florais abertos numa primavera ímpar, sentiam-se satisfeitas e seguras, sentadas à volta de malmequeres, que de um a um, gulosas, arrancavam-lhes as pétalas da alma, para que lhes falassem a verdade, da mesma maneira que agora lhe tiravam o papelinho dobrado, e com mil cuidados, viam qual o nome que lá estava escrito, e Bumba! *Saía sempre certinho... Não foi no ano passado que a outra casou, e foi o cardo que apontou, e quem acreditava, mas lá casou, e a outra antes dessa, Ah! Lembra-te daquela, que se enganou e escreveu um nome de um que nem na freguesia havia, e lá apareceu um uns meses depois e casaram.*

Por descontentes ou por incrédulas, iam chamar a que sempre lhes liam as cartas. Era sempre o mesmo, por costume, o pago era um quilo de massa que já fora comprado desde ontem na mercearia e posto aparte.

O baralho espreguiçava-se sobre a mesa vaidosa com toalha bordada não vai à muito, e que se retorcia ciente e segredeira, enquanto ouvia as respirações de ansiedades, que seguia em saltos num coração que batia descompassado por pavor e desespero, a bordadeira voltava a respirar fundo, enquanto os olhos tratavam de sair desconsolados fora das órbitas, a ver se também podiam ler o futuro, e seguiam todos os movimentos do naipe.

As cartas que se estendiam tristes e esticavam-se todas, amparando-se na mesa, com medo por continuarem no mesmo suplício de pregão, e dizer o que a dona queria,

que gritassem e rissem à sua vontade; Lá todos sabiam uns dos outros, o lugar era pequeno, e desde o que cozinhavam até os sonhos, andavam todos despídos na mesma rua.

Ela que guiava carta por carta, como quem guia a mão de uma criança quando lhe quer ensinar a escrever...

Vês esta és tu! Apontando a dama de ouros, e ele está aqui, agarrando o conde de ouros...uma pausa...volta a pensar e abanando a cabeça, enquanto escolhe o seguinte... Há aqui uma mulher de preto...apontando a dama de espadas, talvez uma viúva ou mulher idosa, mas seja quem for, é um bicho, a malvada, só te quer ver o mal em cima... Ah! Mas não te preocupes, porque há alguém, e mostra o rei de copas, te vai ajudar graças a Deus... Sempre é bom ter um amigo...

E quando me vai ajudar?

Não sei ao certo, mas as cartas dizem, levantando um terno de copas, que será dentro de 3 dias ou 3 semanas, não penso que serão 3 meses, mas... Tudo pode acontecer...

Queres partir o baralho outra vez?

É, uma vez mais! Pulando contente.

Está bem, sabes que para ti sempre repito embora esteja com pressa.

Parte então as cartas outra vez com a mão esquerda.

Oh meu Deus! Olha, olha, pura verdade, vocês nasceram um para o outro...

Seguia a mesma ladainha e lenga, lenga, e ao terminar a pobre saltava de contente.

Mostravam às amigas, faziam festas, com convites de casamento, escolhiam as madrinhas, faziam o enxoval, e sentavam-se à espera guardadas com o xaile de lã da madrinha metafísica.

Nos dias de São João e São Pedro, todas as embarcações saiam enfeitadas, e todos desde o mais

pequeno ao maior, gozavam passeando nos barcos, até ao pôr-do-sol.

Chamavam de "*brincar ao mar*".

Ao rasgar do mar, e o bater compassado dos remos, naquela água brilhante e espelhada, que redobrava a beleza do dia, envolta num dormir doce e calmo daquele mar cansado, mas que hoje reflecte perfumes a felicidade, com as vozes douradas de sereias, que ressuscitavam memórias e, fazem vibrar em eco as saudades dos corações distantes, mas tão perto, que só um estender de mão, encontra-os no infinito.

Tudo era imortal, neste cantinho reservado ao Santo e ao Pauleiro.

*Vinde oh luar,
lá pelos Céus,
a procurar,
os olhos teus.*

*Vinde oh luar,
lá pelos Céus,
a procurar,
os olhos teus.*

*Escrevi teu lindo nome,
Na branca areia do mar
vieram as altas ondas,
o teu nome apagar.*

*Vinde oh luar,
lá pelos Céus,
a procurar,
os olhos teus.*

*Vinde oh luar,
lá pelos Céus,
a procurar,
os olhos teus.*

*As estrelas no Céu correm,
todas numa carreirinha;
assim corressem os beijos,
da tua boca p'ra minha.*

*Vinde oh luar,
lá pelos Céus,
a procurar,
os olhos teus.
Vinde oh Luar,
lá pelos Céus,
a procurar,
os olhos teus.*

Havia lírios roxos no Outono um pouco desvanecidos pálidos, como quase prontos a desmaiarem caso quisessem, mas aguentavam-se punham-lhes uma cana, enfiada pela terra dentro e depois fazendo *estaca* ficavam enganchados e não bambaleavam, sem protestas, sem gemidos, paravam, respiravam fundo, tossiam um suspiro que levava horas, mas estavam vivos como tu e eu, era só a cor, logo iam ficar melhor, era tudo pela falta de luz, eram tantos e tantos dias fechados numa prisão envolvidos em açúcar um ano antes, e, assim foram passando os anos, carregando cansados os lírios, a consciência, a caixa de rapé, a água, os cardos e as rosas, e voltaram outra vez a esquecerem as cordas do relógio que era nosso, e não era, ou que era, mas não deixaram que fosse, e que muitos anos antes, tinha sido encontrado parado, ao abandono logo junto ao pé direito do Santo, era...

(Um banano de uma vergonha) meu irmão.

Terminou a guerra, e nem sabiam que alguém teve a ideia de a começar; e houve quem perguntasse o que diabo era a guerra, e se a guerra também usava sal e açúcar, ou se era só aguardente...

Com o pretexto de que o mar em volta era pequeno para todos, e que a rocha estava por conta do Santo, porque ele já lá estava quando eles chegaram, e que estava visto que não precisava deles, era altura para poderem ver com os seus próprios olhos que a Terra era redonda, não estivesse a

mentir o tal Fernando de Magalhães, e até quem sabe, poderiam encontrar por essas paragens, alguma coisa melhor que o sal, o açúcar, os alhos de porro, e o alecrim.

" Dulcia linquimus arva "

Arrumaram dois pares de calças e camisas de linho, um casaco de pura lã, e disseram Adeus à terra, saíram por esse Mundo fora às cegas, deixando atrás, a família, os amigos e o medo; às escondidas, lá pela madrugada iam-se, e de um a um, dos três mil que lá havia, hoje, restam somente, uns mil mal somados de velhinhos, mulheres, crianças e saudades.

" Vade in pace "

O Pauleiro aprendeu a viver no estrangeiro, longe da infância dos filhos, como se a distância não existisse; os carinhos eram mandados por cartas escritas a lágrimas e suor. Durante os primeiros anos, em troca recebiam cartas com lenços bordados a beijos, e empapados das últimas amarguras, tudo em ponto cruz, e um jornal de notícias lá da terra.

Paúl do mar 19 de Janeiro de 1967

Querido e sempre lembrado marido, saúde e (felicidade) é tudo o mais que o meu coração te deseje, quanto à nossa vamos bem graças a Deus.

Escrevo-te esta carta não é por ter carta tua, mas para saber da tua saúde.

Olha por aqui (vai) um (alevanto), que Deus me perdoe, mas tenho que te dizer, que já tens uma mulher por aí, e que já não me queres, oxalá isso seja mentira, que estas (condanadas) só querem ver o nosso mal. Quem me disse foi uma amiga da tua irmã, contou-me em segredo, e que não dissesse a ninguém, tenho andado bem doente, a tua família mesmo o que quer é me ver doente.

Olha, por aqui cada vez está pior. É mesmo uma desgraça, é ir para o mar e os barcos não trazem peixe, as uvas já não há quem as apanhe, e a cana, nem podes imaginar, já se está acabando... Olha, o sal, mal dá, já nem se pode salgar nada, anda tudo fechado, como se tivesse passado um enterro. Ah! Minha sogra nem me dá bom dia, por isso ando sempre doente como já te disse, tenho que ir ao mezinheiro no Funchal um dia destes para me tratar; da tua família só o teu Pai é que gosta de mim, coitado, sempre que pode vem a casa, mas também nunca o desprezo, sempre que o vejo, dou-

lhe dois (mascotes de Santa Maria), o pobre até diz, que se não é por mim, não fuma; não sei se já sabes, mas na festa, juntaram-se um bando de rapazes e deitaram o coreto ao calhau depois de o anoitecer, ficou todo aos pedaços, só mais tarde, é que deram por isso. Olha (foi) um (alevanto), o Padre andava louco, que Deus me perdoe, mas foi muito bem feito, foi a melhor coisa que fizeram, pois tínhamos uma banda na freguesia, e ele teimou e não quis, pois agora ficou ensinado. A Festa não foi tão bonita como no ano passado, este ano foi só uma Banda, não há como quando a Festa é dos homens do mar...Olha para o ano, teu tio e teu compadre é quem são os festeiros, eles já disseram que a Banda do Paul vai tocar; porque se não, não há Festa.

Muitos beijos e muitos abraços desta tua mulher que te ama até a morte.

Faziam um embrulho, salpicavam-no com desejos a cores vivas, com temperos de beijos voadores, sem esquecer de passar a ponta da língua no envelope, passa-lo ao peito, retê-lo enquanto caíam as lágrimas, já não era carta, era um tesoiro saído de dentro que era tudo, era um jornal com saudades pintadas em aguarelas da terra, e um estar lá, viver um momento de presença e sentir um acolchoamento de beijos separados somente pelo dielétrico daquele bafio quente mas amargo da realidade.

*Dizem que as cartas são letras,
quem diz isso tem razão,
mas são essas (malhas) pretas,
que me alegram o coração.*

Levavam as cores do arco-íris que dobradinha aos bicos e muito bem amarradinha, com cordas invisíveis que posso afirmar que foram precisas muitas (horas inteiras) só para a arranjar.

Havia deles, que por gratidão, deixavam tudo isso como recebiam com receio de os magoar, e assim ficavam inertes, até se fundirem com os ares polvorinhos e amarelentos nas gavetas que nunca abriam, nas malas meias decompostas, perdidas num canto esquecido, onde já tinham guardado anos antes no dia que chegaram, a aliança, ouro de 18 quilates, porque lhes importava um cominho, tinham-se aliado à eubiótica, e queriam passar por solteiros, pois até por sinal e prova da verdade, o passaporte dizia **SOLTEIRO**, e tinham primos, que poderiam testemunhar por eles, em caso fosse necessário.

Toda essa arte, enfeitada de sonhos passados, enfeitiçada por uma liberdade falsa, ficava vivendo em letargo, nas horas perdidas, na paisagem poeirenta dos meios quartos, sem se darem de conta que alguma vez

existiram, até que fossem acordados com badaladas dos sinos de nostalgia, que de vez em quando tocavam desde uma torre invisível, montada no rochedo lá por cima das mãos do Santo, e que tinham a magia de serem ouvidos nos quatro cantos do Mundo, mesmo para os Sábios, até hoje tudo isso é arcano, e nunca puderam desvendar esse mistério; mas falava-lhes das serenatas à luz do luar, das primaveras salgadas, dos figos que nunca passaram, das moças de pernas torneadas em bronze, daquelas tetas apontando aos céus, das ancas a baloiçar, e num cantinho ao lado, reflectiam-se as imagens, dos seus jogos de (peoas), da música de cana, dos barquinhos feitos de folha das latas vazias do azeite de galo, e dos de falcas de *laminas de cana vieira, depois unidos uns aos outros com pontos de arame de cobre fino, (do mesmo que os pescadores usavam nos aparelhos de espadas), depois era amaciado e pintado, fazíamos as velas e íamos brincar na lagoa; lembro-me de brincar com o meu barco de falcas, com o casco todo pintado de verde, como as saudades, no Paúl os barcos eram pintados de verde, e com as cintas em amarelo, foi-se a lagoa, e tudo vai aos poucos...Não teria **Pablo Neruda** passado no Paúl? Quem sabe... para guarda-lo pintado num quadro de marinheiro à cabeceira da cama, cálido e fugaz, pendurado ao centro do quarto, para que todos vissem logo ao abrir da porta, sem ciúmes, com as vontades todas do mundo, e cada um podia desnudar à vontade, vestir à vontade, desnudar à vontade, desnudar, desnudar, sem reprovações, nem espanto, oh pá, quem fez isto pá... como muitos já fizeram.*

**“ Dejan una promesa
No vuelven nunca más “**

Eram velas mágicas, que faziam revolver espaços, e senta-los no banco da máquina do tempo que só eles é que

a inventaram; da vez que pegaram num remo, e se sentiram homens, daí, que se consideravam diferentes de todos, e se alguém lhes perguntava:

- De onde és?

Eles respondem:

- Sou Pauleiro.

Porque está impregnado na genérica e no critério, em coesão molecular, por isso, para eles, não há impossíveis, são nacionalistas de raça, tanto assim que se lhes perguntam onde fica isso, Respondem:

Na Madeira, se não conheces o Paúl não és Português.

Onde chega, é Senhor, Dono, e Trabalhador; não gosta que forasteiros lhes façam muitas perguntas, quando assim, o único que lhes diz é: - Emigra! No entanto, é melindre de alma e coração.

É do tipo que sempre secretamente votará pela Monarquia, sem saber o porquê, não porque seja Monárquico, mas por ter um sangue verde retinto, mais que o azul pálido dos Monárquicos, e ser tão diferente do sangue vermelho dos Republicanos, que nunca fizeram nada pela Terra, pelo contrário, semearam gastos nas salinas, para que lhes secassem as águas e não lhes dessem sal; madaram deitar fogo ao engenho de açúcar, para monopolizar o produto, cerraram as duas portas da fábrica de massa, ergueram um muro para lhe tirar o mar. A princípio disseram que era um monumento, depois, não encontrando outra saída, e para contenta-los, deram como escusa:

É uma protecção ermal.

E assim continuará, até que um dia cansados de tanta solidão, o tombem, e que nem fiquem restos, para que os vindouros tão pouco saibam que alguma vez isso existiu.

SAUDADES

*Navego no mar sem fundo,
navego no mar sem fundo,
navego no mar.*

*Perto de ti,
meu coração batendo,
como uma vela,
meu coração se enchendo...*

*Saudades,
saudades tuas,
saudades das tuas ruas,
saudades do teu passado.*

*Caminho contando estrelas,
correndo mundos à toa,
e, sem que estejas à minha proa,
chego sempre a um porto teu.*

*Saudades,
saudades tuas,
saudades das tuas ruas,
saudades do teu passado.
Saudades,
saudades tuas,
saudades das tuas ruas,
saudades do meu passado.*

"Impavidum feriente ruinæ "

Assim se passava o tempo, e o tempo deixavam passar, como autocarro deixado perder por gosto, ainda não, dá tempo, olham o relógio, apenas começou o dia, quando

afinal acabava de terminar um; há horas que nada é relativo, ou por isto, ou por aquilo, o importante é que não convêm, o relativo vai à fava, nem a mim, nem a ti, nem a ninguém, até que tudo esgota, tudo tem fim, é quando realmente volta a aparecer o relativo, com o cansaço, amarrado por uma coleira, não há maneira de sair, tudo está transformado, na realidade tudo afinal é relativo, mundo de lá, mundo de cá, não adianta andar saltitando com sapatos de lã, ou de metal, para dar ou não nas vistas, queiram ou não queiram, sempre aparecem os retratos, as manchas dos olhares fundos, as linhas da boca sem vontade, as mãos que tremem sem cansaço, um coração que bate abrindo covas nas horas perdidas, rugas que lhes embirram e arrogantes respondem com o tempo, como teias de aranha que se enredam e desvanecem cambaleantes cuspindo anos pelas paredes vivas, pintadas a pó, abrigadas em capas de oleados fingidos, onde estavam, havia mais ruas, as flores não tinham dono, havia rosas por todos os cantos, não era preciso salgar os lírios para o Outono, nem adoçar a consciência, porque nada fazia falta, tudo era vivido democraticamente, até a Igrejas servem em pratos limpos diferentes cruces, já ninguém precisava de cajado, nem de bordão de limoeiro, nem de bulas, nem chamar para compadre o vigário, nem trazer o rosário amarrado às mãos como algemas, e sempre que alguém passava, mostrava às escondidas, para não ser visto que mostra, e mostra o que não tem, *olha como ando, olha como ando, agarradinho, olha como ando, não há quem seja melhor do que eu, sempre rezando, sempre rezando, vejam, vejam*, onde contas de cristal brilhavam ao sol, reflectindo madeixas de luz, até o colete de linho que as Mães lhes tinham metido na mala, com instruções severas de serem sempre usados do avesso para que não lhe entrassem o mau-olhado, já os tinham botado fora, uma das únicas coisas que ainda

traziam, ere o amuleto ao pescoço, isso não podiam esquecer, como também, não podiam esquecer, que certas manhãs, alguém aparecia com "coroas" no pelo cabeludo, e que todos culpavam as feiticeiras e bruxas. (*Tinea Capitis uma forma de Alopecia*)

Das bulas, na Semana Santa, e das sopas de trigo, as moças de pernas de bronze e mamas espetadas só eram lembradas nos toques de sino... Agora viviam em descampados tão grandes, que não havia fim, e cada um era mestre de si próprio, Formavam-se na Universidade do Mundo, recebiam um diploma do tamanho de uma parede, pregavam-no à volta da casa, de maneira a que todos o vissem. Do que deixaram tudo se perdia no labirinto das praias de esquecimentos, para ganhar espaços às novas aprendizagens. Apagavam-se as cartas, com botões eléctricos, borravam-se as mágoas com (borradores) de papel, cobriam-se as preocupações com cortinas de púrpura, fechavam-se as dores com garrafas de cerveja, e as veias, eram riscos de (zinabre) inchadas, com linhas desenhadas em confusão desesperada, flutuando remorsos e mocidades com um vai vem que só Deus conhece, mas que lhes empobrecia anos...e quando todos os poros deixavam de sangrar, era sinal que as saudades tinham sido mortas, na última da hora, por um ataque desconhecido, chegado de não sei donde, e que varreu povos inteirinhos, com escovas de aço inoxidável, para que não lhes entrassem a ferrugem.

O pretexto:

Tudo se esquece,
e muitos passaram a
Apátridas.

Em casa, deixaram as mulheres modorrentas, cheias de saudades, e algumas partiam-se e repartiam-se como amebas unívocas, em montadas de cavalos lusitanos, dançando tangos e valsas sem destino, em campos

escarpados sem voluptuosidade, moldados a palha seca das maçarocas que elas mesmas tiveram o cuidado de trazer à cabeça, por uma ladeira tão conhecida de cansaço, como as calçadas que nela havia e há, depois de o estender de uma a uma ao sol para que secassem, rasgavam-nas às fitinhas por noites inteiras para que desabafassem a carne e a alma como purga, e fizessem de molas que se perdiam rangendo em gritos de fragor infindáveis, não que fossem hedônicas, mas era algo inexplicito, um sentir a liberdade no ofegar constante das respirações, tingidas em panelas obreiras, fermentadas em fantasias de ondas de lodo, galopantes em cambraias finas, com lençóis bordados de murmúrios saídos do além, num tédio mar aventureiro inconciliável, com ondas altíssimas; mais altas que as rochas do Santo, onde, jorrava uma nascente de rio nas entranhas com que regavam desejos, secos por tantos anos, por culpa das Salinas, do Engenho, e das Saudades. Praguejavam ao barco que os levou e já não os quer trazer, porque se meteram numa barafunda, e tinham-se esquecido de como voltar, não encontravam o caminho, está claro, os tolos não tinham levado nenhuma bússola, nem encontravam uma Alma caridosa que lhe indicassem qual o furadouro mais perto, e isso de andar por atalhos era perigosíssimo, e lá isso era... *Alguém meteu-se na casa, e pela calada da noite, varreu-me todos os quartos, e deitou tudo pela porta fora, foi alguma bruxa, posso jurar, a vassoura não está a onde a deixei...alguém andou varrendo-me a casa e a sorte... não foi por nada que não parei de sonhar por três noites seguidas com ovos partidos... eram os agoiros do diabo que me perseguiam...alguém varreu-me a casa durante a noite, e deitou tudo pela porta fora...o diabo que na leve!*

Já bastava de escorregadelas e de percas, o melhor era esperar, como esperou Jacó, nem mais nem menos.

Viviam e reviviam-se na (boceta de Pandora), com suas lágrimas amargas, e rebeldes, consolando-se com o cheiro que os maridos um dia lhes tinham deixado em frascos enlatados, com molho de vinagre e azeite, e tapados com uma massa de gesso, para que se conservassem melhor.

Culpavam as flores incompetentes de cardo, os lápis, os esborratados papelinhos, o sereno da noite, o despertador, o inventor dessa moda dos cardos que inveterou a todos, maldiziam a hora, excomungavam as madrinhas, as amigas desse enredo sem saída, e dias e noites sentiam-se néscias, e sem que ninguém visse, choravam ribeiras que guardavam em baldes, para regar as videiras perdidas.

Um belo dia, as videiras cansadas de tanto tempo morto, rebentaram curiosas, e houve tanto vinho, que nos lagares, o balurdo sempre ensebado, dava gritos de dor; gemia, rangia, davam-lhe mais sebo, e lá se ia na vara do lagar, levantando por castigo uma pedra, que pesava uma montanha, e despreocupada, fazia sangrar o mosto até que não havia mais lugar para o guardar, e aproveitavam-no para banharem-se, para esquecer saudades, para perfume, chegaram mesmo a regar o coração, para alimentar as tristezas, e passou a ser mais usado que a própria água, foi quando deixaram de comprar aguadores, (infusas), baldes, e passaram a usar as garrafas com gargalos esticados como pescoços de galo, para que levassem mais.

**O ladrão do meu amor,
Roubou-me beijos sem fim,
Agora que foi p'ra longe,
Já nem se lembra de mim.**

**O ladrão do meu amor,
Na carta manda-me queixas,**

**Aquele grande estupor,
(assim vais assim me deixas.)**

**O ladrão do meu amor,
É ladrão por excelência,
Rouba corações sem fim,
Tem rosários de experiência.**

**O ladrão do meu amor,
Partiu não mais voltou,
Levou-me a virgindade,
E só tristeza me deixou.**

Construiu-se a Universidade da Rua.

Todo o povo estava ocupado, os *Adelos* chegavam enredados em cordas e fardos, que não eram fardos eram sóracos, que não eram sóracos, malas que pareciam malas, *lembro-me serem malas* que no final por um preço ou outro também lá ficavam, vendidas por uma *bagatela* mas que foram vendidas duas vezes, era:

Este é o melhor pano que há, veio de Londres, não há problemas com a senhora, não a conheço, mas faço-lhe um favor, a senhora paga quando vier, que é daqui a três meses e ainda dou-lhe mais este material por metade do preço.

Três meses depois voltava com mais amarras, mais fardos, e tudo era vendido, os últimos a menos de metade do preço dos primeiros, para que não os levassem de volta, mais sóracos, mais disto, e mais daquilo.

Da minha arte é que vivo.

Havia alfaiates, costureiras ocupadas, um vestido para a outra que vai ser madrinha, uma blusa para a prima, uma saia para a comadre, e se o tecido der, uma saia à afilhada, apareceram escolas de costura, deitou-se fora o que era remendado, cortou-se às fitinhas o que era velho, faziam novelos, *já nem sei quantos usei para bolas de meia, jogávamos no campinho que ficava no Serradinho*, os retalhos eram separados por cores, e quando já tinham o suficiente, mandavam à amiga tecedeira, nos Prazeres, ou Raposeira, para lhes tecer tapetes, vinham em rolos enormes, e eram estendidos por toda a parte. Quando chegava o Espírito Santo com as *Saloiás* todas enfeitadas com cordões de ouro, de cestinho ao braço cheios de pétalas das flores de casa, despegadas cuidadosamente, com olhos tristes, pensando em este, naquele, no que está perto, no que está longe, rega as pétalas com uma lágrima, para que as acompanhe cantando.

Vinde Espírito Divino.

Iluminai os filhos teus...

O padre que benzia a casa, o hissope que fazia que benzia, os tocadores, tocando ao Divino, com os olhos nas broas, nos bolos, nos licores, nos vinhos, procurando o que não havia, contando o que havia, fazendo cálculos e caretas, alongando as mandíbulas, passando a língua pelos beijos à procura do sabor que faltava, porque alguém esqueceu-se nos preparos para a ocasião, e o Padre que se

enganava, fazia que se enganava levava à boca água-benta em vez de vinho, depois trocava, foi engano,

Coitado do senhor vigário...

Um estender de mão, com a palma virada para cima, para o lado de Deus, sempre a pedir, sempre a receber de quem mais precisa, e sempre a aceitar de quem dá, *como se o Espírito Santo recebesse dinheiro, ou precisasse dinheiro, ou não pudesse existir sem dinheiro*, o povo a dar, pondo moedas na máquina, e ele usando a alavanca, *ponham mais, ponham mais*, o povo a dar o pouco que tinha, e ele a dividir com o Bispo que já tinha, e que era para isto, era para aquilo, para os pretinhos da África, para as pretinhas, coitado deste, coitado daquele, e lá iam *diziam eles* alimentando pretinhas, ensinando pretinhos, que depois andaram atrás de nós com machetes, pedras espingardas, com os cubanos pela mão, não sabiam o caminho, nem caminhar, nem para onde ir,

Onde vais?

Não sei, ele é quem me leva...

Os cubanos nunca parando de atiça-los, como quem atiça um cão:

Bala de branco não mata preto.

E lá iam eles sem medo das balas dos brancos com os cubanos a reboque agarrando deste e do que é deste, daquele e do que é daquele, escolhendo o que era bom, e repartindo o que não presta, dando ordens a todos, fazendo bandeiras, distribuindo cigarros perdidos, carregando diamantes, despejando gavetas, destruindo móveis, matando quem queriam e quem ficava atrás, e nós fugindo, contando tostões e matostões, experimentando dietas que não eram dietas, mas que eram feitas,

Hoje não se pode comer espada.

Hoje não se pode fazer uma sopinha de carne de porco.

Hoje não tenho vontade de cozinhar...

Eles que caminhavam em tapetes, quando entravam e saíam com o Espírito Santo, nunca dão, só pedem, fazem uma (lenga, lenga) no Púlpito, *palavra de honra, posso jurar que passam mais tempo a pedir do que a rezar*, mas nunca dão, não sabem dar, não estudaram para aprenderem a dar, e quando dizem que dão a bênção, que fazem missas, que deitam água sobre a cabeça de um anjinho dizendo: José, João, Manuel, António, Sidónio, Maria, Ana, Fátima...

Que dão os Santos óleos, que acompanham um enterro, fazem um Sermão, que uma Novena, uma festa, uma Procissão, Casamento, sempre, sempre temos de pagar, nunca fazem nada de graça, nem fiam, nas suas oficinas de Deus não há rol nem pass-book para fiados, *são como sinos que chamam e não vão*, e mais tapetes, usavam outros quando era só o Espírito a sair todo amortalhado; na festa deste Santo era este, na do outro era o outro, e andava o Paúl todo atapetado até os ossos rechonchudos, a dar, a dar, sempre a dar, enquanto os velhinhos, jogavam às cartas em bancos improvisados, e as mulheres sentadas nas soleiras das portas, simples e cativas, sem o mínimo de pudor, lavadas de resignação e valentia, que nem a própria Maria da Fonte lhes poderia fazer frente, vendiam postais a três dimensões, com crianças ao colo, a mamar em mamas gordas.

Anos mais tarde, um dos filhos da terra voltou e acrescentaram aos jogos de cartas, o futebol, utilizando uma parte do espaço das salinas abandonadas; fizeram duas equipas.

Os Maranhos, que mais tarde passou a ser **Clube Desportivo Paulense**, de camisola às riscas verticais verdes e vermelhas, com calção branco, e um emblema,

com um escudo riscado à maneira das camisolas, e uma faixa branca em diagonal, com uma bola no centro e letras em amarelo **C. D. P.** inscrito a 5 de Outubro de 1940, ironias da vida, cores da Republica, essas que levaram lutando airoosamente, e que não querem levar agora pesam aos mais novos, e querem outras com nome, nomes, cognomes e dão alcunha aos que ainda não tem, mas as velhas custam a vir e quando vem não vinga, e se vinga não dá fruto, e por este mundo fora, tira-se põe-se, dá-se, reparte-se, como num baloiço, vai e vem e nunca fica.

O *Por Nossa Pátria*, que com o tempo passou a chamar-se **Sport Clube Santo Amaro**, a princípio usando camisola branca, com a cruz de Cristo ao peito, e calção preto; mudando tempo depois para camisola às riscas horizontais pretas e brancas, e calção preto; modificaram o emblema, um escudo dividido a preto e branco, e com a velha cruz de Cristo ao centro, e as letras em branco **S. C. S. A.** distribuídas uma por cada ponta da cruz vermelha, e inscreveu-se depois do outro, sempre é bom ter dois, um não presta, e três ainda é pior. A 15 de Janeiro de 1941 lá estava ele. O que se passa com um passa com outro, já não há cores que nos sirva, tudo vai ao moderno que é o começo do antigo, alguma vez foi feito, não por nós está claro, por isso é novo, quem sabe, quem não sabe fique sabendo, quem não quer saber fique como está, parado e de mãos em algibeiras, que também tem o seu lugar...Tudo é preciso na vida, tem de haver de tudo para maior balanço do Mundo.

Com o andar do tempo apareceram outros, como o *Sapatinha branca*, o *Clube da banda*, e muitos outros mais.

Foi desta maneira que, terminaram as famosas lutas da terra, entre os dois mais fortes, que geralmente eram da Quebrada (Porto) e da Ribeira. Foi um jogo, que viveu por

muitos anos, como a principal atracção, não só vivida pelos Pauleiros, como também pelos das freguesias vizinhas, que por essa altura, vinham em romaria, para assistir à luta, que decidiria o campeão.

Nesse descampado todos eram arbitadores a folgo cru, e os debeladores eram levados aos ombros, e por todo o ano, gozavam a vitória.

Este jogo, quase sempre era num dia festivo, e para isso, enfeitavam como podiam todo o descampado das Salinas; mulheres, homens e crianças, luziam com o seu melhor fato.

Com os sítios em grupos, apoiando e cantando o seu representante, antes e depois da luta. Há que anotar, que sempre, antes de estes jogos começarem, já os dois tinham as "tripas cheias de vinho", porque cada um festejava a sua vitória muito antes do jogo.

Essas festas Paulenses eram construídas num pretexto para romper as barreiras que existiam e na teima para predominar a vontade do povo, que assim fugiam ao fêdido quotidiano, sem dar problemas a ninguém; mas sempre alegre, com um coração inigualável, com uma entrega total de vida sem limites, sem receios, e sem cansaço.

Ao toque de uma xinga improvisada, começava a luta.

Havia gritos de apoiantes de um lado, e ecos ensurdecedores noutro. Toda a freguesia vibrava, esqueciam-se das quebradas, das ondas gigantes dum mar formidoloso, do sino; viviam e bailavam com o rufar dos tambores, enquanto grupos espalhados tocavam o charamba

*Eu fiz confusão com beijos,
E toda a noite beijei;
Beijei a mulher que tinha,
E a outra que nunca amei.*

*Pela calada da noite,
Lá pelos lados do Norte,*

*Beije uma e beije outra,
P'ra provar a minha sorte.*

*Dos beijos fiz ramalhetes,
Como se fossem flores,
E quando a noite acabou,
Dormia com três amores.*

*E toda a noite beije,
Lá pelos lados do Norte,
A mulher que nunca amei,
Foi uma noite de sorte.*

E o charambinha com violas de arame, e castanholas.

*“A meu compadre o vigário,
Mandei-lhe galhas de atum,
Não sabendo o que fazer,
Jogou-as nas ventas de um.
Pum!, pum!,
vendo galhas por atum;
ou delas faço varredora,
p'ra esfregar nas ventas dum
bum!.*

*Pum!, Pum!,
bum!, bum!,
pum!, pum!,
bum!, bum!,
p'ra esfregar nas ventas dum
bum!.”*

A um dos cantos, a banda tocava notas afinadas intrigando a luta, com marchas marciais, e animadas, que pertenciam a todos.

O fogueteiro, no muro junto ao mar, com os mais pequenos curiosos a verem de longe, soltava satisfeito uma salva de foguetes, e guardava três mais, para festejar o vencedor.

Os últimos dois Valentões, que se lembram, que eram os "chibantes" lá da terra; um tal de nome "*Repelinha*", tipo forte denodado e quadrado, não era muito alto, mas de uma rigidez incansável, com olhos ferozes, todo cabeludo, que era o melhor da Ribeira. Este homem que na sua juventude era o ídolo da malta do seu sítio, no fim dos seus dias, viveu só e triste, fazendo canoas, mas já sem o ritmo dos socos de antes, condenado pelos anos e reumatismo. O outro, era do (Porto) sítio da Quebrada, o "*Atina*", era um gigante de homem, tinha tanto de estatura como de força, e como quase todos os Pauleiros, também ele imigrou para a África do Sul, e quando regressou, já era muito velhinho.

Com a vinda do futebol, uma vez mais o Paúl ficou dividido em dois grupos que continuaram a medir forças no mesmo estampado, que nem erva queria nascer por medo ao sal.

Folhas caídas

**É Outono,
Vivo lutando,
Num sol cansado e triste,
Uma lua esquecida e abandonada,
No palco do tempo.
Eu, longe, no outro lado,
Será que é certo?, é miragem?,
E o de ontem...
Com a honrada noite fazendo-me carícias,
Enquanto caminhava egoísta a seu lado,
Ela seguindo-me contente.
O tempo fechado na alma da terra,
Eu, abrindo a arca da minha...
O primeiro beijo que te dei,
Era o princípio de Outono,
Que depois morreu rindo...
No trono da minha alma,**

**Faço retroceder os anos,
E vivo.
Igual que o Outono volto,
Rugoso e sóbrio,
Deixando cair as folhas do passado.**

Por volta dos anos 50, João da Cruz forma o Orfeão de música profana, que vibrou e fez grande sucesso na altura. Hoje, ainda existe, mas como Orfeão onde simplesmente, é usado nas Igrejas.

Nos anos 60 foi fundado o grupo folclórico do Paúl do Mar com o nome de **Peixeiras**, teve muitos êxitos, ficou em primeiro lugar no concurso folclórico na Calheta, actuou na Feira do Marítimo, mas também se foi espantado por este, pelos namoricos daquele, protestos dos outros, juntando-se os contos do vigário, que não confessava quem lá andava, *sempre o vigário, e que quem tinha mais culpa eram os que o ouviam*, e terminaram de fechar um capítulo que muito bom nome iria dar ao nosso Paúl.

*Nós somos um grupo,
Nós somos um grupo,
Do Paúl do Mar,
Do Paúl do Mar,
Passamos a vida,
Passamos a vida,
A cantar ao luar,
A canta ao luar,
Lá, lá, lára, lá, lá,
Lára, lá, lá, lára, lá, lá.*

Éramos um Paúl divertido, com marchas já esquecidas, mas simples e vaidosas, que caminhavam contentes naquela única rua que tínhamos.

*Vem ver a marcha,
Cada vez mais popular,
Nossa alegria,
Tem sempre um ar de encantar,
Vem ver a marcha,
Tão linda que não supões,
Como é diferente,
À luz ardente,
De mil balões.*

*Vai lá canta e baila,
Mas vê lá toma atenção,
Se arranjas maneira,
De queimar o coração,
La, la, la, la.*

No primeiro de Novembro, de 1989, Alguém do governo Regional, com um pouco de manteiga denodou, e empapelou todo esse terreno, procurou nos velhos livros arquivados lá nos cantos, e espalhados pelos arredores, e deu-lhe um nome, o mesmo que já antes tinha. Campo das Salinas, e oficializou-o, passando essa data a ser a válida como data de inauguração, com redes e contra redes, e medidas esquecidas, tiradas por uma engenheira, que pouco ou nada entendia de futebol, e melhor teria feito, se tivesse ficado em casa mudando fraldas aos filhos se é que os tinha, e levando abraços e beijos à maneira da filha do Charamba, que isso sim, garanto que seria feito a pé de letra.

No verão, jogavam às (*peoas*, jogo que já lá foi, como também, foram muitos outros que por lá havia.

A (*peoa*) (nome pauleiro, porque era um produto só lá da terra), feita de madeira de nespereira, e o que se

sofria...às escondidas, como sempre todos os jogos eram feitos às escondidas, cortavam os ramos mais grossos, talhavam-nas com amor e paciência, formava-se a obra, pintada, e posta o ferrão era o orgulho de quem a fez como de quem a viria a ter. Era quase igual ao pião, só que em proporção, tinha o mesmo diâmetro horizontal, mas somente um terço de vertical; de maneira que ficava com o centro de gravidade mais perto do ferrão, dando-lhe mais estabilidade e duração no movimento de rotação.

O Paúl viveu com uma rua quase em linha recta, umas vezes quase perdida por estreita demais, outras por estreita e desgarrada, quando o inverno lhe arrebatava a vida tirando-lhe as calçadas, plantadas como sementes à flor da terra. Assim, desde a Ribeira das Galinhas até ao Porto na Quebrada; desde que existiu, por uma razão, ou por outra, nunca houve tempo para parar, meditar, e dar-lhe um nome; Para já andavam todos ocupados nos trabalhos de como fugir do lugar, com uma vontade inquebrável, que nem lhes passou pela cabeça de chamar o Padre, levar a rua à Pia Baptismal, chamar um padrinho e uma madrinha, meter umas notas num envelope, e entregar de mão a mão, depois de ele ter jogado umas gotas de água-benta, e ter pronunciado um nome fresquinho, estendido sobre uma toalha de linho, bordada por gente lá da terra, e também porque não eram formalistas, e isso era extralegal.

Ao passar os anos, mais os pauleiros se aperceberam que podiam viver sem que tivessem a responsabilidade de um nome na única rua que tinham, para já, nunca ninguém se perdeu por não ter nome, o carteiro entregava sempre as cartas, sem ter de manda-las ao remetente. Mas uma vez, uns anos atrás, deram-lhe um nome, porque agora sentiam-se mais modernos e altivos, foi um grande nome, grande demais para a rua, que não estava acostumada a um, e

começou a perder-se a correspondência, muitas cartas foram devolvidas ao remetente; e como diz o ditado:

" Quem envia p'ra si é "

" Kyrie eléèson "

Vieram mais estranhos, e um dia chegaram uns cientistas, explicaram porque as mulheres, nadavam com uns movimentos de pernas diferentes de todos os lugares. Todos aprovaram por unanimidade, pois se diziam os científicos, é que sabiam porque vieram de Coimbra. Segundo eles, era devido à falta de sexo, porque tinham os maridos embarcados. Pronto, e assim ficou até que em Dezembro, veio um grande temporal, e deitou tudo por terra; viam-se nadar peixes por todos os lados; e repararam que afinal também esses peixes nadavam com os mesmos movimentos das mulheres, ficou estipulado no tribunal do povo que todos esses peixes eram fêmeas, e sendo assim, tinham de ser todos resgatados, o mais depressa possível. Durante uma semana, velhos e novos, puseram mãos à obra e não descansaram sem recolherem todos os peixes, que encontraram nos quartos de dormir, nos jardins, nos cântaros de flores, nos ramos das árvores, na rocha do Santo, e voltaram a deita-los pelo mar adentro, para que não tivessem a tentação de voltarem outra vez. Foi tudo muito complicado, havia o Padre da freguesia que opinava de uma maneira, e o Professor de outra. Formaram-se dois partidos; a *Formiga preta*, e a *Formiga branca*. O Paúl passou a viver num formigueiro isolado de todos por mar e

terra, num autêntico quebra-cabeças; não só para os que lá estavam, mas também para os que se encontravam fora.

Quem tinha feito os peixes era Deus, e que pelo tanto, ele era seu ministro, e como tal, tinha o dever de conduzir o povo, e ensinar-lhes todas as boas maneiras e verdades, tinham de compreender que todos esses peixes eram fêmeas, que também não se podia comer somente peixe, porque se assim fosse, não se venderiam mais Bulas, e a Igreja estava pobre, precisava de dinheiro, e disse um sermão metastático que levou mais de duas horas, com uma Igreja toda atacadinha, e um terço foi preciso acordar a cotoveladas quando o padre baixou dum Púlpito, sustentado por Deus sabe quem

O professor, por sua parte, argumentava que o Tribunal da Inquisição já tinha sido abolido, e a ordem Dominicana tinha perdido as asas, e o Marquês tinha sido o melhor Juiz em Portugal, que todos viviam de olhos fechados, já era tempo de os abrir; Que sim, Deus fez os peixes, e todas as criaturas que existem na terra, mas deu ao homem poder para domina-las e usa-las para o seu próprio consumo, que essa coisa de Bulas era tudo uma trampa e Deus nada tinha a ver com isso.

O histriónico padre, que não, não era assim, que o sal era só do mar, que as lágrimas não eram salgadas, nem o sangue, tudo era uma ilusão, e tudo era fabricado pelos comunistas, e metafísicos; e o povo ficou confuso, que já nem sabia qual era a mão direita e qual a esquerda.

" Gloria victis "

O padre mandou o compadre José Gonçalves da Horta (o Gibinha), o mesmo que um dia anos atrás, no Adro da Igreja, na noite de Natal, com um povo aos molhos esfregando-se enquanto esperava que terminasse o,

Anuncio a vós pastores,
Com a maior das alegrias,
Nasceu hoje mesmo em Belém,
Nasceu agora o Messias.
Nasceu hoje mesmo em Belém,
Nasceu agora o Messias.

O que será?
O que será?
Ora pois que há-de ser,
É certo que o Deus Menino,
Hoje acaba de nascer.

Com os anjos todos de branco. *Fardados do que não eram, que Deus me perdoe, se falhei. Fardavam-se deles, imitando alguém que os pintou, tinham umas asas como se fossem deles, quando nem voavam, nem eram. Eram das penas roubadas ao cagarraz mortas à vara, como roubaram as belezas deles, que nem eram eles, eram elas, eram mais pesadas, como as minhas e sem que me digas mais, olha as tuas, não são diferentes, pesam igual.*

Quando o Padre lhe perguntou:
Oh compadre o que vai cantar hoje?
Não sei compadre, ainda não sei...

(Nessa altura cantava-se sem ensaios, tudo era de ocasião, o momento era o artista, e o artista era o momento, em vez de romarias eram grupos de dois, de três, e havia quem cantava só, essas cantigas feitas na hora, o mesmo que nas festas o despique, que no Paúl saiu pela porta detrás sem deixar rasto.)

Canta lá uma, compadre, canta lá homem.
(Tá) bem compadre, (tá) bem compadre.

(todos se aconchegaram, tudo era festa, as festas trazem surpresas, são como sonhos.)

***Oh meu menino Jesus,
Tire-me deste fadário,
Tire a giba que tenho,
E ponha no Senhor Vigário.***

Está bom José, não cantes mais.

Quando o compadre lhe apareceu a casa, com uma mão coçando o queixo e uns olhos inquisidores, mostrados pelas rugas de uma testa suada do rigor, que não sabe disfarçar nem mentir, tão pouco esconder, vem o medo, não sabe de quê...*O diabo é que sabe...*

O compadre tem de me conseguir um cabrito forte, macho, e com umas barbas bem feitas...tens de me conseguir seja lá como for, mas quero esse cabrito amanhã!

Fique descansado compadre que amanhã o animal aqui estará.

Com barbas e uns cornos retorcidos!

Vai ter um cabrito como quer, fique descansado compadre

Olha que preciso desse cabrito amanhã!

Fique descansado compadre, palavra que amanha lhe trairei o animal.

Foi o compadre comprar o cabrito, alheio ao fim, o fim era do compadre, e o compadre era o Vigário. Ao Vigário não se fazem perguntas, e se há quem pense que a inquisição acabou, está enganada, continua, vivinha, mas escondida por detrás das batinas, dos hábitos, das confissões, entrelaçadas de Beatas e de não sei mais, dos padres que não são padres e das freiras que não são freiras.

Os círios a todos são iguais.

Na Raposeira, encontrou o desejado cabrito, que foi trazido pela ladeira da Fajã da Ovelha, e logo à chegada, na ponte da Ribeira das Galinhas, está meia freguesia esperando. Nesse dia, ninguém trabalhou. O entusiasmado padre decretou Feriado Eclesiástico, e andou distribuindo Seculários de Caprichos aos acompanhantes, e aos amigos apagou por uma semana as folhas no Livro de Bulas, que viviam guardadas na Sacristia desde que se construiu a Igreja; numa gaveta trancada a sete chaves e ferrolho cego, para afugentar as Almas do Pecado Mortal. Enfeitam os cornos ao animal com cardos salgados, flores silvestres, e campainhas de açúcar, bonecos de barro, e fitas de papel selado, fazem-lhe duas tranças nas barbas, e pintam-nas de preto; colocam-lhe uma faixa em linho branco, bordada a linhas de prata, e ponto de pau. *"Eu sou o Cabrito"*; deram-lhe um chapéu de palha, que estava em moda nessa altura, para o proteger do sol abrasante que nesse dia à uma da tarde teimava em queimar tudo; e por último, untou-se o bicho com uma parte de óleo de rícino por três de óleo de linhaça, para afugentar os maus espíritos. A filarmónica, que tinha sido fundada a 4 de Setembro, de 1874, e que nessa altura era uma das melhores, de toda a Ilha, também entrou na marcha, e para mais graça, vinha acompanhada de três homens satisfeitos, carregando dois *"borrachos"* cheios de vinho (*caninho*), e outro de (*jaqué*), e quatro cornos torcidos de boi virgem, amarrados ao pescoço de

cada um, Para servir o vinho aos marchantes. Atrás da banda, vinham sete festeiros improvisados; mais parecendo autênticos palhaços, todos engravatados e descalços, porque os sapatos estavam caros, e o dinheiro mal dava para as Bulas, e não se podia fugir à religião.

« *Omnia mecum porto* »

O padre ia à frente do cortejo, de sapatos pretos, todo envolvido em paramentos roxos de ciclatão, com dois cabritos bem desenhados a corpo inteiro, bordados a ouro e sal, bem acolchoados de chumbo, feitos exclusivamente para a ocasião, mas que infelizmente se perderam de propósito com o tempo no Museu da Arte Sacra, ao lado um moço com o tribulo, cheio de carvões roxos de fogo, abrasando como no Inferno, esperando desalmados o incenso que nunca chegava, porque o adulator está fervendo obcecado com o cabrito, no cabrito, na veste do cabrito, só cabrito, num turgir de vaidade e mando; se ele não levou um Cibório, foi por esquecimento, ou temor a Deus.

Segurando o cabrito, e um bordão de cana-vieira ainda com as folhas verdes na ponta abanando ao vento, muito maior do que ele, lá ia o desalmado. Seguiam-se os anjinhos com robes brancos, e suas asas abertas ondulando na pureza do impuro, e fazendo ciganas ao cagarraz mortas à vara pelas madrugadas, e vendidas na praça por cinco tostões cada. Eram seguidos pelas Beatas com coroas de flores vermelhas, e um ramo de cravos ao peito e círios acesos, pagando as promessas de Beatice, que um dia tinham sido prometidas pelas mães quando as pariram; logo vinham os da confraria do Santíssimo, mas sem as capas vermelhas, para que não os confundissem por Comunistas, porque lá isso não! Atrás de tudo isto, vinha a multidão sem farda; Homens, mulheres e crianças inocentes, eram empurrados pela glória de um louco, onde mais tarde fez

correr rios de penas e desgostos. Viveram horas num destino incerto e pagão. A confraria de Santo Amaro, foi a única que não quis entrar na *Onda Maçónica do Cabrito*, e resolveram ficar de lado e deixa-los passar drogados, nesse *Carnaval de Loucura*.

Era um alarido tal, que a toque de música cantavam:

- Mata o cabrito! Mata o cabrito! Mata o cabrito!

Retiniam os bombos como trovões, rufavam os tambores exaltados ao compasso de gritos estrepitantes.

- Mata o cabrito! Mata o cabrito! Mata o cabrito!

Confundiram procissão com carnaval, e carnaval com procissão, e o mais confuso de todos era quem se tinha prestado a encabeçar o levantamento, que grasnou desde a Ribeira ao Porto

Três vezes cantou um galo, e por primeira vez fez-se na freguesia uma festa pagã, com procissão de cabrito, e vinho para todos, com banda, palhaços, e sacristão carregando a pipa da água-benta, o desgraçado soava por todos os poros. O padre cansou-se de tanto usar o hissope, espargindo água-benta por todo o lugar; nesse dia tudo ficou benzido, com o vento ajudando, claro, levou água-benta à ponta da rocha, passou por cima da cabeça do Santo, e muito mais além. O resto do ano, tiveram-na somente por encomenda, que lhes mandava por esmola o pároco da Fajã de Ovelha, porque a da casa, já se tinha esgotado, mas mesmo assim, não chegou nem para lavar a grinfã do padre mal versado.

Todo o caminho, foi coberto por um tapete com metade em sal, e a outra metade em açúcar, havia pétalas de rosas de todas as cores, espalhadas por semeadores incrédulos, desde a Ribeira das Galinhas ao Porto na Quebrada.

O sino badalou, repenicou, e repicou perdidamente, numa loucura interminável, que o levaram horas inteiras retinindo, numa confusão entre eco e som, até que tudo terminou num cansaço, quando a corda partiu e deixou o

badalo inocente balançando-se na torre ressentida por tanto chamar em vão.

Anos mais tarde apareceu partido, sem valor; pelo bater, ou pela providência; foi retirado, para voltar a ser fundido. No seu lugar, esta um outro que pouco tempo badalou na torre da Igreja dos Prazeres.

Era tanta a barafunda, que quando o professor foi jogado ao mar para que pudesse comprovar com os seu próprios olhos que os tais peixes eram fêmeas; houve doze Apóstolos, que se prontificaram a identificarem-se de valentões.

Desceu a noite, e no dia seguinte, todo recheado de veludo da festa, e do cheiro a foguetes queimados, com um sabor suspenso do rascão de carne de cabrito florido, e cornos de torrões de açúcar recheados no sacrifício da véspera.

Para lá mandaram toda a tropa que havia na ilha, precisavam dos "*Apóstolos*", que mais tarde encontraram e, sem piedade, levaram-nos algemados; depois de três dias de presença armada, com os seguidores reagindo com telhas partidas e chuva de pedras no silêncio da noite. Não se foram sem antes colocarem uma jarra com a mais bela flor, que por curiosidade, estava à janela, e um tiro de espingarda, em toque falso a levou ao cemitério.

Passaram-se dias, fizeram-se versos, e quem sabia cantar, cantava ao vento:

***" O caga na lata,
tem a lata cheia,
p'ra dar aos amigos,
que tem na cadeia.***

***P'ra dar aos amigos,
que tem na cadeia,
o caga na lata,
tem a lata cheia.***

*Tem a lata cheia,
tem merda na lata,
p'ra dar aos amigos,
que lhe fazem falta."*

Quem não jogou pagou, e quem jogou não pagou; houve cestos de garupas, e cestas de lagostas, dezenas de sacos de lapas, e flores. Deitaram cinza no lume; e tudo ficou em águas de bacalhau, tão batido, que até hoje, ninguém sabe ao certo, quem foi quem, e quem disse quem, e isto é inescrutável. Disto, também não posso dizer nem um alfinete, porque minha mãe ainda não me tinha parido, e só soube por um velho que me contou, aí aos bocados, mas que segundo ele, por andar carregando um bombo de pele de cabrito pelado, também não viu quem; mas, segundo uma velha lenda, dizem que foi um tal, de apelido "*Brasileiro*", também conhecido lá na terra por "*Ministro*", que para fugir aos dentes do Leopardo, saiu do País, aos pulos, vestido com roupas de mulher, e cabeleira mandada fazer por um amigo lá do Padre. Refugiou-se em Santos no Brasil, e mais tarde chegou aos Estados Unidos da América, por via de Panamá.

Tudo é subornável.

"De músico, pescador, poeta e louco todo o Pauleiro tem um pouco."

**Ditaram-se os labéus Paulenses, e decretaram-lhe o
*Pauperismo.***

Por muitos anos ficaram as escolas vazias, quem sabia ler sabia quem não sabia ficava por saber, e tudo se hebetou por lá, eram eles que tinham de tirar o chapéu e fazer a vénia a este ou aquele, porque perdeu-se a inerência quando na leria dos cabritos, que foi a levedura, porque o tal Mac anjo incentivou, e que outros mais encontrarão pelos

mesmos caminhos no decorrer do tempo, um irredimível acto irónico onde prevaleceu a mutação com o mal natento para todos, de cor gris, e que o tal do gnosticismo lhes tinha inculcado que era níveo e fiaram-se, como se irão fiar os outros, porque tudo isto é intérmio por serem da mesma fibra, cá sempre foi a palilogia a vencedora sem patranhas nem avenhas, embora tudo isto seja tão esquisito como o é, mas também verdade pura; se não fosse pela coragem de dois jovens, que rápidos, se atiraram ao mar e meteram o pobre quase falecido numa canoa que por lá estava ancorada, e fugiram a todos os remos, para a Calheta, somente sabe Deus o que haveria de passar. Acabaram-se as salinas, cerraram-se as portas do engenho, guardaram as balanças das conservas e fecharam tudo à chave, deixou-se de acender os fornos da olaria, secou-se o alambique, acabaram com as fábricas de massa, trancaram as fábricas de telhas, e o Paul, voltou a mergulhar num letargo, com os feitiços espevitados das recordações dos bons tempos ficaram os candeeiros a petróleo, que pendurados, de espaço a espaço, ainda lhe davam um ar de graça; mas mesmo até isso acabou, porque de um a um, se foram partindo à pedrada, e de todo o esplendor só ficaram flores de papel feitas à mão por moças desoladas nas noites de Inverno.

Apareceu a Lepra, a Febre Tifóide, a Febre-amarela, o Escorbuto.

O Paúl espezinhado, desvelado, pobre e cansado, rendeu-se ao sofismo. À sua volta não encontrou nem Santo, nem Rocha, nem mar; mas uma nuvem negra que lhes cobria toda a Alma.

Estavam sós e tristes, e por muitos anos assim caminharam desolados num lugar perdido, até que se cansaram de deitar as túnicas do menino ao mar para acalmar a fúria incansável desse mar manhoso e estranho,

deixaram de comprar Bulas, saturaram-se da Água-benta, porque era um remédio que não curava, e tudo era mal agradecido, e da noite ao dia acabaram com os escrúpulos populares. Fizeram-nos caminhar como penitência de mãos dadas pela única rua triste e seca, pois a última vez que lhe saiu uma lágrima foi talvez quando naufragou o Verona, mesmo ao lado, lá para os lados do Norte, e como prova da verdade, ainda lá estão os caldeirões, amarelentos e tristes, de sabor amargo, dormindo num esquecimento, naquele mar agridoce, enredados nas pedras polidas, ancorados, fazendo de cruz aos que se foram; com um calhau atacado de merouços.

" Fugit irreparabile tempus "

Paulatinamente, secaram-se as avencas; depois a sobremesa, de uma seca vinda com um vento forte e quente do deserto Africano, e teimou em queimar tudo, acendeu uma labareda demoníaca, e destruiu os fetos de metro, as orquídeas, os malmequeres as rosas e os frutos, e não se satisfez até que não acabou com tudo o que era verde, como naquela vez, que me lembro como se fosse hoje, de lá também chegou a peste dos gafanhotos, e todo o santo lugar ficou à mercê dos destruidores, até que eles mesmos cansados e praguejados se destruíram.

Desenterraram-se os lírios que estavam envolvidos em açúcar e deitaram-nos ao mar.

Abriram a tampa da caixa onde tinham a Primavera salgada; lavaram-na, e juraram que jamais a iam voltar a salgar.

Sacudiram a consciência e tiraram-lhe todo o açúcar; lavaram-na e deitaram-na a (coarar); depois de seca, engomaram-na e voltaram a servir-se dela.

Procuraram Alecrim, os alhos de porro, as folhas de loiro, a manjerona, a hortelã-pimenta, os orégãos, a segurelha, e a arruda; fizeram um perfume gigante, onde toda a freguesia ficou envolvida numa nuvem de fumo, por semanas inteiras, com bocas fumígenas, até que se foram os maus espíritos, a Lepra, a Febre Tifóide, a Febre-amarela, o Escorbuto, e voltou o Sol, a rocha do Santo, e o mar.

Nossa Senhora das borboletas, livra-me desta, e noutra não me metas.

Na Terra do Sol Poente, havia nomes extravagantes, que sempre ficaram cravados na memória, e aparecem-me, por vezes como ladrões, espreitando e roubando-me o sono de uma vida. Havia a rua que chamavam a da lama, deram-lhe esse nome porque por muitos anos andou sem calçadas, sempre gostou andar descalça, era travessa e os que lá viviam trataram de imita-la até os extremos. Foi também nessa mesma que se deu o início da fuga da escola, quando um certo dia, como num vendaval, apareceu na escola, toda desgrenhada e assustada, assustando a todos, fazendo-nos correr como nunca tínhamos corrido, nem quando batíamos os calcanhares no cu, nesse então foi diferente a tudo. Ela vivia com os avós no sítio do Porto, e nessa noite sonhou com doutores que vinham de muito longe, foi um sonho

turbulento, havia medo e dor. No sonho ela vê eles entrarem na aldeia, sem precisarem de aviso, ou consentimento algum, eram mandados pelo governo, tanto mais que vinham acompanhados de tropa armada até os dentes para protecção; Fizeram e desfizeram, viu que destaparam tumbas sem se importarem com os cheiros, que arrumaram ossos polidos, deitaram cruces e jarras de flores que as sustentavam, como balança fora, depois deitaram-se ao pessoal em redor, e escolhiam, pondo-os de parte para depois lhes tirarem o sangue enquanto a outros curavam, tiravam a vida desta, e ponham naquela, remendavam veias rotas como quem remenda um par de calças, como também cortavam corpos propositadamente para que assim se descompusessem naquela terra barrenta e salgada, cortavam a carne como se estivessem no Praça cortando atum com aquelas facas muito grandes... ainda maiores que os navalhões que lá usavam, doutros apalpavam as feridas até que elas próprias gritavam de dor e raiva...e tinham tinas cheias de sangue ao seu redor... quando acordou, pensou estar lá, foi quando começou apregoar logo que se levantou, deixou os cabelos como estiveram durante toda a noite, a cara de igual modo podia ficar também, se desse tempo, ao passar pela fonte, lavava-se, se não, não fazia mal.

Agarrou a saia azul e a blusa creme pintada a flores, que já tinha usado na véspera, meteu o livro, um lápis, e uma borracha na bolsa feita de pano de colchão, e sem sapatos correu à rua fervendo, de bolsa ao ombro, e fez reviver o sonho.

Contou a todas as vizinhas que encontrou pelo caminho, ter visto uns doutores vindos da cidade, para tirarem o sangue, que todos iam morrer, que fugissem, e sempre correndo, por vezes olhando para trás e gritando, dizendo sempre o mesmo, por aquela rua única a quem encontrou passando; Quando não encontrava ninguém pelo caminho,

por querer arrebatadamente desafogar, e perdida de raiva e dor, batia furiosa nas portas até que alguém abrisse, e começava na lenga, lenga dessa história incontrolável e diabólica, mas que muitos acreditaram, e se embrulharam com medo, e pensaram na prima, na irmã, nos sobrinhos. Porque a outra disse que vinha fugida...que todos iam morrer às mãos das Dores, que fugissem enquanto era tempo, e desta maneira sempre correndo e apregoando chegou à escola, já auto acreditada por sempre repetir a si própria o mesmo, que passado umas horas o sonho passou a ser verdade pura.

Já chegaram eles ao Porto, são muitos doutores, todo o tempo estive correndo, cheguei mais tarde porque andei espreitando, queria ver com os meus próprios olhos, e vi, contou à professora chorando, vi o que não quero ver mais... e teimava que a razão da sua tardia eram os doutores, e o que estava passando no Porto, mas ainda bem que consegui chegar...os doutores estão levantando os mortos, guardando os ossos, cortando gente, tirando sangue a todo o mundo, e que enquanto lá estive, já tinham umas poucas de pipas cheias, era para levarem para a cidade, era uma loucura medonha, os caminhos estão todos pintados a sangue, segundo ela, que jurou por toda a felicidade do mundo, pela alma de meu irmão que Deus o tenha, como não minto; era um pavor, até me arrepio, mesmo na minha frente a ficarem sem uma gota de sangue...depois mudavam de cor, ai meu Deus, nem me quero lembrar, como andavam delirando, mal se podiam arrastar, é uma desgraça, quando vi isto, me pareceu uma alucinação, mas não foi, foi verdade pura, que Deus me ajude...os que eu vi, só em uns segundos transformaram-se em puros esqueletos caminhantes fazendo uma arrastada quando caminhavam, com aqueles casacões que lhes cobriam até os dedos dos pés, ficavam com os olhos fundos e tristes,

metidos bem lá dentro, como se estivessem num túnel de pobreza, e quando olhavam para mim, aqueles olhos que se colavam cá dentro, me metiam medo... Jurou ter escapado, correndo escondida por entre eles que mesmo cambaleando a ajudaram, ah! Parece que ainda os estou vendo e ouvindo os gritos voando, deixando rastos de pavor e medo a meu redor, os pobres arrastavam-se como carcaças velhas e sem valor, com esforço chegavam até a beira do muro novo, para depois morrerem espantados olhando o mar, sem poderem deitar lágrimas, estavam ressequidos, como se alguém os tivessem torcido como quem torce a roupa para a enxugar... e ninguém mesmo que quisesse, poderia chegar até onde estavam, contou que lhes ouviam dizer palavras embaciadas, *fo...o...o...ge, fo...o...o...ge*.

Era o governo que os tinham mandado, havia soldados por toda a parte, temos de ter muito cuidado, nem sei como consegui sair de tudo isso, foi um milagre poder ter chegado até aqui, foi Deus que me ajudou para que avisasse a todos. Dava aos braços, dizia que fugíssemos, que a professora fugisse, porque se não íamos morrer todos, que ela não queria morrer ainda, muito menos daquela maneira tirana, cada agulha que eles usam, tem meio metro, e fazia o sinal de medida com as mãos...chorava, também não queria que morrêssemos, porque depois ficava sozinha... gritava com lágrimas que caíam como pêndulos, e faziam balançar os olhos para tudo o que move à nossa volta, apontava para o caminho, e dizia cansada, quase sem folgo, foi por isso que vim correndo, para avisar a todos, quero salvar todos e, levava as mãos ao peito, tirava a medalhinha de Nossa Senhora, presa por um cordel ao pescoço, beijava-a e chorava, Nossa Senhora de Fátima, ajuda-nos! Voltava a respirar fundo e soluçava, falava soluçando, fazia movimentos com as mãos e tremia de medo, e voltava a dizer, fujam! fujam!.

Aos poucos começaram a chegar à escola aos empurrões um montão de gente, forçaram a porta, desbarataram-na, eram irmãos, pais, mães, avós, madrinhas, tios, todo o mundo, procurando o que era seu, e tiravam-nos da escola, a professora entrelaçada na loucura desta confusão, desmaia, e lá ficamos três ou mais gatos-pingados, sem que ninguém nos fizesse caso. Tanto eu, como o Simão, e o João, e já nem sei quem mais, ou se mais houve, tal era o desespero, tivemos de saltar pela janela, para fugir desse sangrento laboratório ambulante.

Salta o Simão, e fica pendurado num dos galhos da figueira, pelas suspensórios das calças que lhe tinham mandado uns primos residentes na América num saco mais gordo que um balão. Salta o João, em cima do galho, parte o galho e vão os dois ao chão, salto, não havia mais mola, a queda foi mais forte, e arrancamos fugindo para a levada.

Do alto, escondidos entre as nespereiras, olhávamos com ansiedade e medo, e víamos que toda a rua estava toda atacadinha, desde uma ponta à outra, uns que iam, outros que vinham, uns à pressa, outros correndo, davam aos braços quando se encontravam com os que vinham, paravam com os braços ondulando e fazendo desenhos que não entendíamos, uns pressurosamente, outros mais devagar, e nós sentindo a protecção da levada, das nespereiras, da água que cantava mesmo ao nosso lado, também fugida dessa tempestade de doutores sanguessugas, que tinham trazido com eles, seringas como nos contou a outra, de meio metro, e que só de uma vez, podiam tirar todo o sangue de um corpo, sem que um pudesse fazer nada. Estavam rodeados de soldado armados, e quem não obedecesse, morria com uma bala entre os olhos.

Sentados, esperando que passasse todo o medo, o medo é da mesma cor da prudência, como um dia disse um general, aí ficamos até que tudo se acalmou.

O caminho deixou de fazer greve, o povo pareceu conformado, tudo parou, deixou de haver gente passando, as nuvens passaram a cobrir o Céu novamente, e tudo voltou ao de antes, os melros pretos cantaram igual, pelo menos foi como julgamos, a não ser que houvesse engano...medrosos, fazendo o mínimo de ruído, fomos todos para a casa de minha mãe.

A 27 de Setembro de 1995 por milagre, ou por engano é inaugurada a Escola Básica, pois por alguns anos serviam-se de uns salões mal apropriados, sem condições físicas e morais para uma escola.

Em Dezembro, aí perto do Natal era quando toda a "*canalha*" desejava a matança do porco, iam os homens e sem mais nem menos, sem aviso sequer ao condenado, agarravam-no e enfiavam-lhe uma faca que chegava ao coração, que o não era por ser porco, deixavam sangrar, deitavam-lhe a "feiteira" que um dia antes as mulheres lhes tinham trazido lá de cima, pela mesma ladeira que chora amarguras por cada pedra que se pisava como gramofone, e faziam correr lágrimas aquém tinha, para dar aquém não tem, talvez foi obra de algum pregador que por ela andou, sabe-se lá...

Pegavam-lhe lume, e por cada porco que se matava, estava um "*poder de gente*" à volta com um "*cabedal*" de, "*canalha*" numa gritaria, correndo ora para um lado, ora para outro, atrapalhando uns, embaraçando outros, atropelando aqui, tropeçando lá, fazendo caretas a este, fugindo daquele, tirando "feiteira" dum lado, pegando lume noutra, e mais do que tudo esperando como na outra vez quando o desalmado já meio queimado, se levantou num arranque a roncar que metia medo, e meteu-se às correrias, com todos atrás, "*canalha*" e tudo, vamos ver quem agarra, até que lhe esgotaram as forças e o bicho aí ficou de patas para o ar, o desalmado está morto, mas mesmo assim

tiveram que correr um bom pedaço, sem contar o trabalhão de traze-lo de volta, com a algazarra da "canalha" apregoando.

O que mais queria a "canzoada" era a bexiga do animal, deixavam-na secar, metiam-na numa meia, depois em outra. As meias têm de ser postas aos pares, umas novas, outras velhas, cada um fazia o que podia, um safa-se como pode, com cuidado, puxa mais daqui, puxa dali, agora amarra, não é assim, dá-lhe mais uma volta com a meia, assim, agora está redonda, aperta outra vez, isto é que é uma bola, ah! Agora a irmã cose com jeitinho os badanos e bola feita é meio caminho andado. Quando o ensaio das romarias do Natal começava, já estava a malta farta dos jogos com bola de bexiga de porco, meias, trapos, e caneladas, mas bolas poucas.

Os ensaios das romarias, ora que outra alegria, eram como equipas de futebol, tinham as suas fardas, sempre diferentes para cada ano está claro, o mesmo com os versos e as músicas tiradas por eles próprios, apanhando os dós, rés, mis e os fás, nas árvores que lhes cresciam no quintal, o Paul é musica, e numa casa, a portas e janelas fechadas até os dentes, porque o prazer estava no segredo, e a alegria por cantar tudo novinho em folha na Noite de Natal, era mais importante que os namoros que também na mesma casa passavam, e continuavam pelas missas do parto, mas sem parto, esses não eram precisos segredo, quem vê um vê dois, e pode ver mais se quiser, não misturem alhos com bugalhos, isto não e nada de novo, quem casou também namorou, quem sabe, uma, duas, e mais não digo, senão não casava, namorar não é pecado não senhor, a virgem também namorou.

*Fui me confessar e disse
que não tinha namorado,
que não tinha namorado...*

*O padre me respondeu,
que até dois não é pecado,
que até dois não é pecado.
sim, sim, sim, mas disse ao padre que não era assim
Fui me confessar e disse,
que não tinha amor nenhum,
que não tinha amor nenhum...
O padre me respondeu,
que tivesse ao menos um,
que tivesse ao menos um.
sim, sim, sim, dizia o padre que não era assim.*

A tradição continuava, pois claro, tinha de continuar, nessa altura como sabem, tudo era obrigatório, o governo deu-nos o exemplo, também havia a competência, com prémio, às melhores, depois da Noite de Natal e da Primeira Oitava, que já era na casa do Vigário com todas as ofertas, p'ro menino claro, mas ele joga-as para o ar, e o que cai é dele, o outro se ele quiser que agarre. Fica ele juntando o que o outro deixou cair e vão as melhores romarias para a casa do Sr. Doutor, um santo de homem, que tudo fez pela freguesia e por todos, Pauleiro de raça, que Deus o tenha que bem o merece, e se hoje há alguém que não se lembre dele Pauleiro não é.

Havia discursos de coração aberto, e todo o Paúl lá estava, uns dentro, outros fora, uns em cima dos muros, outros no outro lado nos muros dos vizinhos, eram homens com (*canalha*), ou (*canalha*) com (*canalha*), amigos com amigos, uns sentados, outros em pé, as mulheres ficavam em baixo, espreguiçando-se para que pudessem ver o que já viram, fartura que Deus a haja, que lá nessa casa havia nesse dia para todos, bolos, licor, café, vinho, e a Banda de todos nós também lá estava contente tocando ao presidente que sempre foi.

Dezembro é o mês da vida, e não posso calar as tais missas do parto que deram mais namoricos, e foram mais

casamenteiras que as romarias juntas, que o amassar do pão, que o brincar ao mar em São João, que a Festa de Santo Amaro, que as missas no Domingo, que a espera da lancha no cais, que assistir aos jogos de futebol, que na praia da areia, que no adro nas festas ao som da banda. Era a altura ideal, não havia luz eléctrica, os encontros marcavam-se, a Igreja estava "atacadinha", ninguém dava por falta de ninguém, mesmo que o desse, era que estava no outro lado, por isso não me podiam ver, ladainha que saia, ladainha que entrava, o alarido na rua com bombas que rebentavam perto da porta da Igreja, e fazia estremecer os santos e o altar.

Ora pro nobis.

Uma semana antes do Natal, faziam (*bicha*) para amassar, nas casas que tinham forno, toda a noite e todo o dia até o Natal, o forno ora queimando lenha, ora cozendo pão, era um alternar constante, sem intervalo para ninguém, saía um entrava outro, era um perfume a pão por todo o lugar que chegava ao Céu, se calhar crescia-lhes água na boca, mas isso, quando lá chegar pergunto. Contavam-se histórias, namorava-se, cantava-se, era uma televisão improvisada, porque o que agora chamam televisão ainda não tinha chegado, mas que nós já tínhamos inventado uma quase igual, sem tubo, sem electricidade, de igual modo, quando por primeira vez o gramofone beijou o lugar, e fez-se um alvoroço, ouviu-se, decorou-se, cantou-se, e em acompanhamento, festejaram as noitadas desveladas em arco-íris de luz da lua cheia, e, todos em mestria, talharam em barro um disco com mãos tremidas e soltas, colocaram-no no mesão do aparelho, como quem coloca um bebé dormindo no berço com mil cuidados para que não acorde; deram-lhe corda, respiraram fundo, e a um sinal, cantaram, enquanto a agulha enfadada, deixava marcas de linhas sem sentidos nem zumbidos, no barro mole e desinformado.

Quando terminaram, tiraram-no com outros mil cuidados e alegria, levaram-no ao forno quente do padeiro amigo para coze-lo.

Nunca cantou nem gritou, como nunca deu o que tinha de dar, mas ficou como o primeiro disco gravado na terra virgem minha e tua. De igual modo para a televisão, formávamos os actores, eram os que estavam lá em casa, cada um fazia pelo melhor, cozia-se peixe no forno em tabuleiros, comia-se o pão fresquinho, molhava-se o pão no molho do peixe, cortavam mais aquela (*argola*) que não levantou, aquela outra que está mais queimada, as mais bonitas guardavam-se, as (*rosquilhas*) mais pequenas repartiam-se, as algibeiras ficavam cheias de "broas", um copo de licor para elas, um copo de vinho para eles, para os garotos só água,

Olha que o licor ainda não tem cristais.

O dela foi feito depois do meu, e olha como já está, não fiz como no ano passado, mas para o ano vou fazer diferente.

Fala com ela que tem uma receita boa.

Ao lado batem os homens a massa, têm mais força, o vinho está sempre bom, não precisa de cristais, nem açúcar, pecados faz quem os necessita.

Passa lá um copo Maria, e não te esqueças de fazer o pão de carne de vinha d' alhos.

Deixa estar que lá isso será feito, homem.

e mais um copo.

Olha que a noite é grande, cuidado com o garrafão, não seja como quando matamos o porco, e da vez das "fatiotas", que andavas bêbedo que "nem uma cabra", nem no outro dia pudeste "ir p'ro mar".

Havia o dia dos Reis, seis de Janeiro, uns vestiam-se de Reis, e com um grupo atrás iam cantando de casa em

casa, toda a noite cantando e bebendo, pois bebendo se canta, *e quem canta seu mal espanta.*

Canta mais quem sofre, do que canta quem goza.

*Aqui vem este grupo de rapazes
acompanhando os três Reis do Oriente,
contentes, todos alegres cantamos,
também saudamos,
a família desta casa e os ausentes.*

*Por favor dai-nos licença
pelo pouco de ousadia,
por entrarmos nesta casa,
com prazer e alegria.*

Antes de saírem agradeciam, os copos que beberam, as broas que desfizeram em esponjas, as fatias de bolo que lhes tirou o sabor do álcool mas mais do que tudo os momentos de felicidade encontrados.

*Ora vamos bem contentes,
com esses carinhos seus,
boa noite para todos,
até logo, adeus, adeus.*

Sempre há alguém que por uma coisa ou outra, um segundo atrás queriam que lhes cantassem os Reis, passou-se o segundo, morreu a paixão, aborrecida como um jogo de criança mimada, agora quer, chora, bate o pé, chora, bate o pé, estendem-lhe a mão, pega, já não querem, o querer passou, foi um vento, não abrem a porta, as luzes são apagadas, os Reis seguem na sua contínua caminhada.

*Ora vamos bem contentes,
com esses carinhos seus,
boa noite para todos,*

nunca mais tem beijos meus.

É um espalhar de dor e magas, que fica aderente à alma, numa coesão de sangue e terra, com todas e mais do que todas essas forças de competência, das violas de arame, das gaitas, das rebecas, dos bandolins, do rajão nem sombra agora, outro que se foi dormindo, mas ficaram as vozes, essas catedrais castiças, que sempre em júbilo chegam retinindo até o dia quinze de Janeiro, dia da festa do Santo Padroeiro, que nessa altura o sermão quase sempre era feito pelo grande pregador, o padre Teles fero, caso não fosse, era como não houvesse festa, o povo queria que fosse ele a lhes falar do Santo. Todos os anos lá estava devorando o púlpito, dizia que Santo Amaro foi levado para o convento com 12 anos, mas no ano seguinte, era que tinha 12 anos e três meses, logo no outro, eram às 6 da tarde, depois era que chovia...

O povo esperando aprender algo de novo do santo, decoravam os sermões que todos os anos eram mais bonitos, faziam comentários por todos os lugares, a vida do Santo passou a ser desvendada em cada 15 de Janeiro.

Muito calado, deixa-se arrastar pela procissão, que lentamente passa por arcos de louro da rocha, e bandeiras de cruces vermelhas, quase sempre, com duas filarmónicas, tocando hinos religiosos, e um terço do povo acompanhando de círio na mão, para agradecer em acto de Fé, a Deus, e lembrar ao Santo que continue intercedendo por eles.

" Fiat voluntas tua "

O ano começa alegre e cheio de vida, mas com o passar dos dias, vai-se apagando, com dias emaranhados que fazem fugir do ritmo o pêndulo. Cada vez mais a tristeza e a solidão, mergulham na penumbra todos os Pauleiros, condenados por solidariedade penetrante, que fica marcada como sinal, em cada rosto que Deus brinda àquela terra.

O que antes era trazido à terra agora tinha que ser buscado.

Logo ao cantar do galo, reuniam-se as mulheres, que carregavam o peixe numa (selha) servil que lhes fizeram os maridos, que cativa moira e cansada seguia à cabeça, sem queixumes, resignada dos tratos, esfregando-se na subida pelas veredas dos Prazeres, ou da Fajã de Ovelha, para fazerem a troca, por batatas, couves, trigo, ou outras coisas que faziam mais falta lá em casa.

Diz-se que numa dessas ocasiões na Ponta do Pargo, encontraram-se com o pároco duma das freguesias do Norte da Ilha, e como sabendo o padre que eram Pauleiras, brincalhão como era cantou:

**Santo Amaro é meu,
Que tenho guardado,
Na caixa do pão,
Do ano passado.**

A isso uma das Pauleira cantou:

**Santo Amaro é nosso,
Não é dos Norteiros,
Santo Amaro é nosso,
Que somos Pauleiras**

Os homens, muitos sem terem descanso, esperavam pelo romper do dia, para irem buscar (*enseião*) (arbusto que cresce em abundância pelas rochas mais altas e perigosas com difícil acesso.) tiravam-lhes a casca, e com ela, com a

ajuda de "*picões*" (barra de ferro com uma base achatada), num tronco cavado, era batida, até que tudo ficasse bem moído. Era com isso que (ferrobavam) as linhas de pesca, tanto as acabadas de fazer, como as que já estavam muito usadas. Para tudo isto, havia uma altura marcada, num calendário decorado desde os primeiros habitantes do lugar. Como também havia a altura para a apanha dos vimes para fazerem (seirões).

No Inverno quando o mar rugia e cantava aos gritos ladainhas de uivos todo encapelado insolente e dévio, enriçado como um gato maltês, repugnante, sempre negando a deixa-los pescar por semanas afio, mas com eles teimosos, despertando antes do galo, vestiam-se, e pelo mesmo caminho rotineiro, que um dia antes levaram-nos a casa, hoje traziam-nos de volta nessas sempre eternas madrugadas de ventos, quando a Lua não sai com medo, no silêncio, quebrado por um

Bom dia,

Nosso Senhor nos dê, deitavam a mão à pala do barrete, como a querer tirá-la, pesava quilos, demasiada a carga, desistiam, para contentar, compensavam com um vago gesto de cabeça, juntavam-se aos outros que já lá estavam, alguns velhinhos que já mal podiam caminhar, mas aí estavam para não quebrantar o momento, e leva-los longe sem enfadar ninguém,

Nosso Senhor nos valha, hoje tá mais frio, e cobriam-se com o melhor que tinham, amparados entre muros e amarguras nesse cantinho a que lhe baptizaram de *Sereno*, talvez ainda pode haver alguém que se recorde com nostalgia, mas serão poucos, porém outros nem se recordarão que outrora foi templo, lugar de reunião, desterro sagrado, canto nobre, e confessionário, onde de todos ouvia lamentações que tilintavam roucas...

Se pelo menos acalmasse um dia ou dois, podia-se ir aí fora e apanhar uns peixinhos pa comer.

A última posta de peixe salgado foi ontem, pensava que ia dar p'ro Inverno, mas paciência.

Coitado de quem nasceu pa ser pobre.

Se estes filhos do diabo nos deixassem trazer o peixe pa casa, mas nem pa comer se dá, tudo tem que ir à lota.

O diabo que os levem.

Ainda bem que o meu Manuel me mandou um dinheirinho do estrangeiro, senão nem, sei o que ia ser.

Olha o pobre ainda além de não ter tá doente há três dias, dizem que não é coisa boa.

Dizem que viram ele sair de lá.

Cá por mim ela é pior do qu'ele.

Passava a roda, cada um com a sua vez, como nas cartas, não é sempre o mesmo a dar, a minha vez, a tua, a dele, todos não, mais devagar tão pouco, o Pauleiro fala alto ensinou-o o mar, não é esse o problema, o problema é o que se ouve, sente-se, dói, ninguém pode ver, está tudo escuro, a Alma tão pouco, joga-se palavra, não palavras, porque palavra era o que havia, não há troco, os velinhos só ouvem já foi o apetite de usar a língua, cabe aos mais novos, é o tempo deles, os seus foram ontem, ontem já passou, o que não passou é o que se vê, pena não ser como a primavera, voltar sempre ao mesmo, infelizmente o tempo desliza, não há tempo para tudo, o que foi antes é agora, um marcar passo, mas foi, valha-me Deus que tempo perdido, as palavras não saiam, remavam nos tempos flutuantes, era um zunzum em balbucio, agasalhadas debaixo dos casacos, dos barretes, dos chapéus, presas às mãos que se torciam uma à outra, em ajuda mútua, sentados, em pé, apoiados, de mãos nas queixadas aguentando o peso do mundo, o outro

que Santo António não pegou e era mais pesado ainda, presente nesse santuário de lamentações, que nunca foi de todos, nem para todos, falavam ao Verbo, ao pronome e à pessoa, os vizinhos daqui ouvem, resposta ainda não veio, anda tudo minguado lá em casa, de dez só há duas,

O compadre tá sempre calado,

o outro abana a cabeça em sentido afirmativo, guarda o que não serve e terás quando te faz falta, na vida há que guardar, se não é para um é para outro, suspira, cada vez mais perto, mais um gemido,

Ai meu Deus,

de escasso vem o nada, começam os fiados nas mercearias, o Rol apontava mais daqui, mais dali, menos de acolá, rol no que vendi, p'ra quem vendi, paginas há com fartura graças a Deus, pass-book para que debes, e entre vender e vendi, e vendi e o que debes, mais pagas números, às vezes passavam meses, se não que passavam anos, mas, *tudo era pago há conta de Deus Nosso Senhor, e que Deus lhe pague pelo favor, quando precisar já sabe,*

e palavra que nessa altura ainda havia, hoje porém mais moderno, só há palavras, e palavras o vento leva, não há como a rama antiga, por isso arranjaram letras, assinaturas, contratos, tratos, papel selado, mais selos, tribunais, e mil coisas mais. Farisaísmo de agora,

Assine aqui.

Este.

Mais abaixo.

Assine ali.

O outro.,

Este não, que é o seu.

Se não sabe escrever ponha o dedo.

Sim, aqui mesmo.

Está bom.

Obrigado.

Hoje cada um para si e Deus para todos,
Não há.
Talvez amanhã haja.
Ainda não veio.
Já se acabou.
Tem de esperar.
Anda tudo mau,
O cacau é pouco.
Isto é uma miséria...

Antes diga-se o que quiser, era tudo diferente,
Tenho sim senhor.
Acabou mesmo de chegar.
Não faz falta não senhor.
Pode pagar quando quiser.
*Olhe que ainda tenho um pouco de açúcar, é melhor
levar hoje enquanto há.*

Quando alguém tinha de sair da terra, porque tinha e ainda tem, não havia nada para fazer, ou melhor, haver há, sempre houve, desde que o verbo foi verbo, mas não estava nada feito, ninguém quer começar, e primeiro não quero ser, o último lugar fez-se para alguém, escolho o último, mas o melhor é ir, morro de velho se espero, ir é o verbo e foi do verbo que se fez, sem verbo nada existia, nem eu, nem tu, nem o dinheiro que tanta falta faz e vai fazer, ande o Mundo o que andar de moeda ou papel, e iam pedir à vizinha, ao tio, ao compadre, à comadre, ao padrinho, à madrinha, à catequista, à costureira, ao padre não porque o Sr. Vigário o que tinha já deu ao Bispo, ao merceeiro, ao juiz de paz que Deus o tenha grande Pauleiro, à que não digo, e ao que já disse, e sempre o dinheiro vinha tudo por palavra de gente nossa, umas notas engomadas, outras por engomar, um maço que viveu nos segredos da cama,

misturadas com as palhas das maçarocas, que para juntá-las foram precisos anos e sacrifícios desmesurados.

**“ Eles não sabem nem sonham
que os sonhos comandam a vida. “**

Pega lá toma juízo.

Obrigado logo que poder pago.

O primeiro dinheiro ganho, se um ano se dois era preciso, era para a passagem, mais uma lembrança, um

Obrigado, que Deus a ajude.

Quem fica, enquanto ferve o mar continuava o rol para lá, pass-book para cá, hoje mais amanhã menos,

O tempo parece melhor hoje.

Quando é que isto vai passar.

Compravam barras de sabão, pela madrugada, á iam as mulheres pelas tais veredas que já conhecemos, levando as mesmas (seilhas) que dantes era para o peixe, hoje era para o sabão, a diferença é muita, os fins os mesmos, agora o que importa são os fins e não os meios, haverá tempo para os meios, iam trocar pelo que mais necessitavam que era tudo, mas de tudo não há e o que há é pouco e muito negócio.

E a cada bater de hora do velho relógio, a vida passa a pesar mais, com dias mais frios, mais tristes, e mais desabridos, empapados em saudades cansadas, pendidas em castiçais castiços, distribuídos a cada um como recorde, porque só lá ficaram os velhos, as mulheres, as crianças, embrulhados no cobertor daquele muro altíssimo, algemados às fantasias de cartas, onde algumas só tinham uma ida, com regresso de sonhos perdidos no deambular dos inseguros e rebeldias; com selos fantasmas deitados nas

caixas postais das ruas perdidas dos labirintos sem saudades, das cidades fantasmas em meio de desertos desonestos, não eles, o lugar, porque lhes deu uma alma diferente, outro nome, e outra cor, e fez correr ribeiras aos que ficaram, nem tão pouco lembravam-se dos tempos quando rapazes, que todos juntos quando as festas vinham em caminho, iam apanhar cana vieira para fabricar instrumentos, tratando de imitar rusticamente no melhor que podiam os instrumentos da banda da terra, depois faziam coretos, também de canas, onde se treinavam com vontade de homem, prontos para competir com aqueles que de música sabiam, e com que tal jeito faziam o trompete, a requinta, o contrabaixo, a trompa, e todos os outros, com os seus pistões fingidos, arrancados da cana com amor e arte, um corte daqui, uns furos dali, mais uns jeitinhos, os mais velhos ensinando aos mais novos, como se fossem todos da mesma mãe, obra, que não lembrou a Picasso, mas se a tivesse visto, com certeza que a transmitiria aos seus quadros, um toque daqui, um carreto de linhas vazio dali, ponham-lhe uma (mortalha) (papel muito fino usado para cobrir o maço de cigarros de Santa Maria que fumavam por essas alturas), com a ponta do dedo, um pouco de saliva, davam-lhe o último toque de afinação consoante o som do instrumento. Ouvido afinado, tocando as canções mais em voga, com bombos feitos de velhas peneiras, onde lhe substituíam a rede pela pele de estômago de (sara), formavam-se as *músicas de cana*, famosas na altura, chegavam a tocar lado a lado com a filarmónica da terra, sem ciúmes, tudo fazia parte na festa da terra, quando as festas acabavam, iam à Fajã da Ovelha e tocavam para o padre nessa altura o padre Camera, ficava contentíssimo quando a rapaziada chegava, recebia-os de braços abertos, havia bolos, broas, coitado bom homem, e 5 escudos e uma laranjada a cada um, era um prazer, satisfeitos por serem

músicos que não eram, e jubilantes pela proeza de tocar como os que músicos eram, antes de músicos virem a ser.

Há certas ocasiões, que tudo nos cai nevrálgicamente, e recordar o lugar, é estar lá, estejamos, onde estejamos e vivamos bem ou mal, não importa o dinheiro, nem o nome que já tenhamos, o vento da saudade é o mais forte, enche-nos o peito, os peitos, e lá estamos em três dimensões, como se fossemos passageiros na máquina do tempo voando a um passado.

A quinze de Outubro de mil novecentos e sessenta e sete; por motivos de ter andado envolvido numa desordem com o Padre da Paróquia lá da terra, porque a história tem a tendência de repetir-se. O Pauleiro é um desassociado fusionista de estirpe, de maneira que, tanto por obrigação à moda, e, porque não podem fugir às regras, dividem-se em dois partidos cada cinquenta anos; alternadamente com padres, e bola; isto, nem Santo Amaro os pode parar, porque passou a ser tradição. Nunca poderei esquecer aquele dia que todo prezado, com umas calças talhadas pela costureira da terra, bem (festadas) por um ferro cansadíssimo do calor que o carvão em brasa lhe cuspiu, e raivoso, teimava e impugnava a sua vontade, e para desperta-lo, muitas vezes eram precisos os sopros pelo único buraco que tinha, até que ele deitasse cinza e fumo pela bocarra fingindo ser um teimoso, mas ao fim de tantos castigos, terminava por fazer o que lhe tinha sido destinado.

Um casaco castanho de veludo que por castigo viajou desde as terras longínquas das Américas por barco, dentro de um saco atacadinho de camisas, calças, casacos, barretes, vestidos, saias, e muitas outras coisas mais, que depois eram renovados, cada um à sua maneira, ontem chegou um saco de roupa, amanhã estão prestes para saírem gritando à rua contentes, por se encontrarem num lugar diferente, com um sol de verão, e passavam férias

contentíssimos, quando nos domingos, nas festas, nos baptizados, nos encontros às escuras, no saborear de beijos, e nos abraços roubados.

Estava, no adro da igreja, esperando como se espera tudo o que nunca vem, e como dizem que quem espera desespera, enquanto passavam todos pelo adro; Uns com cestos nas mãos, outros traziam balaios aos ombros, outros ainda com sacos ao ombro, com barris; Havia quem trazia fronhas, camas, alguidares, baldes e (infusas), garrafas, que quem passasse por aí caso não fosse do lugar, diria que toda a aldeia se estava mudando, mas eram simplesmente retalhos do ano, com todas essas (bainas) diferentes, e seja como seja, estavam carregadinhas de pecados de todas as cores, que eram trazidos em procissão até a igreja.

Eram as famosas confissões de desobriga, que todos os anos por tradição, se faziam lá na terra; chegavam lá, o Padre todo presunçoso com batina nova, óculos a estrear, o colarinho a lhe tapar as (*escofas*), que sempre teve, desde que lá chegou, dizem que foi fruto da terra onde nasceu, como disseram também de terem sido tratadas com lagartixas fritas, apanhadas pela canzoada que a mãe mandava apanhar pelos muros, e que lhes traziam enfiadas numa linha, ela pagava por quantidade, não por peso, e depois de fritas numa frigideira de ferro que só serviria para isso, porque depois tinha de ser botada fora, eram postas sobre os flagelos como empasto, e todos os dias tinham que lhe fritar esses bichos, é o que dizem as más línguas...mas que era um remédio santo...até que as feridas se sarassem, era empastas e mais empastas, e a verdade é que deixou as marcas...e com sapatos a luzir de medo.

Esperava no portão principal, e logo à chegada, a cada uma perguntava o que traziam, o que não traziam, o que poderiam ter trazido, e porque não trouxe, depois dobrava as mangas da batina, e começava na tarefa alfandegária,

mandava abrir as arcas, e cada um mostrava o seu, tinha que ter etiquetas com a hora e lugar especificando, e o porquê de tudo isso. Era engraçado, que aos homens nunca quis perguntar, nem matos, nem (maravelhos...)

Mesmo por debaixo da velha Igreja, havia um grande depósito, o segredo da aldeia, que os primeiros habitantes do lugar, usavam para guardar os mortos, assim estariam abrigados aos intempéries do tempo, mas um dia, porque eram tantos os mortos lá no lugar, e porque também apareceu um decreto, que deveriam esperar as vinte e quatro horas, porque uns mortos começaram a mijar em cima do banco, com toda a gente a ver, depois a abrir os olhos e a falar, com os presentes a saírem amedrontados e pavor idos, tropeçando em tudo, caindo e ficando no lugar do morto para ser enterrado, veio essa lei bendita, para que desse tempo à volta à vida, como também ponham sempre um copo de água pronta, em caso do ressuscitado pedir, e até ficavam a apostar se ia pedir ou se não ia, em todas essas vinte e quatro horas, para que pudessem serem enterrados, fora das igrejas; O povo resolveu, embora um pouco enfadado, não dizem que o povo é quem governa... para que o lugar não ficasse desperdiçado, passaria a servir de armazém dos pecados da desobriga, de maneira que, a partir daí, todos os pecados grandes ou pequenos, seriam de uma maneira ou de outra aí armazenados.

Vinham em balbúrdia, numa confusão tremenda devido à grande profusão, embora não fossem mais que, dois mil almas na altura. Tudo o que traziam, como regulamento dado pelo pároco, deveria estar muito bem fechado com tudo muito bem arrumado, e só após a inspeção, é que tudo isso poderia ser levado ao armazém, uma chave para cada um, visto a cada um lhe terem reservado um espaço todo muito bem cercado a arame farpado, para salvaguardar as tentações por quem lá passasse, com uma porta, que

muitas vezes era preciso lutar para empurrar o que tinham, e aí a coisa era deixada a hibernar até o ano seguinte, voltando outra vez ao círculo de antes.

Era uma procissão gémea e triste vestida com os trajes de uma tradição incansável, sem a filarmónica da terra a acompanhar, nem as irmandades, tudo estava cheio de falhos, porque assim determinou os puros usuários das batinas negras, desde que uma vez alguém sem querer, e isso foi um levanto por toda a freguesia, andou de cá a lá por tempo indefinido, desde que apareceram com os ouvidos nos ruídos dos ossos que roçavam uns contra os outros, diga-se o que disserem, mas era mesmo de estranhar uma coisa dessas, ora vejam lá, toda a gente levantada, fazendo guarda, para saberem a que horas é que os ossos se roçavam, e tudo era apontado em papelinhos, que depois eram juntos, para verem se davam as vinte e quatro como o dia, a coisa estava feia, era um levanto medonho, e desde essa altura, com medo, começaram a trazerem consigo uma tabaqueira sempre que por lá iam ou passavam, uma pitada para despertar, caso desmaiassem, assim podiam se levantar e correr até um lugar a salvo, embora também havia deles e delas que afirmavam entre eles mesmos que tudo isso não passava das tampas das caixas que guardavam os mesmos, enquanto outros diziam que eram os pecados tremendo de frio, por se terem pirado dos esconderijos, sem terem nada que os protegessem, um cobertor faz falta, e faz sim senhor, não há nada que proteja do frio como um cobertor...coitados, por isso, rangiam descompassadamente como onda que chegava ao mar mesmo ao lado, e este que retinia quanto mais escuro estivesse, dando-nos mais medo e receio, que até por vezes, quando um grupinho manhoso que por lá havia, quando não queria ir ao mar nesse dia, escondidos, punham três cabaças compassadas umas das outras, todas no meio do caminho, e

que a do meio ficasse mesmo ao lado da Igreja, para que quando o dona da embarcação os fossem chamar e por aí passasse, se encontrasse com elas, houve donos que juraram de pés e mãos, que ouviram os ossos se retorcerem lá dentro, e desistiam de sair com a embarcação, havia outros que logo ao anoitecer, antes da jogada das cabaças, espreitavam, de vez em quando, para ver se haviam pecados também sepultados entre os cantares clandestinos das sacristias, e os

Ora pronobis.

O padre que ao passarem pelo portão, se era uma jovem com peitos redondos e mamilos saídos, umas pernas douradas e apetitosas, com voz firme:

De joelhos.

Depois, com toda a calma do mundo, baixava-se, olhava à volta, com os óculos caídos de propósito, e para que todos fossem testemunhas de que tudo era em boa fé, voltava a puxar as mangas da batina até os cotovelos, muito devagar esticava os dedos, olhava para a palma da mão em sinal de verificação, para que vissem que afinal era a mesma de há pouco, não havia trocos, tudo era jogado a limpo, vejam, e punha essa mesma palma esticada ensebada de prazeres, de ridicularizado e espiritismo, e fazia sentir a perna meiga, quente e suave, parava, dava escalafrios depois com a maior meiguice, sem que se apercebessem, abria os dedos desesperados que gritavam entre si por gulosos e avaros, todos queriam uma parte, houve quem ouvisse os tais gritos e desesperos...os dedos continuavam naquela angústia, revoltavam-se entre eles mesmos, espreguiçavam-se, entrelaçados, bailavam, entre si, tangos, voltavam às carícias, respiravam fundo, suados e

manhosos, esperavam, espreguiçavam-se, com as pontas tremendo como se tivessem num ballet, voltavam a levantar mais a saia, os olhos que voltavam a rolar à volta, ninguém deu sinal de ter visto o que foi feito, nem há de quê... e, ia directamente aos olhos cheios de medo, e envergonhados, e dizia, esta toca, e se toca, pode passar com os pecados; se não tocava, o procedimento era o mesmo, tinha de voltar para casa, vestir uma outra saia, ou um outro vestido, mas, sempre há excepções, como na maior das vezes, não era o tamanho da saia ou da roda do vestido, eram as carícias mal recebidas, com uma pele que se erguia barafustando e gritando. Deixa-me em paz maldito! Quando a saia ao levantar não tocou, porque não quis ele que tocasse, de maneira que tinha de deitar os pecados noutra lugar, que esta coisa de andar a trazer pecados com uma mini-saia, não estava correcto, e Deus não quer coisas dessas, e mais do que tudo era ele que tinha as chaves... O que me faz recordar quando uma vez nesse mesmo lugar na escola primária, uma professora vinda do Continente, dos lados de Santo Tirso, se não me engano, a maior parte das professoras eram do Continente nesse então, um belo dia, mandou desenhar a Virgem de Fátima, e um dos alunos desenhou-a em mini-saia, a professora toda escandalizada quando lhe pergunta porque a tinha desenhado assim, ele responde que Nossa Senhora também tinha direito de andar à moda.

As festas que antes eram populares e de amor a Deus, com tudo isto, passou pouco a pouco a serem transformadas a uma evocação sem sentido, apesar dele próprio conhecer o **Lumen Getium**, ele mesmo foi um frequentador assíduo de terreiros, fazia uma vida, como andasse atrás da matéria cósmica primitiva, e fazia que nascessem turbulências e aglomerações difusas, nunca se sentindo, por mais cansado que estivesse, enfastiado de respirar a atmosfera espiritual

nascida da própria terra, e enchia globos, sem importar as cores, como num carnaval, juntava-os, fazia deles cachos de uvas gigantes, que despreocupados baloiçavam, entre o mar e a rocha, como se dançassem em teatros abertos, vivendo contentes nesse mar de fluido etéreo. Arrogantes das suas exigências de existências. Ele que se sentia narcótico e reparador, que tinha modificado a catequese, em conjunto com todas, para uns cartons de monopólio, com todas as catequistas ensaiadas e de boas curvas, perguntava que cor tinha o seu halo, como era, se ia à frente, ou se caminhava atrás, e todas elas diziam-lhe que sim, que tinha muita luz, que a sua auréola era tão brilhante como a sua força de vontade, e ele regressava contente. Quando por primeira vez, começou a visitar esses terreiros, foi sem lugar a dúvidas, para conhecer as calçadas, depois, com o passar dos dias, a curiosidade foi maior, e correu o grande risco de saber como os calçavam, quem os calçavam, que pedras usavam para as calçadas, e por fim aluno íntegro e leal, que não perdia uma reunião que fosse. Foi quando começaram a parecer hóstias antes de serem benzidas, sem a parte central, cortadas num círculo perfeito, ao que ele se indignava sempre e quando as ia benzer, e no altar começava aos gritos espavoridos e angustiosos, espelhados de terror e raiva, foram as bruxas, e mostrava ao povo, e ninguém podia compreender o que passava, ele gritando que já não podia terminar a missa, porque não podia consagrar, não havia mais hóstias, saia mais bravo que a cobra depois de ser castigada por Deus por aconselhar a fruta proibida, depois mandava emissários e emissárias à cidade, para que o médio ou a médium lhe dissesse quem foi quem, e perdia-se por tardes inteiras nos copos de vinho que não lhe chegavam, como também nunca lhe chegou o **Apostolicam Actuositatem** e o **Dignitatis Humanae**, porque enquanto esteve no seminário

foi incapaz de saber que existia o **Optatam Totius**, mas nem por isso deixou de saber da Constituição dogmática **Dei Verbum**. Quando na altura de estudante de seminário, num dos salões, com todos presentes, como costume, fizeram votos, que mais tarde haveriam de impregnar a cada um deles para toda a vida, onde quer que estivessem, um quadro pintado a sangue, com uma alma que se movia transparentemente como a querer esconder-se, de imagens coloridas e caprichosas, deslizando em movimentos constantes, nascidas de um barro frio, onde eram favorecidos os dos círios, com promoções de relatividade para uns, enquanto para outros eram o vento, o frio e a pobreza cantando a cada esquina por vezes, bairros inteiros, sem remédios, nem dizeres, cobrindo os relativistas, os sofridos, e que para todos por vezes era como uma bênção vinda do mais além, porque parte foi-lhes ensinada pelo mestre. Os milagres eram contados, ou apagados por serem poucos.

Nesta turbulência de paixão amor e vida, onde o amor era o principal ingrediente, repartido em cada paladar, sumido em cada mão vazia, que Deus soprou, enquanto o sol aquece a terra. Foi nessa altura que primeiro lhe queimou a alma, nesse salão de seminarista, ao ser escolhido pelos colegas como o grande serafim da classe, que como de costume, subiam-se a si próprios a uma hierarquia de anjos superiores, com asas e desnudos, sonhando despertos, até que se encontravam nos baloiços do tempo, entre as frutas proibidas, entre Evas, e árvores, e revoltavam-se, só Deus sabe o porquê, pelas Evas, pelas frutas, ou a falta do calor de Deus. Andavam nesse mar de anjos mortais, com remos de batinas, leme de absolvições, para que não mostrassem as tempestades nos mares asseados e religiosos de água benta, de santos óleos, de

segredos e de manhas. Por isto ou por aquilo, quis ser mais do que devia, e **Anjo caído é Anjo deposto.**

A princípio fiquei perguntando que diabo estava passando, meu primo, o Manel, entrava e saía, voltava a entrar e a sair, num vai vem contínuo. Por um curto espaço de tempo, fiquei a pensar mil e uma coisas, o que diabo lhe deu nos cornos, para andar ele ali a estorvar toda aquela gente, umas de azul, outras de verde, e de vez em quando alguma outra de vermelho e sempre carregadinhas coitadas, que com um descuido qualquer, um encontrão, e aí, cai uma pessoa com a carga, o coitado além de perder a carga, pode magoar-se, a desgraça nunca vem sozinha... e pronto, cai a carga e lá vão os pecados todos derramados nas calçadas dos caminhos ressequidos, com as tais calçadas à for da pele, era um problema bastante sério para os apanhar, os desalmados corriam como perdizes quando saíam do ovo, enfiavam-se por todos os lugares... e andava lá o Manel sem juízo naquela vida estorvando toda a gente num dia como este.

Vi uma mão que o empurrava, e ele que se decidia, como um toro, dando cabeçadas, o outro mugindo, e ele dando cabeçadas e sacudindo-se, voltava a entrar, o outro a mostrar quem era, e eu a ver, eles vendo que estou vendo, não se importam e voltam a arrancar, o outro a investir, entravam para logo saírem, os Santos também a verem, todos de cabeça de fora, o sangue a lhes chegarem às faces, o cru e forte cheiro a vergonha, centrada numa porta do templo.

Oh homem, deixa-te disso, já que ele não te quer guardar os pecados, deita-os ao mar, faz como fazem com o que não presta, vai fora. Se houver problemas, a culpa é dele.

O caronte ébrio e soberbo, arrebatado, deitou espuma, rugiu, largou meu primo de um tufão, e disparou-se pelos balcões que quase cai enredado pela falsa batina, e vem mesmo direito a onde estava, tremendo de raiva, porque os pecados eram poucos, e havia espaço demais para uns, mas para ele não havia, e ele queria espaço, o espaço todo, como se tudo fosse dele, porque ele tinha um túnel, meia dúzia de cestos, sacos, já nem sei quantos, galinhas, fronhas, camas, baldes, (infusas), jarras eu sei lá, e o bicho estava que nem o diabo.

Tu o que carecias era uma bofetada!

Nem pense, nisso, porque sempre gosto de devolver o que me dão.

Ah, então toma.

Do ut des.

Fez-se uma festa, ***Ex ungue leonem.*** O galo que não cantava, voltou a cantar, o vento mentiu, disse estar cansado e parou, até o mar vergonhoso escondeu-se cobardemente, a fonte do adro toda corpulenta e fria, respirou fundo e secou, por todo o dia não deu de mamar, e todo o mundo que estava lá, teve de abandonar os baldes, aguadores e (infusas), e correram à festa, quiseram enredar nas tarefas de testemunha ocular e a corpo inteiro, o meu cão, nem sei como, mas também por lá apareceu e contentíssimo fez-lhe a batinas às fitas, os óculos venenosos, sempre meios caídos sobre o nariz por manhosos, também lhe chegou a hora, e de propósito, também voaram, como voa uma gaivota que por primeira vez deixa o ninho, e partiu-se todo ao pisar a terra firme, derramando todo o veneno que lhe tinham ingerido nas

lentes, as calçadas, a saltarem fugindo com medo, medo de poderem ficar envenenadas, a terra barrenta mexeu-se descontente, chegaram as beatas, vindas de todos os lados, enchendo o ar corpulento da festa, dançou-se o merengue, madrugadas da minha terra, e tudo queria cascar. As lambandeiras madrugadoras, que faziam ninho nos telhados, saíram sobressaltadas perguntando, afinal o que passa? O Santo levantou uma das mãos, e com o dedo polegar, passou pela testa, enxugando o suor, olhou o relógio, pendurado na parede ao lado, e voltou à mesma posição de antes, as nuvens abriram, o Céu ficou azul celeste, e o mar deixou de bater.

Tão batendo no senhor padre, ai que desgraça, tão batendo no senhor padre.

Vinham com as mãos levantadas, mal penteadas as blusas com os botões mal postos, juntavam-se a ele, e estendiam-lhe as mãos, queriam ser gatas e arranhar, pegar, mas não podiam, agarravam-se a ele, como a querer abraçá-lo, gritavam, até que tiveram de o agarrar com toda a força que tinham para que ele não caísse de costas, pelo impulso recebido de duas tiradas contra os peitos.

Coitado do senhor vigário, comunista, o diabo vai-te levar.

O Serafim caído que esconjurava, com palavras em latim, *excommunicatu semper et ubique*, e elas que disseram em ladainha todas juntas e contentes.

Já está excomungado! O senhor vigário já disse que ele agora era um excomungado!

Em andor, levaram-no nos braços para casa, com todo o cuidado do mundo, até o ano seguinte, quando voltavam outra vez ao ciclo sentaram-no, era uma acariciava-lhe os cabelos, outra enxugava-lhe as lágrimas, outras protestavam que se iam vingar, que ele não se desesperasse, que a coisa não ia ficar por aqui, enquanto as amestras se

dividiam, umas ferviam um chá, outras tinham água quente e com panos ensopados nela, limpavam-lhe a cara, tiraram-lhe a camisa, para ver se tinha alguma nódoa negra, mas não tinha graças a Deus... fizeram-lhe o famoso chá de burgo, obrigaram-no a beber duas chávenas sem açúcar, porque assim já tinham feito à outra suçuarana, e à sicrana, e curaram-se, ele que não queria sem açúcar, mas elas que teimaram, tinha que ser sem açúcar! Até que se deu por vencido e tomou. Quando viram que já não deitava espuma, que as palavras saiam com mais medida, deram-lhe como curado, foram ao escritório e trouxeram um par de óculos, agora ele já podia ver como eram elas, e quem o tinha tratado melhor, e pouco a pouco muitas foram voltando para as suas casas.

O regedor, era um homem forte e truncado, com fama de mestre de toda a obra, que por muitos anos andou pelas Américas e chegou à freguesia com um saco cheio de dólares e uma caixa com uma pianola pintada de preto, coisa que lhe tinha saído numa rifa, mas que o povo não lhe deu importância, porque aí todos eram músicos, e todos se esqueceram de uma pianola vestida de luto como se fosse uma viúva, com uns dentes que não eram lavados há anos, numa boca que cantava triste e sozinha sem saber mastigar nem engolir, sempre com xenofobia aos que pertenciam à xenofilia, sem sequer mitigar nem plangorar na sua foronomia, espreguiçava-se querendo tudo. Ele todo cheio de poder, diz que não está bem, que isso não se devia ter feito, o senhor padre é uma autoridade, pode fazer o que quiser, pode tirar, como pode pôr pecados, e nós temos de nos calar. *Fatuus fatuum invenit.* Agora que pouca vergonha, não respeitam ninguém estes rapazes de agora só sabem é andarem na malandrice e roubarem galinhas pela

noite, mas a coisa se está pondo quente, e lhes vai queimar o pelo um dia destes.

Nessa mesma noite, sem lua, com um céu estampado de nuvens, como toalha bordada estendida a lés a lés, cobrindo as estrelas gaiatas, que quiseram consentir meigamente dessa hora prima. Destapamos as portas do galinheiro, escolhemos as mais gordas, pintamos as amarras com prudência, deixamos tudo quase como estava, e fomos queimar as penugens de duas das suas galinhas, para ver o que significava queimar o pelo, e nas noites seguintes, acostumados ao sabor do cheiro a queimado de penugens, o mais é mexer no mel... e ainda sem saber o que era queimar o pelo, a coisa passou de acção para obrigação, que se misturou, com mais uma daqui, outra dali, dando origem mais tarde a uma devoção que foi aceite por noites incontáveis lá na aldeia.

O outro que xurdindo reforçava a porta todo xingado, o padre que mudava o cadeado que tinha nas argolas do galinheiro, e nós que abríamos as argolas, e logo as voltávamos a deixar no mesmo estado, e ele no outro dia vinha com outro cadeado, porque nós tínhamos inventado uma chave mágica, ele que perguntava aos santos como era a chave, e os santos nem lhe davam troco, riam-se dele, e ele teimoso, medindo as pisadas dos cães da noite, voltava a medir, para depois multiplicar a base com a altura, dava-lhe um pé quadrado, e não sabia qual animal era esse, no Domingo o púlpito tremia de cansado e triste pelas gritarias que lhe berrava o padre, os santos que acordavam suscitados, e lhe pediam em sonhos que não gritasse tanto, ele que não, porque eram sempre, sempre às dele, sempre às dele, as dele eram mais gordas, eram alimentadas de guloseimas, cães da noite, só num mês, já tive que mudar dez cadeados!

Fora, logo nos balcões da igreja, depois de cada missa, por cinco escudos lá estava nos balcões sempre o mesmo homem que rigorosamente apregoava, ao Sr. vigário foram seis galinhas bem tratadas, ao Sr. regedor mais duas galinhas, à fulana tal..., nesta semana também roubaram três galinhas, e dois balaios de nêspersas e cortaram-lhe um ramo de nespereira, ela pensa que foi para fazer (peoas), à fulana tal..., duas galinhas e três cestos de figos, à fulana tal..., uma galinhas e um saco de batatas e deixaram muitas partidas em cima da terra, ao fulano de tal... um cabrito, a fulano... um remo, a sicrano ...um (seirão), e lá ia ele rezando numa lenga, lenga a ladainha, que por vezes durava mais de uma hora, com um copo de vinho na mão, para poder gritar e refrescar o pregão. O adro sempre ficava atacadinho, e murmurava-se que agora já não era como antes, já nem se pode ter uma galinha para uma canja, isto é que é uma desgraça, e andam estes diabos à solta, no nosso tempo não era assim, desgraçado de quem fosse agarrado a roubar uma galinha, era severamente castigado, agora os que roubam é quem comem e bebem o caldo; fazem bem, já que as roubam...pagar por uma, e pagar por duas, sai o mesmo. Valha-me Deus como andam os tempos de hoje... Não se recordando que desde os tempos passados somos xifópagos, que sempre houve os cães da noite, e que nessas alturas era mesmo às vistas e às claras, e quem já não sabe...que bem treinados no assunto, escondiam os animais roubados, logo que sabiam que vinham as autoridades fazerem busca, era quase sempre na parte da manhã, na mesma hora que as mulheres andavam carregadinhas lá pelas ladeiras amargosas, tanto dos Prazeres, como a da Fajã da Ovelha, eles em casa fazendo que cuidavam os filhos, metiam entre o fundo do berço e a caminha, com o filhinho chorando por cima de tudo o que procuravam, e ele embalando cantava:

**Não chores oh minha filha,
Não chores nem fiques má.
Ai quem me dera a mãe dela,
Que a filhinha aqui já está.**

E a busca, com vira daqui, vira dali, voltava a rebusca, deixa ver o que tens acolá, abre essa caixa, esta, e aquela, o que tens no salgadeira, oh homem de Deus..., tudo passava sem problemas, coitadinha da criança, como chora, sente a falta da mãe coitadinha. Homem desculpa lá, foi um mal entendido, esta gente levanta cada uma...

Essas putas, andam sempre com a minha vida à luta, isto é uma pouca-vergonha, sempre contra mim, coitado de quem não ter eira nem beira, mas quem tem mais culpa é quem lhes dá ouvidos. O que elas precisam é de um consolo.

E na semana seguinte, mais uma busca, mais uns palavrões, e o que querem de mim outra vez, não estão satisfeitos com o que me fizeram na semana passado, e agora querem fazer o mesmo, ainda além de ser pobre e de ter de cuidar o meu filhinho, ainda tenho de vos aturar... isto é mesmo uma vergonha com estas autoridades...e a criança sempre chorando pela falta da mãe coitada. O povo é assim, quando pega não larga, está sempre a levantar, a gritar, a enfadar, difamando este, esta, aquela, e o mar acompanhando como contrabaixo e bombo contra as pedras ou contra os muros, que compassadamente retiniam juntos.

UMA VIDA

**Com saudades esfarrapadas,
Teço um manto,**

No tear da minha alma,
E, cubro-te do tempo.

Quando cai a chuva,
Quando te queima o Sol,
Quando o mar te abafa,
Quando o teu povo chora,
O manto erguido,
È toldo com vida,
Na vida da gente.

O mar que lhe fala baixinho,
A rocha altaneira que lhe sussurra,
O vento que lhe maltrata rindo,
O calhau roliço que lhe responde amargo,
Um relógio que só dá uma hora,
Tu, que lhe pintas o corpo,
Ela que lhe arranca os olhos...
Oh saudades tecidas.
Num tear partido.

Statu qua.

Andava o calcão por esses tempos de fiasco todo
desemproado, que se fodam as galinhas, os figos e as

nêsporas, o que eu quero saber é o que diabo passa, neste lugar para onde me trouxeram, que é terra de ninguém, quando poderia estar na minha própria casa, sem ter de preocupar-me com este ou aquele, nem deixar de beber o que bebo, nem de beber e dizer que não bebi.

O filho que era assim, e assim é que tinha de ser, e como a casa tinha muitos quartos, ia fazer uma instituição, ia ter um escritório, uma secretária, um registo formal para quem nascesse, casasse, enviuvasse e morresse, sem deixar de formar à parte um outro mais particular e privado, onde se escreveriam os pecados, os bons e maus, os pensamentos dos bons e maus, as loucuras, maldades e roubos. Quando estivesse trabalhando, a porta seria fechada e trancada por dentro, para que não o interrompessem, deveríamos criar uma fonte capaz de responder às necessidades feitas, e nada se poderá fazer, abrindo portas, fechando portas, porque assim um fica distraído, e nunca nada é feito, de maneira que daqui para a frente, tudo fechado, quem quer alguma coisa que bata, e diga o que quer, se for importante, abrese. O calcão sem deitar sentido, não lhe importando um feijão às portas, nem fechadas nem abertas, voltou-lhe as costas, e seguiu com passos lentos, cansado e pensativo.

Em baixo, abriria um matadouro de galinhas, assim daria trabalho a todo o seu rebanho, ele repartiria as graças, como queria, com sorte para quem tinha pouca, namorado para quem não o tinha, saúde, para quem estava doente, oxigenava os pulmões aos asmáticos, curaria as azias, daria pão a quem não tinha com a farinha vinda para os pobres, que às vezes era tanta para quem já tinha, que ordenava às amigas que mais tinham, que enterrassem nas bananeiras, assim como o queijo, porque se não era um perfume a bolor...e nem falamos do leite, a coisa era sempre feita à noite, assim como as coisas mais importantes, especialmente nas aldeias, tudo era feito durante a noite,

abafadas, fugindo do luar, das lanternas de petróleo, das velas chorando raiva que queimavam, quando teimavam a seguir os passos da carne, dos olhares vadios, que deambulavam involuntários na escuridão, e como morcegos encontravam tudo, com o melhor radar dos sentidos, por isso tinham de chamar os trabalhadores de mais confiança, e antes que os mandassem cavar uma vala, vai um garrafão de vinho, toma lá uns copos, com o vinho, não vi, nem ouvi nem sei, juro por Deus, e aí deitava-se o que se podia, faziam outra e era deitar mais, até que tudo ficava tapado, de terra, de segredos e de maldade. Na loja em baixo, lá na casa junto à Igreja, umas depenavam galinhas, outras abriam, outras tiravam as miudezas e ponham de parte, outras lavavam e embrulhavam, até que chegavam às que vendiam pelas portas. Tudo para Deus, que depois, parte foi parar ao Santo de Boa Esperança, e outra para Santo Ourives, santo venerado lá para os lados do Funchal. Por mim, não me posso queixar, porque tive a minha parte, de uma maneira ou de outra, o que foi meu, foi meu.

Eram as onze da manhã e todo o adro da velha igreja estava atacadinho com toda a freguesia alvoraçada e expectante, com comentários, sussurros, palavras ao ouvido, risos, o cenário teatral englobava a todos, era ver gente nos muros, ouvir murmúrios saídos em ânsias de respirações demoradas e profundas, povoando os ares salobros, fruto de uma maresia suave e saudável, enquanto lá em cima estampado, esperava parado o provocador do meio-dia, e ouvindo os gritos escandalosos que sem temores nem vergonha gritavam uma à outra:

Putá és tu seu estupor maldita, ainda no outro dia, quando fui fazer a cama, estava toda cheia, e tu sabes de quê!

O diabo te leve sua maldita desgraçada, se levantas essa de mim, o diabo te vai comer viva no inferno! A estupor o

que anda a dizer de mim...maldita do diabo, o diabo te coma, condenada!

A arte seguia, com palmas e gargalhadas, temos bons artistas lá na terra, e disso ponho a minha mão no lume! Embora há vezes como esta, que tivemos de importar uma, mas foi só para variar, sempre as da terra com as da terra, não dá, e até me faz lembrar aquela de nem sempre galinha, nem sempre rainha...e neste espectáculo, só faltava que se depenassem, havia água quente, como também havia tempo.

Chega o marmanjo, vinha alvoraçado, faltava-lhe a respiração, correndo, ajusta-se ao relvado, a assistência aplaude, ele sente-se natural, para, respira fundo, é o juiz do jogo, com apito ou sem apito, o que importa é que lhe obedecem, levanta as mãos, dá sinal a cada uma que se acalme, e sempre dentro das quatro linhas, apressado, porque não quer dar tempo de desconto, chama uma delas, fala-lhe ao ouvido, segredo! E quem vai saber..., ela diz que sim abanando a cabeça, ele dá uns passos firmes entra em contacto com a outra que está más raivosa por ter sido a última como preferida, e a coisa na verdade não é para menos, com as palmas das mãos faz sinal que se acalme, ela aperta os lábios com raiva, e com os olhos devoradores (arremeda) a outra parada com os braços caídos e olhos tristes. O homem chega-se mais perto, tocam-se um ao outro, volta ao ouvido, mais segredos...o espectáculo pára, há silêncio, por uns minutos parece não haver concordância, ele volta a falar baixinho com os movimentos de mãos embalando a conversa, ela dá-lhe os olhos conformados por primeira vez e concorda, copiando os mesmos movimentos de cabeça da outra. O árbitro leva uma junta à outra, faz com que as duas se abracem, tudo se acaba, ele é suficiente para as duas. Está visto, não há que

haver ciúmes. O homem é homem... a bola vai ao ar, é apito final, empate!

Todos para casa! O que estão fazendo aqui? Não têm nada que fazer? Todos para casa, pronto, está tudo acabado, não há nada para ver!

Sic transit gloria mundi.

Para mim, é mesmo uma grande pena, ora vejam lá que agora, uma pessoa já nem pode levar os pecados em cestos, nem malas, que vem ele, abre, deita fora alguns mesmo de propósito, e lá vão eles correndo como perdizes, dando voltas por toda a aldeia, com todos atrás, tentando agarrá-los, com paus, pedras e linhas de nylon com anzóis nas pontas, pescando pecados claro, outros a correrem pelos fios de telefone, e saindo em ouvidos impuros. Galinha que come os ovos, nem que lhe cortem o bico. O que lhes convêm, guardam, e em segredo, usando o conto do vigário enveredam lá por essas veredas de todos, fazendo grupos e lá vão.

Ele no escritório, contando as que queria... esta fode, e esta também, ai... ai... ai, tem que vir ao escritório, a coisa tem de ser feita bem-feita, o preguiçoso trabalha duas vezes, uma para arremediar, e a outra para emendar o que fez mal, temos que dar conta disso, não há que ser preguiçoso...o trabalho tem de ser feito o mais depressa possível, e como dizem, não deixes para amanhã o que podes fazer hoje.

Logo depois do meio-dia, lá estava uma dos pecados abertos, e o tipo, sentado com bafo a vinho, o pobre não pára, pela tarde a secretária sempre estava de férias, o trabalho pela manhã era um, à tarde era outro, para ele era o melhor, o da manhã era sempre o mesmo, e como dizem,

nem sempre rainha, nem sempre galinha, e ele a tratar de convencer que também podia, com o poder que tinha, sim que podia, era só ela querer, e tocava-lhe na perna, sim que podia, e voltava

a tocava-lhe no braço, o que ela fodeu, fodeu, dizia-lhe que agora o tivesse como amigo, e riam, sim, sim, como amigo íntimo, claro tudo se pode, e mais um passar de mãos pelas pernas, a porta estava fechada, ninguém pode entrar, não há problemas, os beijos não são pecados, e vai um beijo, e a coisa continuava, quem sabe, sabe, diz a canção, se amar é pecado, eu quero pecar!, mas quem passou, passou; Porque se não passasse quem passou, o que passou, não passava, como também não passariam, as desgraças que mais tarde passaram.

Houve penitências para as que quiseram, e para as que não quiseram, prendas para umas, prendas para outras, medalhas de honra para a fulana de tal, abraços de castidade e lenços brancos de devoção, que algumas até hoje trazem com respeito, porque já passaram tantos anos... tudo se esquece, os anos passam, e nem se lembram, como também não se irão lembrar os demais.

Ora pro Nobis... mas, mais um dia, ou menos um dia, tudo se sabe.

Honra seja feita, quantas coisas começaram tortíssimas, para que depois pudessem terminar direitas? Valha-me Deus, olhem o cajado...

Houve mais contos, contra contos, semicolcheias, fusas e semifusas, mais mexericos, mais histórias com barba, sem barba, mais partidos, mais repartidos, com divisões que se redobravam, mais amores, mais dissabores, mais madeixas, cruzadas, partidas, à frente a trás, mais flores, mais jarras, e um "ror" de outras coisas mais, com folhas à debandada, num "cabedal" de noites; mas desta vez sem "cabrito" e sem Banda, mas com um ***Carnaval*** descuidado, tanto

assim, que nem mandaram fazer os paramentos bordados a ouro e sal para a ocasião, como de costume, nem perderam tempo à procura do outro já usado, nas gavetas vazias de uma sacristia leviana e adúltera que Deus me perdoe se é mentira, mas mentira não é nem será, cantem o que cantem, que em contos do vigário não vou, *alguém viu alguém, e disse a alguém, mas que não dissesse a ninguém desse alguém que viu, se há alguém que mais sabe, é esse alguém que viu, o outro alguém que ouviu, e quem foi visto, nada mais*, não quero difamar ninguém, nesta trilogia do comer beber e foder estamos todos na mesma sopa, metidos neste caldeirão do mundo, agarrando uns mais do que outros, ora nisto, ora naquilo, safa-te daqui, safa-te dali, à pressa, devagar, há o tempo todo no mundo, espera, não é preciso correr, p'ra chegar à festa tem tempo, quem corre cansa, e se não que o perguntem, os sinos não tocam por si, tem de haver alguém que os toque, não falo dos que usam esse motor eléctrico, mas ainda bem, os pobres também merecem, sempre aí pendurados, diga-se lá, mas isto de andar neste mundo já não é como dantes, um já não escraviza o que é seu, e santos já não há, a não ser o nome que amigos tenho com ele, quando havia, cada santo tinha um ou mais, um para isto, outro para aquilo, quando não eram as escravas do senhor, o melhor é me calar se não vou dar com santo Agostinho e santa Clara claro, escrevendo o que foi dito não é pecado, é preciso medir duas e três vezes para cortar uma vez, é coisa antiga, dizem os do ofício, nem preciso viver rezando, tempo há para rezar que também é preciso mas não sempre, há tempo para tudo e para tudo o tempo chega, só basta querer, por mim ando sempre no presente nestas coisas, o futuro a Deus pertence, eu quero é o meu, o meditar é que é pouco, seja lá a vontade de Deus, um resigna-se, já é o bastante, cadeira no Céu ninguém me tira, a minha ainda está com quatro patas, equilibra-se bem,

e é levezinha, pode levar-se para onde se quiser, mais p'ra cá, mais p'ra lá, ao pé desta, ao pé daquela, esta pode, aquela não pode; a não ser que o anjo não me deixe, isso não sei ainda, mas se for o anjo que diga, foi Deus que mandou, com a vontade de Deus não se discute, mas sacristias é que não se fizeram p'ra isto.

Ámen dico vobis quia onus vestrum me traditurus est.

Por um tempo, quando tocavam as Ave Marias, quando já não havia ninguém na Igreja, muitas vezes lá estava uma alma desfolhando as badaladas, como quem desfolha um malmequer...sim, não, agora, sim, não, já é bastante, não precisa tocar mais, sim, não...e ficava cansada esperando o final das badaladas. Sentada, esperava quem não tinha que esperar, era o tocador, era que lhe abrisse a porta, a mais pequena, a do lado que dava para o quarto dos irmãos, havia uma luz na esquina que sempre estava partida de propósito; e como ladrões, metiam-se lá dentro, subiam ao quarto dos santos, como quem sobe ao Céu e encontram todos os santos, uns tapados, outros por tapar, uns dormindo, outros fazendo que não vêem, e despiam-se, pendurando a roupa nas mãos destes que lhes abriam os braços dormindo, o Senhor dos Passos, com os cabelos desgrenhados, e olhar triste, com a cruz descansando no mesmo lugar que estendiam o tapete que lá vivia enrolado desde ontem, aquele olhar fundo não mete medo, nem chegam os pensamentos das pétalas desfeitas dos malmequeres, das badaladas dos sinos, do fulgor, da ansiedade de carne, sem prazer e medo; e faziam amor, gritavam, e faziam mais amor. Os santos sempre dormindo, ou fazendo que dormiam, que estavam cansados. Era o cansaço, coitados. Batiam as sete, as oito, e saíam às dez. Primeiro era ele, olhava, não havia

ninguém, tudo estava calmo, ela sai, não está viva alma na fonte. E, todos os dias o sino...ia diminuindo as badaladas, até que só tocava três sem forças.

No dia que destapavam o santo, e traziam-no para o andor, lá estava ela, beijando-lhe os pés, fazendo que beijava, mas dizendo-lhe baixinho que guardasse segredo, dos gritos, das roupas que lhe pendurou nas mãos, dos beijos roubados e amor perdido, que para a próxima lhe traria algodão, e lhe encheria os ouvidos, para que não o incomodasse, que a desculpasse, mas o amor é cego, e cego é quem não vê o amor.

Mal eles subiam, para serem tapados, com as tais cortinas em roxo, esqueciam-se do algodão e das promessas.

Ora pro nobis, Ora pro nobis.

Passa uma Procissão em balbúrdia, mascarados abacinados que passavam onde não deviam passar naquela rua de todos, com o Balgata, e uma assistência aplaudindo debruçada no peitoril das janelas, por detrás das portas, encostados às portas entreabertas, sentadas nos alisares, dando de mamar ao filho, com o bordado no regaço, fingindo que não vê quem passa,

*Já me piquei, foi no dedo grande.
Se foi nesse é lembrança, tua cunhada vai ali.
O diabo que na leve,*

Aparecem uns chuviscos, todos tratam de fugir ao mesmo tempo, mas não é nada, num instante tudo passa, os rapazes estão sentados nos muros que circundavam o mar.

*Os dele batiam palmas,
quem não era só se ria,*

*beatas sempre lá houve,
de noite como de dia.*

Cinquenta anos mais haverá outras, naturalmente diferentes caminhos, diferentes passadas, de bola não será que bolas há de fartura graças a Deus...mas como agora todo o mundo quer construir, e destruir, não será nada raro ver um desses seguidores do Solipsismo que andam por aí de batina posta por pôr, sem dizerem o que deveriam, *faz o que eu digo, mas não faça o que eu faço*, se ponham algum dia quando aí chegarem, obstinados na árdua tarefa da reconstrução da Barca de Caronte.

Não me julguem por ficar por horas intermináveis codificando, dando a este o que deveria ser deste, restituindo ao outro o que deveria ser dele, bradando a justiça e a verdade, mas mesmo assim nesta migalha da vida, isto de codificar, ainda não é o suficiente.

*As varandas do cais,
Já não se chamam varandas,
Já não se chamam varandas...
Chamam-se profissionais,
P'ra confessar as malandras,
P'ra confessar as malandras.*

*Sim, sim, sim...
mas dizia o padre que não era assim.*

A capitania mandou construir um cais, por sinal um dos melhores para a altura.

Na altura, servidos por via marítima pelo Gavião, (mais tarde Milano, dos restos deste) vieram outros, como a Tigre, e a Ponta do Sol, num horário semanal, chegada entre as onze e onze e meia da manhã, partida ao meio dia (12 horas), chegada às quatro ou quatro e meia da tarde, saída no outro dia às quatro e meia da manhã.

Na altura do Inverno, devido ao mau tempo, havia ocasiões, que só havia "Lancha" ao meio dia, porque era muito perigoso e não queriam passar por problemas no escuro da noite; no entanto por vezes, lá quando o mar estava melhor, mandavam uma que chegava pela madrugada.

Num desses dias, com todo o Paúl esperando a "Lancha", que não se cansava de baloiçar nas ondas, abrindo a custo o passo; esperando pelo momento preciso, para passar de um a um os passageiros a uma canoa de quatro remos, ajudados por homens feitos ao mar à força e fogo, e que depois os iam deitar no cais.

Havia gritos, alaridos, opiniões, tudo num mar confuso e sadio, que retiniam em linha de desespero desde a "Lancha " até todo o Paul.

Havia dos que levantavam as mãos a Deus, e dos que Deus lhes fazia levantar, mas todos eram um só.

" Errare humanum est "

A primeira Canoa aproxima-se, espera pela onda; os quatro remos batem compassadamente, como se estivessem cantando... vem outra, os remos aguentam empurrando-a para a frente, esta é mais forte, e a canoa está mais perto do cais. Há suspiros em suspenso. Ela eleva-se. Vive-se sem respirar... a onda passa, a proa da Canoa sobe apontando o Céu; há gritos...mas a onda passa fugindo, e a proa volta a encabeçar o mar, numa vitória ofegante os vencedores aguentam a remos. Os quatro sabem que agora ou nunca têm de chegar ao Cais; não estão longe, avançam de popa, os remos não param, há mocidade nas mãos,

Agora! Agora! Agora! Cia! Cia!

Assim! Sempre!

Mãos seguras e espertas estão esperando, com cordas.

Chegam ao Cais finalmente, há um alívio pintado em todas as caras presentes, um

Ai meu Deus!

A manobra é rápida, os passageiros começam a desembarcar ajudados por mil mãos.

Os abraços aos que chegam, abraçadas em críticas.

Estava pior que o ano passado, mas mesmo assim saltamos melhor... a pena é não termos caminho de carro...

Cuidado, vem outra onda, larga! Larga.

Largam as cordas, e a canoa vai, com metade dos passageiros abordo, faz-se ao mar, outra vez, sobe a montanha da onda, os remos levantam-se vitoriosos, e descaradamente, num galopar brilhante, arranca o obstáculo que o mar lhe criou. Volta a encabeçar, sobe outra vez, e pára. Os remadores já estão prontos para traze-la de volta ao Cais, mas ouve-se

Vem outra! Rema p'ra fora! Vem outra!

Cuidado! Mete-lhe a proa! Agora!

Três vezes a canoa foi à "Lancha" agarrar passageiros, e todas as vezes passou-se da mesma maneira, mas na última, talvez o cansaço, talvez o traiçoeiro engano do saber por experiência imposta a pulso e força. À quarta, o aviso veio tarde... os remos faltaram-lhes à força necessária da luta, as mentes fecharam-se aterrorizadas, e aí ficou, mesmo perto do Cais. A onda bateu-lhe quase de lado, pegou-a por uns segundos no ar levantada e perdida, mostrando todo o cinzento do costado a todos os que lá

estavam, como prova de que ele era o soberano, e sem dar mais tempo, arrojou-a nesse mar prestidigitador feito a lágrimas.

Vencida, com os (costões) apontando o Céu, dançando em agonia, enquanto a onda energúmena e vaidosa seguia contente consciente da vitória sem ter de olhar atrás.

Houve segundos de espanto... Transidos, deixou-se de respirar, cerraram-se os olhos por pavor, o tempo estancou, a onda gigante colou-se à parede da rocha, fez-se a obra, sem ser preciso o artista, as nuvens apagaram-se do Céu por um borrador invisível, o sol estagnou, o vento paralisou, nem "*uma agulha bulia*", mas veio a compressão e num relâmpago, tudo se comprimiu e de repente a explosão! Tudo se moveu. Um gesto... respirou-se fundo, a rocha desprende a obra pendurada num amem, o sol andou, (parece que realmente andou) e houve mais luz!, apareceram gritos de agonia lavados em prantos de dor e desespero, as nuvens voltaram ao Céu, o vento empurrou, e respirou-se todo o ar do mundo.

Estão lá! Estão lá...

De um a um foram aparecendo os passageiros, uns segurados aos remos, outros aferrados à demente Canoa, que boiante e à toa jazia desconsolada e sem forças.

Foi tudo uns segundos, os Jovens, que como sempre, já estavam preparados para o pior, deitaram-se ao mar, e sem medo, com mestria de mestre, de um a um salvaram toda essa gente; havendo nesse dia passageiros que não sabiam nadar. Por ironia do destino, uma mulher ficou boiando porque a saia que levava, encheu-se de ar, e fê-la flutuar sem perigo, até que a foram socorrer.

Todos os passageiros desta última Canoa eram de outras freguesias, era aí que todos se sentiam magoados e

oprimidos, dominados por um coração revoltoso, os originais falhos da minha terra.

Era nestes momentos simples e cativos, que mais o povo se irmanava, ajudando desconhecidos com tudo aquilo que podiam; roupas, oferecendo-lhes comida, palavras de consolação, agasalho; os frutos eram as novas amizades que florescia sempre nessa nossa adorada terra.

A Canoa, também foi recolhida, conseguiram subi-la; havia bons canoeiros lá na terra, e sempre como costume Paulense, num desastre, todos acudiam, e a nenhum, lhes passou pela cabeça cobrar seja o que fosse, mas trabalhavam duro, usando muitas vezes o seu próprio material sem querer qualquer recompensa.

Poucas horas depois, com a ajuda de todos, já ela estava pronta para voltar ao serviço ingrato e diário a que tinha sido destinada.

Sempre que a "*Lancha*" chegava, era um acontecimento inédito; Começava a " *festa na aldeia*" com presença marcada à chegada da "*lancha*"; por distração e por curiosidade. E todos se formaram em jornalistas, em luctores; construíram jornais fantasiados, estações de rádio invisíveis, que por deontológicos que eram, faziam soar zumbidos até as madrugadas, e as notícias passaram a fazer parte da vida diária na aldeia, ao ponto que já ninguém podia passar sem elas, porque ficavam desconsoladas e pálidas, perdia-se a vontade de comer, tudo parava, e de olhos vidrados olhando o mar sem ondas, sem cagarraz a passar cantando pela madrugada, com um sol teimoso, paravam, e na primeira pedra que encontravam, sentavam-se e assim ficavam, até que tudo voltasse a funcionar. Voltaram as fantasias, os invisíveis e tudo com o sol mentiroso e mansinho.

(Numa tigela grande, mistura-se um litro de vinagre de vinho, dois litros de água fria, sete alhos de porro bem picados, um ramo de salsa cortada, uns grãos de sal grosso, uma colher e meia de açúcar por refinar, três folhas de loiro da rocha, 12 folhas de urtigas, um ramo de estramónio, um raminho de arruda, manjerona e orégãos o que quiser, quem tem aguardente deita um gogue; mistura-se tudo bem com as mãos; vazar todo o conteúdo para um alquidar de barro, e à cabeça, e assento na "cama da sogra", sair à rua, e aqui temos a receita das notícias fresquinhas a pingar, onde todos zunzunavam por hábito.)

*E se quer melhor receita, fale com a vizinha do lado,
que lá receitas ela tem graças a Deus e muito bem lhe
pode passar uma.*

No bar da mercearia da esquina, ouve-se em Ladainha:

" Bacalhau cozido.

Hurra!

Bacalhau Guisado.

Hurra!

Bacalhau assado.

Hurra!

Com salsa pimenta e alho.

Hurra!

Resina p'ra curar os calos,

"Ora Pro Nobis."

Sonhar é fácil.

*" Eles não sabem que o sonho é uma constante da
vida."*

Se sonho, também sonhas.

Oito horas da noite, o tipo que dorme no camarote de
cima com o seu fado...

*“Noites bizarras,
Em comunhão,
Andam guitarras,
A gemer de mão em mão.”*

No outro em frente um gringo com a sua canção preferida.

*Angie, Angie when will those
clouds all disappear.
Angie, Angie where will it lead us from here.
With no loving in our souls,
and no money in our coats,
you can't say we are satisfied.*

O tipo do fado canta mais alto, pobre fado, de ré menor passa a oitava acima, aqui mora a confusão em vez da Moraria.

you can't say we are satisfied...

Aposto, que se não apagares essa merda, vou satisfazer-te mas é de verdade...

O outro não lhe dá ouvidos. Era sempre a mesma coisa todos os dias. Pego nas fotos de minha mulher e de meu filho. O maroto já deve estar muito diferente, da última vez que falei por telefone, minha mulher disse-me que estava uma jóia.

O gringo pára a música, o fadista guarda o seu fado para amanhã, apago a luz, o barco balanceia, com os olhos cerrados, jogo com o tempo, ora ponho-o em retrocesso, ora ponho-o um pouco mais à frente, assim.

Passam-se tantas coisas, pergunto-me se me serviram...Ao fim e ao cabo, foi bom tempo esse... Passam de um a um, uma procissão de professores, colegas, passeios, lugares, é uma autêntica *Maratona Olímpica* com corredores por toda a parte, fico à escuta, ainda vivo? Nada mais que o som das máquinas. Segue-se o desfile... tudo tem a sua graça, e tudo tem o seu fim.

O gringo abre a porta, traz um sorriso, vem satisfeito, hoje vai ouvir a sua canção sem a interferência do fado, o fadista está de guarda.

*Angie, I still love you,
remember all those nights we cried,
all the dreams we have so close,
seem to all go up in smoke,
let me whisper in your ear,
Angie, Angie where will it lead us from here.*

Depois de muitos anos, com noites mal fadadas, e dias invernosos, volto à Ilha que me viu por primeira vez, e levo comigo a tiracolo, saudades enxovalhadas pelos tempos ingratos, e a ceifa das penas da minha Alma, já sem cor de tanto ser lavada, e que nem a lixívia quer tapar as nódoas negras, pingadas por uma chuva torrencial, com desgostos ornamentados de saudades, que a cada passo, faz-me reviver num mundo tão frio que me chega mesmo a congelar os ossos.

Cheguei todo inteirinho, depois de um bater de palmas, porque o avião fez uma aterragem perfeita. Com uma mala de mão e outra na bagagem, volto a respirar o ar puro da minha terra.

No mesmo dia fui para o Paúl, cheguei já noite, levou-me o Santos no seu carro. Minha Mãe estava tão abatida, descuidada e cansada, com os cabelos desgrehados e vadios, já sem cor, e mãos de falecida, um olhar vidrado, que reflectia angustias, pintadas por um reflectir de palavras mudas, e outras caídas à solta, o que, não só os anos posso culpar. Já não me reconheceu, foi preciso dar-lhe tempo, deixa-la reflectir, ajuda-la a abrir a porta do tempo, atrasar o relógio, desembrulhar primaveras, apagar o barulho, e sentar-nos num silêncio sepulcral, e esperar... Só assim é que voltou a ser a Mãe, e abraçou-me, chorou, espalhou mágoas, soluçou cansaços, encheu o peito das saudades perdidas, e mastigou prazeres.

Foi ao passado, arrancou das folhas perdidas no Outono as minhas diabruras, e rindo num riso quase esforçado,

voltou a contar-me a velha história da Carriça, abanando a cabeça, falou-me das minhas escapadelas de casa quando os meus amigos me chamavam por assobios, e de como ela ficava zangada quando se dava de conta que tinha saído, e tantas outras coisas, da Nina, o cão mais fiel que já tivemos, do Sultão o gato da casa, e quando terminou, estava lavada em lágrimas.

Na manhã seguinte, quando me levantei, notei que eram outras as Avencas, os Fetos de metro, as Begónias, as Orquídeas, mas seguia cuidando-as igual como se fossem as mesmas, com a mesma determinação amor e zelo, não importava que as mãos já lhe tremessem, tirava com muito cuidado as folhas secas, mudava-os para um lado ou para outro, conforme precisavam ou não de mais sol, e orgulhava-se de ter as flores mais lindas, apesar de tanta tristeza lhe ter batido à porta, sentia-se como as flores, de coração grande e aberto, como o coração que sempre foi, de uma mãe, agora que já se foi, é quando mais me faz falta, e arrependo-me de tantas vezes a ter contrariado, e de tantas vezes deixar perder a oportunidade de ajudá-la.

Quando saí, vi tudo diferente, já não era a mesma gente, nem o mesmo fado, levou-me dias para acreditar que este lugar onde estava, era a minha terra, os caminhos eram mais estreitos e vazios agora. Soprava uma aragem de silêncio, as casas pareciam-me mais pesadas e tristes, encostadas umas as outras como para se protegerem do medo e do abandono, com janelas fechadas e portas metálicas, e senti-me um estranho onde nasci. Procurei, mas não encontrei as árvores onde brincava, em seu lugar há um tronco nu, roto, cansado, podre, desapiedado, abandonado ao tempo, estátua morta. A rocha apontava-me, dando-me sinal com um dedo, era atrevida e desequilibrada, que tive medo, medo de que o Santo se descuidasse, e me passasse o calvário. Roubaram a água do

adro, isto é, não a água, as virtudes, ninguém sabe se de dia, se de noite, anda tudo desemproado, venha o que vier, quem vier, tanto faz, deitaram ao mar o pergaminho da lei de Xenelasia,

Isto é Portugal e é de todos,

o açúcar agora é o mesmo preço, tanto lá como cá, mandam mais caruncho, pois agora fura-se tudo, já era tempo, sempre a receber não serve nem dá jeito, tirar ainda pior, já tiraram parte do mar, falta tirar a rocha, assim davam descanso ao Santo que deve andar enfadado de tanta rocha aguentar, o sino do campanário é outro, toca mais baboso, foi-se o bater doce e Esperançoso do outro, está todo chocho e desalinhado, sem aquela Fé de antes, anda a Esperança com as telenovelas, o que dá hoje, o que será amanhã,

O diabo que a leve.

O que aquele bicho foi fazer.

Aquele estupor maldita...

Que o diabo a coma.

O raio que te parta sua malvada, (estracinhava-te).

O que ela queria eu sei o que é, mas está bem enganada.

O que não há nem haverá é o *Pelourinho*, com praça ou sem praça, no dia que nele houver, deixará de ser Paúl, mas que está tão longe do outro sim que está, tão longe como a Alma, levaram-na quando levaram aquela pia baptismal que era de todos, e que todos tomaram o seu primeiro banho e se calhar também lá aprenderam a nadar, mas que Sua Excelência decretou, com pergaminho, ou sem ele, talvez palavra, talvez palavras, quem vai saber nos tempos de hoje, não fizeram mais que empurrá-la ao mar, que fosse ensinar a nadar aos peixes, pedra que de lá veio, pedra que

p'ra lá foi, não era mais que uma pedra, mais uma, menos uma não ia fazer o calhau maior,

Que o digam agora, vamos lá, subam lá o muro e vejam, se é que podem.

Então deixe o mais novo subir, e que ele lhes diga.

Está bem, não podes, espera, vamos pedir a escada à vizinha.

Está dizendo que não compreendo, está enganado, compreendo perfeitamente, como não vou compreender, Igreja nova, pia nova, mas nossa não, de outros.

Fiquem descansados que por este crime, não lhes vão fazer monitoria.

O relógio aoristo, que um dia tinham encontrado parado às três da tarde de mil quinhentos e setenta e dois, ainda lá anda, e andar, enquanto mundo for mundo, e que lhe rasguem a alma e partam o coração, segue caminhando sem se importar de regras. Foi quando desejei ouvir o cantar do galo, correr nos caminhos vadios, e voei ao passado, hoje sei por experiência própria que essa nostalgia está sempre presente na Alma de todo o Pauleiro, o que leva muita gente a pensar que são racistas, quando na realidade é por um amor sem limites ao lugar, porque uma gota de sangue, sem querer, pintou o ponteiro dos segundos do tal relógio parado, que agora caminha sem se importar com as horas dos meridianos, das fases da lua, dos equinócios e solstícios, porque já lhe arrancaram a corda da alma e ligaram-no com um enredo de fios de cores diversas, para que nunca se enfastie e caminhe deixando um rasto quente, dum coração que bate em corpo de sangue frio.

Fiquei parado, mesmo na soleira da porta, triste e só, porque lá dentro, vivia emaranhado o labirinto, embebido numa neblina de nostalgia cega, com teias transparentes enredadas nas janelas a moscovite, soando por todos os poros dos muros de tijolos, pintados a sal; das gretas nas chaminés altas como pilares de Babilónia das conservas, das falhadas primaveras salgadas, dos néscios lírios envolvidos em açúcar, dos figos passados que nunca passaram, das vindimas, e nas Galitas as amoras que sangraram em cada primeiro de Maio.

Os sessenta dias que lá estive, foram sessenta anos tristes, desconsolados, com ecos diferentes, sem Primaveras soltas, em tudo via sonâmbulos passando abanando a cabeça, *parece que te conheço*, tudo era vazio, que força foi essa de lhes pegarem pelos pés, levanta-los e fazer-lhes derramar tudo, ficarem as noites sem serenatas e uma Lua toda triste que foi testemunha de tudo isto; sessenta anos de

Outono, com folhas amarelentas e secas, caídas a cada passo, por caminhos desconhecidos, que nem os que lá vivem reconhecem. Porque faz falta a Alma de antes, aquela Alma só Pauleira, e que era só, só nossa como a pia.

Não era o mesmo lugar que anos antes tinha deixado, com tantos castelos de areia construídos nos meus sonhos, mas é a minha terra.

Sentado no alto daquela “*pedra mole*, “ apanho uma bebera doce como o mel, dos galhos da figueira que a abraça.

Olho o mar azul e tão pertinho, com as ondas que quebram nas montanhas dos telhados, e, que se desfazem brancas até que se somem, por um caminho tapado, onde nada passa.

Num descampado livre, olhando o campo morto, onde antes havia flores cuidadas e jarras vestidas, há cruces metálicas tombadas, e vitrinas com retratos partidos...

Um carro passa voando.

Canta um *canário da terra* o hino das Saudades.

" *Ex corde* "

Fui um dos que lá estavam junto ao tal muro da saudade quando um pintor por loucura me pintou e igualmente pintou aos que no momento se encontravam comigo, quando despertei já levava duas camadas, nervoso ou não,

entrei a estado de choque, deram-me outra mais e lá fiquei atracado nesse vítreo brilhante e transparente para os de fora, mas opaco triste e poeirento para os de dentro, cheguei a viver numa farmácia, não para vender, para comprar, vivia lá, era disto, era daquilo, dói aqui, dói ali, dói em todo o lugar, a mim não dói, nunca me dói nem doeu, nem sei chorar, *nunca me ensinou minha mãe, nem a chorar, nem a rir*, por isso chega-se a tudo, é mesmo chega-me tudo e vou de tudo ao nada; Louvado seja Deus, se vem dele aceito, se não vem, que vou fazer...o melhor é aceitar, por isso aceito tudo, da mesma maneira que não aceito nada, mas aceito, seja dele ou não só que quando é dele fico satisfeito, é natural, até fico contente, somos todos iguais, temos o mesmo sinal na mão direita, não há que preocupar-se, se é este ou aquele, na vida há e não há desgostos, tudo é repartido, o mal é que nunca reparto, nunca me cabe essa tarefa pela sorte ou por não, agarro sempre a merda, ao menos penso, como também pensam os outros iguais a mim, até já me esqueci do que é a dor, são águas passadas, joguei-as pelo mar fora como quem joga uma âncora no mar largo para não a recuperar, perde-se a âncora, e lá se vai a cor, a forma, e a corrente que a prende, agora não, que a prendia, ficamos sem nada, começamos no zero, não como os Romanos que começaram no 1, não é tão limpo, mas, traz respeito; Eu começo no zero, se é que lhe querem dar, também se não derem, não faz falta, nunca fez, e se fez, não me lembro, como não me lembro do que nunca fiz e me jogam à cara, mas está bem, não vão terminar Primavera, nem vai escurecer o sol, o último a rir ri melhor, o mal é que não sei rir, *nunca me ensinou minha mãe, nem a chorar, nem a rir...* mas como já disse, está bem, houve quem se resignasse, cada qual é o que é, pensa como quer, faz o que lhe dá na "gana", uns sentaram-se, com o copo na mão e lá ainda estão, (no pedral), (entre a

cal e a parede), sem se importarem de que o sol voltará a nascer no dia seguinte, da mesma maneira que nasceu no dia em que escolheram o banco calejeiro das marcas calosas dos que por lá passaram, passam e passarão rios de multidões sem levar tempo e hora, segui igual que seguiram muitos outros tratando de encontrar o fim, havia *um cabedal* de portas, cada uma com o seu nome posto na frente e bem ao alto, estampadas a esmeril, abertas de par em par que nem precisavam de postigos mas tinham, foram feitas de encomenda, o mestre quis dar-lhes um toque de graça e amigo melhor que o pintor que me pintou e pintou aos demais, atravessamos os labirintos com acesso aos quatro cantos do Mundo, haviam corredores enormes que pareciam que continuavam a crescer a cada hora, aí cada um escolhia o seu, todos davam para salões gigantes iluminados com luzes despidas, com os filamentos em brasa, riscando linhas lodosas e salpicadas a pó-de-arroz, emaranhadas por cortinas estampadas de flores que envelheciam por cada palmada de Sol, rugosas e pálidas, como tu e eu, que se desprendiam a cada esquina, com argolas soltas, ferrugentas que anos antes tinham sido de cobre falso, mentiam igual a quem as fez, agora rendiam-se de uma a uma, já um montão caídas, e eram cientes da entrada de luz, sacrificavam-se para darem vida às janelas moribundas, e *ensopavam-se* como se fossem esponjas que jaziam saturadas, que se secavam num segundo, pura magia, vinha mais Sol, a esponja voltava a beber, era um nunca acabar de beber horas...as quatro, as cinco, as seis... outra vez as quatro, as cinco, as seis...outra vez as quatro, as cinco, as seis, num quarto onde se enche saudades, onde se despeja saudades, se volve a encher saudades, e é um vai vem de encher e despejar, baloiçando como barcos em dias de ventos. Quase sempre de velas cheias, e empanturradas, que nunca se enfastiam e pedem vento, mais vento, e um

dá-lhes mais vento, e elas andam como nunca andaram, olhando os mastros sem medo.

“ Una noche se acuestan con la muerte “

De cara para cima, de cara para baixo, sem medo dos ventos que sopram em tufões surdos e mudos, no regaço daquela fábrica de almas gémeas.

Na esquina, uma mesa, duas imagens de santos mais preferidos, e velas *acesas* ao redor. Um copo *atacadinho* de flores silvestres. Todo vaidoso por deixar de ser o que foi e entrar na escala de jarra, mas ainda com as marcas do batom a volta. *"Empastadas"* como selos de correio, das cartas metidas nas gavetas por abrir, com carimbos em todo o envelope menos neles, e que por medo ou por saudades era escondido por detrás dos santos. Todos os quartos estavam embrulhados, com quadros pendurados por todas as quatro paredes, de um branco pálido e cavernoso, que viviam mais enfeitadas que o vestido da última noiva que vi passar. Eram peças de museu, havia que admira-las, é lógico, já que aí chegamos, (*vai nela*), não precisa jogar bisca, os trunfos são poucos, e melhor é ir na (*avessuta*).

Oh Pablo, Pablo... Recorda de mim?

***"Amo el amor de los marineros
Que besan y se van."***

À mesma mesa está outro igual a nós, mais um clonado.

***"Dejan una promesa.
No vuelven nunca más."***

Era voltar e estar lá, no berço, no colo de alguém, pela mão da mãe, brincando numa escola com paredes meias caídas e soalho cansado que range a cada pisada, semeado de buracos que os maiores usavam pela parte de baixo mesmo junto à porta onde a professora parava, nem quero dizer para quê... as manhas não são de agora, antes também havia, a rama já é antiga, tomando a primeira comunhão, fugindo de travessuras, nas multidões, em festas estragadas ou por começar, nas saudades, nas marés "*secas*", nas marés "*cheias*" "*ganhando bagas*", e quando saíamos da escola nos (*cidreiros*), parávamos gritando à rocha Aaaa... e ouvíamos a rocha responder *Aaaa...*, gritávamos à rocha Bbbb...e ouvíamos a rocha *Bbbb...*, gritávamos à rocha Cccc...e a rocha *Cccc...*, Gritávamos Ummm... e a rocha *Ummm...*, Doiss...e a rocha *Doiss...*, Merrrrdaaa...e a rocha *Merrrrdaaa...*, e riamos, com um rir diferente ao de hoje, hoje é mais condimentado, dão-lhe mais especiarias, mais picante, mais farsante, que vive longe; Os nossos carros de arcos, que eram os arcos dos molhos das canas-de-açúcar, guiados por guias de arame grosso com uma curva em forma de bengala que era dobrada em ângulo recto; Em tudo o que já confessei que é uma gotinha de uma lágrima, não a lágrima toda, valha-me Deus, fosse para pintar a lágrima nunca mais terminava, isto é só uma fatia do muito dessa que teimosa sai fugitiva de vez em quando, sem se importar com o dono, e que já deu origem ao mar.

***"En cada puerto una mujer espera!
Los marineros besan y se van."***

Oh Pablo, Pablo...recordas-te de mim?

Foram anos para tudo isto, salas subdivididas, que se ramificaram como árvores selvagens ao abandono sem

respeitar nada, havia dos que voltavam à primeira sala, uns por nostalgia, outros por perdidos que perdidos eram e aí ficavam com o fado na alma, sempre "***há-de haver quem te defenda mas a tua vida não***", segui andei de sala em sala, arrastando-me segundo as forças, mas mesmo assim ainda aqui estou sem conseguir sair deste todo, houve quem já saísse não nego eu próprio acompanhei muitos ao portão principal, mas também não posso negar que por isto ou aquilo já me habituei à coisa, e de sala em sala ando devagarinho, apreciando tudo, "***dou tempo ao tempo***" o importante já não é sair, é viver, e vivo.

Oh Pablo, Pablo...recordas-te de mim?

***"En cada puerto una mujer espera!
Los marineros besan y se van."***

Não chamem isto de resignação que não é não senhor,
nunca me resignei, não pertenço a essa casta,

*O quê? Ah então vossemecê pensa que é
impertinência anda enganado,*

*Não senhor nada disso, não é impertinência não
senhor,*

*Ah que sou impertinente sim, lá isso sim que sou, não
nega, mas de ser uma coisa e fazer-se outra...*

*Mas as amarras são amarras e quando estragadas
também se partem,*

*Sim, sim muito claro ao certo mas olhe conclusões já
cheguei a muitas e como o outro diz em vez de conselhos
quero é dinheiro, sim é verdade tem toda a razão o
dinheiro não é tudo, os "quadros" não estão à venda, fi-los
eu, vossemecê e ele, uns levaram mais tempo que outros,
mas são todos "quadros", por elas é que há bem poucos
feitos p'ra museu, não se dedicavam a isso, não havia*

tempo, não queriam, as horas passavam rápidas, o croché já era muito, as (bilhardices) um pouco, o tempo mal dava para namorar, valha-me Deus o que estou dizendo, o melhor é calar, pronto, fica o dito por não dito, aí ninguém namora ponto.

"O hábito não faz o monge."

"Los marineros besan y se van."

Cantiga velha, isso já todos sabemos, o que está dizendo homem, que neste caso faz, "tá bem", fica assim, cansado de discutir já ando.

"Los marineros besan y se van."

Beijam e vão *para longe...*

Ainda gostaria de lá voltar, não para tantalizar e pintar tudo de verde, emendar ruas, reencarnar a Alma, sentir-me igual, nem varrer as folhas do Outono perdido, ou mudar primaveras e Luas, tão pouco escutar sinos, e muito menos para chorar pelo que já foi ou plantar árvores, ou até para me ver parado numa porta aberta, com essa mesma nostalgia onde a cegueira de teias e enredos, pintadas em labirintos inigualáveis e impenetrados, nem mesmo até para me reencontrar, com um povo de corações abertos como janelas em dias de sol.

" Dis aliter visum "

*Quero voltar, para arrancar um último pôr-do-sol, e
deixar o último adeus à terra.*

PÉTALAS

*Cálido amor, vivido lentamente,
No balançar das tormentas de Outono;
Pétalas, folhas ou confeitos;
Embelezavam a tua rua com teus jeitos,
Que desgrenhadas, bailaram mudas ao vento.
Sonhou a rosa branca,
E, se desfez aflita;
Mil pétalas em penas,
Num vento incerto,
Brilharam brancas como a neve pura.*

*Parado, olhando a tua rua,
Com minhas mãos vazias,
Fraco e rendido,
Sem receio de um gesto vago,
Respiro esquecendo tudo,
Pois nem pretextos trago,
Mas, com coração cansado e trôpego,
Por viver lutando;
E, ainda me chamam louco.*

*Ando nos mares de ânsias,
Com velas castiças,
De cor de esperança;
Passo os murmúrios de pássaros,
E, meridianos de injustiça;
Conto estrelas, nas noites ardentes,
E oiço o cantar de sereias.
Nestas águas revoltas,
Resisto ao tempo e às mágoas,
Até que se acabe o Outono.*

" Domi manere virum fortunarum "